CPAD

O VERDADEIRO PENTECOSTALISMO

A Atualidade da Doutrina Bíblica sobre a Atuação do Espírito Santo



Esequias Soares

O VERDADEIRO PENTECOSTALISMO

A ATUALIDADE DA DOUTRINA BÍBLICA SOBRE A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Esequias Soares

O VERDADEIRO PENTECOSTALISMO

A ATUALIDADE DA DOUTRINA BÍBLICA SOBRE A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO

Esequias Soares

1ª edição

CPAD

Rio de Janeiro
2020

Todos os direitos reservados. Copyright © 2020 para a língua portuguesa da Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Capa: Wagner de Almeida
Projeto gráfico e editoração: Paulo Sérgio Primati
Revisão: Daniele Soares
Conversão para ePub: Cumbuca Studio

CDD: 250 Prática e Teologia Pastoral
e-ISBN: 978-65-86146-13-4

As citações bíblicas foram extraídas da versão Nova Almeida Atualizada, edição de 2017, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br.

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-021-7373

Casa Publicadora das Assembleias de Deus
Av. Brasil, 34.401 – Bangu – Rio de Janeiro – RJ
CEP 21.852-002

1ª edição: Outubro/2020

sumário

Capa

Folha de Rosto

Créditos

ABREVIATURAS

NTRODUÇÃO

capítulo 1 A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO

capítulo 2 A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NO PLANO DA REDENÇÃO

capítulo 3 O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

capítulo 4 A ATUALIDADE DOS DONS ESPIRITUAIS

capítulo 5 FRUTO DO ESPÍRITO: O EU CRUCIFICADO

capítulo 6 SANTIFICAÇÃO: COMPROMETIDOS COM A ÉTICA DO ESPÍRITO

capítulo 7 CULTUANDO A DEUS COM LIBERDADE E REVERÊNCIA

capítulo 8 COMPROMETIDOS COM A PALAVRA DE DEUS

capítulo 9 VIVENDO O FERVOR ESPIRITUAL

capítulo 10 O SENHOR JESUS CURA HOJE

capítulo 11 COMPROMISSADOS COM A EVANGELIZAÇÃO

capítulo 12 A URGÊNCIA DO DISCIPULADO

capítulo 13 VOLTADOS OS OLHOS PARA A BENDITA ESPERANÇA

abreviaturas

- **ARA** Versão de João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Atualizada no Brasil. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2016.
- **ARC** Versão de João Ferreira de Almeida, Edição Revista e Corrigida. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- **BKJ** Bíblia King James. Niterói, RJ: BVBooks Editora, 2017.
- **BKA** Bíblia King James Atualizada. Niterói, RJ: BVBooks Editora, 2012.
- **CEB** Common English Bible. USA: Common English Bible, 2013.
- **HCSB** Christian Standard Bible. Nashville, TN: Holman Bible Publishers, 2009.
- **KJV** King James Version. The Holy Bibke. New York: American Bible Society, s/d.
- **LXX** RAHLFS, Alfred et RANHART, Robert. *Septuaginta, Editio Altera.* Stuttgart, Germany/Barueri, São Paulo: Deutsche Bibelgesellschaft (Sociedade Bíblica Alemã) e Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.
- **Mof** James Moffatt. A New Translation of the Bible. New York, Evanston and London: Harper & Row, Publishers, 1954.
- **NAA** Nova Almeida Atualizada. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017.
- **NASB** New American Standard Bible. Chattanooga, TN: The Lockman Foundation, 1977.
- **NTLH** Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- **NVI** Nova Versão Internacional. São Paulo: Editora Vida, 2000.

- **NVT** Nova Versão Transformadora. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2016.
- **TNIV** Today's New International Version. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007.
- TB Tradução Brasileira Barueri, São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.
- TEB Bíblia Tradução Ecumênica. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

ANTIGO TESTAMENTO	
Gn	Gênesis
Êx	Êxodo
Lv	Levítico
Nm	Números
Dt	Deuteronômio
Js	Josué
Jz	Juízes
Rt	Rute
Sm	1 Samuel
Sm	2 Samuel
Rs	1 Reis
Rs	2 Reis
Cr	1 Crônicas
Cr	2 Crônicas
Ed	Esdras
Ne	Neemias
Et	Ester
Jó	Jó
Sl	Salmos
Pv	Provérbios
Ec	Eclesiastes
Ct	Cantares
Is	Isaías
Jr	Jeremias
Lm	Lamentações de Jeremias
Ez	Ezequiel
Dn	Daniel
Os	Oseias

Jl	Joel
Am	Amós
Ob	Obadias
Jn	Jonas
Mq	Miqueias
Na	Naum
Hc	Habacuque
Sf	Sofonias
Ag	Ageu
Zc	Zacarias
Ml	Malaquias

NOVO TESTAMENTO	
Mt	Mateus
Mc	Marcos
Lc	Lucas
Jo	João
At	Atos
Rm	Romanos
Co	1 Coríntios
Co	2 Coríntios
Gl	Gálatas
Ef	Efésios
Fp	Filipenses
Cl	Colossenses
Ts	1 Tessalonicenses
Ts	2 Tessalonicenses
Tm	1 Timóteo
Tm	2 Timóteo
Tt	Tito
Fm	Filemon
Hb	Hebreus
Tg	Tiago
Pe	1 Pedro
Pe	2 Pedro
Jo	1 João
Jo	2 João

Jo	3 João
Jd	Judas
Ap	Apocalipse

introdução

O *Verdadeiro Pentecostalismo* abrange o aspecto bíblico, teológico e prático do pentecostalismo assembleiano brasileiro. Bíblico porque cada ponto da doutrina pentecostal, ser batizado no Espírito Santo, glossolalia, dons espirituais, fruto do Espírito, curas e os diversos tipos de milagres não aparecem do nada; tudo isso está na Bíblia. Agora, o que fazer com essas coisas? Esses dados da revelação divina precisam ser organizados e bem estruturados para que todos crentes possam entender o pentecostalismo sem muita dificuldade, a isso chamamos de teologia pentecostal. A formulação teológica não se baseia somente na teoria, ela deve abranger também a prática da fé, e isso é incluir a ação do Espírito Santo no mundo. Como bem enfatizou Vali-Mati Kärkkäinen, luterano pentecostal, “Em contraste com as pneumatologias tradicionais, frequentemente vistas como secas e abstratas, há uma nova apreciação da experiência e da espiritualidade no Espírito”.[1] Ou seja, há uma reação teológica relacionada aos milhões de cristãos

no mundo que experimentam a glossolalia e os demais dons do Espírito Santo.

O que significa ser pentecostal? Você pode tirar do presente livro diversas respostas precisas, mas, por enquanto, vamos ser mais abrangentes e seguir as palavras de Robert P. Menzies, é todo aquele “que as experiências descritas em Atos servem de modelo para a experiência cristã contemporânea, que o batismo no Espírito Santo (At 2.4) é uma capacitação pós-conversão para a missão e que o falar em línguas marca essa experiência”.[2] Nessa declaração está a síntese no livro que o leitor tem mãos.

Há um paralelismo entre Babel e Pentecostes no relato de Lucas. Gênesis 10 descreve uma lista representativa das nações do mesmo modo Lucas traz uma lista representativa de 17 nações. Ambas listas representam todas as nações da terra (Gn 11.1; At 2.5). Ambas narrativas tratam das línguas, mas Pentecostes é Babel às avessas. Deus confundiu as línguas e dispersou as nações (Gn 11.7-9) porque elas se rebelaram, queriam se tornar deuses (Gn 11.4). No dia de Pentecoste aconteceu o oposto de Babel, pois “todas as nações debaixo do céu” (At 2.5) representadas pelas 17 nações (At 2.911) entendiam cada um na sua língua materna: “porque cada um os ouvia falar na sua própria língua” (v. 6). Esses peregrinos de Jerusalém estavam perplexos com tudo o que viam e ouviam: “Como os ouvimos falar sobre as grandezas de Deus em nossas próprias línguas?” (At 2.11). A obra do Espírito trouxe unidade, a igreja é uma comunidade internacional.

Há um vínculo forte e praticamente indissolúvel entre Pentecostes e o Avivamento da Rua Azusa, em Los Angeles, Estados Unidos entre 1906 e 1910. Vários avivamentos aconteceram nos Estados Unidos e na Europa antes e depois da Rua Azusa. Por exemplo, na Escola Bíblia em Topeka, Kansas, Estados Unidos, em janeiro de 1901, quando houve uma clara conexão entre o batismo no Espírito Santo e a glossolalia, mas a Rua Azusa se destaca porque nenhum movimento produziu uma mensagem tão clara sobre o batismo e as línguas.

As principais discussões entre os pentecostais e os não pentecostais giram em torno da atualidade dos dons e das manifestações do Espírito Santo. Os cessacionistas estão também subdivididos, pois há entre eles os que aceitam em parte alguns pontos defendidos pelos pentecostais, como a cura divina, com há também os que negam até mesmo os milagres operados por Jesus nos evangelhos, outros admitem que só os apóstolos receberam autoridade para operar milagres. As evidências históricas têm mostrado que o cessacionismo é pós-bíblico, e nada há nas Escrituras que sustente a ideia de que os milagres e as manifestações do Espírito cessaram. Tal crença não pode ter vindo da Bíblia.

Todos nós sabemos que a tradição pentecostal não é monolítica principalmente no que diz respeito às línguas e às profecias. O pentecostalismo das Assembleias de Deus é o *pentecostalismo clássico*. O que isso significa? Os pentecostais clássicos são

aquelas denominações que começaram nos primeiros 25 anos do século 20. A falta de unidade já existia entre os principais expoentes da primeira geração. Um exemplo histórico disso encontramos ainda no período do avivamento da Rua Azusa. William J. Seymour, por exemplo, que a princípio aceitava o ensino de Charles Fox Pahram em relação as línguas como sinal do batismo no Espírito Santo, mudou seu pensamento. Apesar de reconhecer a importância das línguas, rejeitava a ideia de que esse dom deveria sempre acompanhar o batismo no Espírito Santo, passou a associar esse fenômeno ao fruto do Espírito e não somente às línguas, divergindo nisso de Pahram, com quem havia iniciado a sua jornada pentecostal. Há excelentes teólogos pentecostais que apresentam alguns desvios ocasionais, mas periféricos, em relação ao nosso pentecostalismo. Espera-se, pois, que ninguém se surpreenda quando encontrar algum pensamento diferente daquilo que cremos, professamos e ensinamos em tais obras.

De modo que a posição pentecostal sobre o falar línguas não é uniforme, e as crenças e as práticas dos neopentecostais se distanciam ainda mais das dos pentecostais. São duas as marcas distintivas do pentecostalismo assembleiano: o batismo no Espírito Santo não é sinônimo de salvação e o falar em línguas é a evidência física inicial desse batismo. Ser batizado no Espírito Santo é a capacitação para o serviço e algo distinto da conversão, trata-se de uma experiência subsequente à salvação, e a identificação do desse

batismo é a glossolalia, ou seja, o falar línguas é evidência física inicial do batismo no Espírito Santo.

A teologia pentecostal, que nossos pais nos legaram, não teve nenhum teólogo ou reformador como intermediário. O pentecostalismo foi uma reação ao formalismo teológico e formalístico no início do século passado. Os pentecostais queriam distância das organizações religiosas institucionais. É natural pensar que os missionários pioneiros no mínimo tinham informação dos embates entre calvinistas e arminianos/wesleyanos, mas essa não era a preocupação deles e nem deve ser a nossa. Somos bíblicos e isso basta. *O Verdadeiro Pentecostalismo* foi escrito para ajudar a esclarecer os pontos essenciais da fé pentecostal. Os pentecostais são conhecidos por suas relações e experiências com a manifestação do Espírito de Deus, mas sua característica básica é o batismo no Espírito Santo, com seus dons e manifestações, como a glossolalia, as profecias, as curas e as outras operações de maravilhas. Os cinco primeiros capítulos são temas pentecostais, diretamente vinculados ao pentecostalismo, os demais apontam para o serviço no reino de Deus. O objetivo é mostrar e explicar a doutrina pentecostal no seu aspecto bíblico, teológico e prático. A base de nossa fé não são experiências humanas e nem as emoções dos crentes, mas a Palavra de Deus, no entanto, elas não estão descartadas, mas submetidas às Escrituras, porque servimos a um Deus vivo que continua a se comunicar com seus filhos e filhas, de todas as idades, de todos os lugares, de todas as épocas e de todos

os estratos sociais (At 2.13-21). Essa é uma das grandezas do pentecostalismo que torna Deus mais real em nossas vidas, são as mesmas experiências dos primeiros cristãos.

Cada pentecostal precisa compreender e saber explicar que a doutrina pentecostal é fundamentada nas Escrituras Sagradas, que não aceitamos práticas ou crenças contrárias à Palavra de Deus, as experiências confirmam a veracidade da Bíblia e que Deus é real. Espero que o presente trabalho seja de grande bênção na vida de todos os leitores e possa ajudar cada vez mais nos mistérios de Deus: “Não apaguem o Espírito” (1 Ts 5.19).

---

[1] KÄRKKÄINEN, Vali-Matti. *The Holy Spirit: A Guide to Christian Theology.* Louisville, Kentucky, USA: Westminster John Knox Press, 2012, p. 104.

[2] MENZIES, P. Robert. *Pentecostes – Essa História é a nossa História.* Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p.14.

capítulo 1

A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO

Pneumatologia é a doutrina do Espírito Santo, o termo vem de duas palavras gregas, *pneuma*, “espírito”, e *logos*, “palavra, estudo, tratado”. O estudo da Pessoa do Espírito é importante para todos os cristãos, pois é Ele quem guia os crentes e os leva mais próximo de Deus. Ser pentecostal significa ter intimidade com a pessoa do Espírito, pois a teologia pentecostal não é teórica. Nossa doutrina se baseia nas Escrituras Sagradas, única regra de fé e prática para a vida cristã, mas a experiência pentecostal torna Deus mais real, Ele não está longe de cada um de nós (At 17.27). Por isso, é fundamental o conhecimento bíblico sobre a identidade do Espírito

Santo como a sua deidade e personalidade, atributos divinos e obras. São elementos que mostram a consubstancialidade do Espírito com o Pai e o Filho, como terceira Pessoa da Trindade.

O ESPÍRITO SANTO NA TEOLOGIA CRISTÃ

A teologia pentecostal é atual e está em voga no cenário evangélico. É a teologia do Espírito em que todos nós devemos nos aprofundar por duas razões simples: somos pentecostais e a nossa dispensação é a dispensação do Espírito. Nessa dispensação, o Espírito Santo é a pessoa específica da Trindade que mais atua em nós. Outro ponto importante que se deve levar em conta é que a obra do Pai chamou mais atenção no período do Antigo Testamento; a obra do Filho, nos evangelhos, mas desde o dia de Pentecostes o Espírito Santo vem conduzindo a igreja, é por meio dele que temos contato com Deus. Foi exatamente isso que disse Gregório de Nazianzo (329-389), um dos pais capadócios:

> O Antigo Testamento manifestou claramente o Pai e, mais obscuramente, o Filho. O Novo Testamento deu a conhecer abertamente o Filho e, obscuramente, indicou a divindade do Espírito Santo. Hoje, o Espírito habita entre nós e se dá mais claramente a conhecer. Porque teria sido inseguro pregar abertamente o Filho antes de ser reconhecida a divindade do Pai; ou antes de ser reconhecida a divindade do Filho, impor-se, por assim dizer, a do Espírito Santo (*Discurso teológico* 5 [31] – *Sobre o Espírito Santo*).[3]

A cultura cristã atual é pentecostal. Desde o avivamento da Rua Azusa em 1906 que até mesmo os não pentecostais têm valorizado a experiência com o Senhor Jesus por meio do Espírito. A igreja vive hoje nos domínios do Espírito como nunca desde o período apostólico. É tempo de cultivar cada vez mais a experiência com o Espírito Santo.

A compreensão da pessoa do Espírito Santo, sua natureza e obras é ainda incompleta e até certo ponto confusa em relação às outras doutrinas. Com relação à Trindade, a figura do Pai é de razoável compreensão por causa da figura do pai na estrutura familiar, o mesmo pode ser dito sobre o Filho. Mas a do Espírito é mais complexa por ser intangível e invisível, como disse Millard J. Erickson:

> Para complicar, há uma terminologia infeliz da King James e de outras traduções inglesas mais antiga que se referem ao Espírito Santo como o “Holy Ghost” [Fantasma Santo]. Muitas pessoas que cresceram usando essas versões da *Bíblia* entendem o Espírito Santo como alguma coisa por baixo de um lençol branco”.[4]

Na verdade, as palavras mais usadas na Bíblia, nas línguas originais, possuem sentido amplo. *Ruah.*, do hebraico, tem significado profundo, trata-se de uma expressão “que possui uma série de significados, em que cada um deles esclarece de algum modo as complexas ideias associadas à noção cristã a respeito do Espírito Santo”;[5] *pneuma*, grego, é similar.

Há ainda as dificuldades em relação ao ministério do Espírito Santo de glorificar e proclamar o Filho (Jo 16.14), que, às vezes, leva o crente a pensar na ideia de hierarquia na Trindade ou até mesmo no subordinacionismo do Espírito. Essa hierarquia não existe, pois, a Trindade é a união de três Pessoas – o Pai, o Filho e o Espírito Santo – em uma só Divindade, sendo iguais, eternas e da mesma substância, embora distintas, sendo Deus cada uma dessas Pessoas. A *Declaração de fé das Assembleias de Deus* confessa que "há uma absoluta igualdade dentro da Trindade, e nenhuma das três Pessoas está sujeita, por natureza, à outra, como se houvesse uma hierarquia divina. Existe, sim, uma distinção de serviço".[6] Por muito tempo o Espírito Santo foi visto como a Cinderela da Trindade. Essa ilustração das três pessoas da Trindade com o conto de fada da Cinderela é uma ajuda elucidativa.[7] A ilustração é a seguinte: as duas irmãs do conto, representadas pelo Pai e o Filho, vão ao baile, e toda vez, o Espírito Santo fica em casa. Com o moderno movimento pentecostal, isso não acontece mais. Segundo Stanley M. Horton, a doutrina do Espírito Santo nunca havia recebido um tratamento justo nos tratados de teologia: "os antigos compêndios de teologia sistemática, em sua maioria, não possuem nenhum capítulo sobre pneumatologia".[8] Durante e depois do avivamento da Rua Azusa, estudiosos bíblicos empreenderam vários estudos sobre o Espírito Santo e fizeram pesquisas acadêmicas sobre o batismo no Espírito Santo, a glossolalia, os dons espirituais e o fruto do Espírito.

A REVELAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NAS ESCRITURAS

As Escrituras Sagradas revelam que Deus é um só em essência e substância indivisível: “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR” (Dt 6.4 ARC); a Bíblia Hebraica, edição da Sêfer, traduz assim: “Escuta, Israel! O Eterno é nosso Deus, o Eterno é um só”. As versões rabínicas preferem a tradução: “o Eterno é um só”; fraseologia similar aparece em Zacarias: “um só será o SENHOR” (14.9). Essa substância é indivisível, mas que se manifesta em três pessoas distintas, o Pai, o Filho e o Espírito Santo (Mt 28.19). Essa formulação teológica aparece no Credo de Atanásio: “A fé cristã é esta: que adoremos um Deus em trindade, e trindade em unidade; não confundimos as Pessoas, nem separamos a substância”.[9] O apóstolo Paulo se refere a um só Deus, mas afirma: “o Espírito é o mesmo... o Senhor é o mesmo..., mas é o mesmo Deus” (1 Co 12.4-6); isso quando falava em diversidade de dons, diferentes ministérios e diversidade de operações. O Espírito Santo é a terceira Pessoa da Trindade, por meio de quem Deus age e revela a sua vontade, concede poder e mostra a sua presença.

O Espírito Santo aparece pela primeira na Bíblia como “Espírito de Deus” na obra de criação: “A terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre as águas” (Gn 1.2). A expressão hebraica *rûaḥ ĕlōhîm*, “Espírito de Deus”, aparece 11 vezes no Antigo Testamento;[10] “Espírito do SENHOR”,

25 vezes[11] e “Espírito Santo”, três vezes (Sl 51.11 [13]; Is 63.10, 11). A palavra hebraica para “espírito” é *ruah.*, um substantivo feminino que aparece 378 vezes no Antigo Testamento e significa, simultaneamente, “vento, sopro, hálito, espírito, Espírito”. O termo indica “algo que está em movimento e que tem a força de pôr outras coisas em movimento”. O significado dessa palavra é amplo, mas o sentido de todas as suas traduções possíveis pertence ao mesmo campo semântico: “É um fenômeno semântico que reúne, ao mesmo tempo, aspectos concretos e abstratos, e que encontra paralelos no grego, como, por exemplo, no termo *pneuma* que denota um fenômeno tanto natural quanto espiritual”.[12]

A Septuaginta, versão grega do Antigo Testamento, traduziu *ruah.* pela palavra grega *pneuma*, de mesmo significado, e 49 vezes pelo vocábulo *anemos*, “vento”. Os nomes gregos apresentam três gêneros: masculino,

feminino e neutro. A palavra grega *pneuma*, usada amplamente no Novo Testamento para “espírito, Espírito”, é substantivo neutro.

O Espírito Santo aparece como Deus, no Antigo Testamento, atuando na criação do céu e da terra (Gn 1.2; Sl 104.30) e do ser humano (Jó 33.4); inspirando os profetas (2 Pe 1.19-21), por essa razão o profeta era chamado de “homem do Espírito” (Os 9.7). A sua manifestação na vida individual era algo raro, Ele vinha, mas depois voltava. Isso aconteceu com os 70 anciãos (Nm 11.25); Otniel (Jz 6.34), Gideão (Jz 6.34); Jefté (Jz 11.29); Sansão (Jz 14.6); Saul (1 Sm 10.10); Davi (1 Sm 16.13), dentre outros. Isso acontecia

para que eles pudessem receber recursos do céu para profetizar, julgar, liderar, lutar e governar, conforme a vontade de Deus. O Novo Testamento registra o início da dispensação da plenitude do Espírito e essa nova etapa começou com a descida do Espírito Santo, no dia de Pentecostes (At 2.1-8). Esse derramamento do Espírito foi para que ele ficasse conosco “para sempre”, foi promessa de Jesus para a Dispensação da Igreja (Jo 14.16). A sua manifestação pode ser classificada em duas etapas: antes do Pentecostes, na vida de Jesus; e depois, na vida da Igreja. Ele atuou na concepção virginal de Jesus, no ventre de Maria (Mt 1.18; Lc 1.35) e em todo o ministério terreno de Jesus (At 10.38). No evangelho de João, 14 a 16, há um relato importante sobre a personalidade e a deidade do Espírito Santo, bem como suas obras e missão. Essa missão pode perfeitamente ser vista na vida dos apóstolos, principalmente de Paulo, no livro de Atos.

SUA DIVINDADE

O Espírito iguala-se ao Pai e ao Filho, tendo também um nome, pois o Senhor Jesus determinou que os seus discípulos batizassem em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo (Mt 28.19). Isso significa ser o Espírito Santo objeto de nossa fé, pois em Seu nome somos batizados, indicando reconhecimento igual ao do Pai e do Filho. Sobre a “comunhão com o Espírito Santo” (2 Co 13.13), a

Bíblia mostra que Ele é não apenas objeto de nossa fé, mas também de nossa oração e adoração.

Os dados da revelação divina a respeito da verdadeira identidade do Espírito Santo são abundantes nas Escrituras, desde o Gênesis, na criação (Gn 1.2), até o Apocalipse, na redenção (Ap 22.17). Encontramos na Bíblia tudo o que precisamos saber sobre o Espírito, principalmente no que se refere à sua deidade absoluta. Isso pode ser visto de maneira direta e por meio de seus atributos e obras.

O Espírito Santo inspirou os profetas e apóstolos das Escrituras: “O Espírito do Senhor fala por meio de mim” (2 Sm 23.2); “homens falaram da parte de Deus, movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.21); entretanto, todos nós sabemos que “é próprio do Espírito esconder-se”. O Espírito é eterno, isso significa que ele existe por si mesmo, sem começo e nem fim de existência. Orígenes escreveu: “o Espírito Santo é uma substância intelectual, e que subsiste e existe por si mesmo”.[13] Sua declaração pneumatológica está de acordo com as Escrituras, que tem a palavra final: “muito mais o sangue de Cristo, que, pelo Espírito eterno, a si mesmo ofereceu sem mácula a Deus” (Hb 9.14). É natural conceber a ideia de que o Espírito atua no universo desde a sua origem (Gn 1.2; Sl 104.30).

Além de eterno, ele é onipotente, isso significa ser todo-poderoso: “para que sejam ricos de esperança no poder do Espírito Santo ... por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito de Deus” (Rm 15.13, 19). O Espírito é identificado como o Altíssimo, “O

Espírito Santo virá sobre você, e o poder do Altíssimo a envolverá com a sua sombra" (Lc 1.35). O termo grego para "altíssimo", *hypsistos*, apare ce mais duas vezes no Novo Testamento e se refere a Deus (Mc 5.7; Hb 7.1). A Septuaginta usa "Altíssimo"para traduzir o nome hebrai co *'elyôn* na passagem do encontra de Abraão com Melquisedeque (Gn 14.18-22).

O Espírito Santo é onipresente e onisciente. A onipresença é o poder de estar em todos os lugares ao mesmo tempo (Jr 23.23, 24), no entanto, isso é visto na ação do Espírito no mundo e na vida humana (Sl 139.7-10; Jo 14.16; 1 Co 3.16). A onisciência é o atributo divino para descrever o conhecimento perfeito e absoluto que Deus possui de todas as coisas, de todos os eventos e de todas circunstâncias por toda a eternidade passada e futura (Is 46.9, 10). O Espírito conhece todas as coisas porque ele é Deus (1 Co 2.10, 11).

O nome "SENHOR" nas formas, hebraica e grega, são aplicadas ao Espírito Santo, isso porque ele é Deus igual ao Pai e ao Filho. O nome aparece nas versões Almeida da Sociedade Bíblica do Brasil com todas as letras maiúsculas quando se refere ao Tetragrama, as quatro consoantes hebraicas do nome divino יהוה (YHWH), "Senhor, *Yahweh*", ou "Javé", na forma aportuguesada. O outro nome divino específico é *'aˇ dhonay* ou *'aˇ dhônay*, "o Senhor, Adonai". O correspondente grego para ambos na Septuaginta e no Novo Testamento é κύριος (*kyrios*). O Espírito Santo é identificado nas Escrituras com esses nomes divinos.

O Espírito Santo é Javé: “Mas o Espírito do SENHOR veio com poder sobre Sansão” (Jz 15.14); em seguida lemos que depois de traído por Dalila, Sansão “Não sabia, porém, que o SENHOR o havia deixado” (Jz 16.20). Assim, tanto o Espírito de Javé e Javé, ou seja, o Espírito do SENHOR e o SENHOR são nomes divinos usados alternadamente. Isso fica claro no Antigo Testamento que o Espírito Santo é o próprio Deus.

O Espírito Santo é Javé Deus: “Aconteceu que ali a mão do SENHOR Deus caiu sobre mim” (Ez 8.1). Nessa visão, o profeta Ezequiel afirma que a mão de Javé caiu sobre ele. Mas, no v. 3, o profeta declara: “O Espírito me levantou entre a terra e o céu e me levou a Jerusalém em visões de Deus”. De modo que esse mesmo Javé Deus é chamado de “o Espírito”.

O Espírito Santo é o Deus de Israel. Há diversas passagens nas Escrituras em que os nomes “Deus” e “Senhor”, ou mesmo o Tetragrama, YHWH, no Antigo Testamento, são usados alternadamente com o Espírito Santo: “O Espírito do SENHOR fala por meio de mim; e a sua palavra está na minha língua. O Deus de Israel falou, a Rocha de Israel me disse” (2 Sm 23.2, 3). O texto sagrado afirma com todas as letras que o Espírito Santo é o mesmo Javé, Deus de Israel.

O Antigo Testamento não se preocupa em mostrar ou provar a identidade do Espírito Santo com a divindade. Isso parece não ser problemas para os escritores bíblicos, mesmo muito antes de qualquer formulação teológica. Com os cristãos do período

apostólico não foi diferente, eles não tinham dificuldade alguma em aceitar a pluralidade do único Deus verdadeiro.

O Espírito Santo é chamado nominalmente de Deus. Pedro perguntou a Ananias: “Então Pedro disse: — Ananias, por que você permitiu que Satanás enchesse o seu coração, para que você mentisse ao Espírito Santo, retendo parte do valor do campo? Não é verdade que, conservando a propriedade, seria sua? E, depois de vendida, o dinheiro não estaria em seu poder? Por que você decidiu fazer uma coisa dessas? Você não mentiu para os homens, mas para Deus” (At 5.3,4).

Veja que Deus e o Espírito Santo aqui são uma mesma divindade. Primeiro o apóstolo diz que Ananias mentiu ao Espírito Santo, e depois o mesmo Espírito é chamado de Deus.

O Espírito Santo é identificado pelo nome divino hebraico “Adonai”. O apóstolo Paulo atribui as palavras de Adonai, em Isaías 6.8-10, ao Espírito Santo (At 28.25-27).

O apóstolo Paulo reconhecia a divindade do Espírito Santo e ousava afirmar isso abertamente:

> Ora, este Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade. E todos nós, com o rosto descoberto, contemplando a glória do Senhor, somos transformados, de glória em glória, na sua própria imagem, como pelo Senhor, que é o Espírito (2 Co 3.17, 18).

Essa passagem é uma interpretação paulina de Êxodo 34.29-35 que mostra o contraste entre a antiga aliança ratificada no deserto e a nova estabelecida por Cristo. Moisés foi o ministro da antiga

aliança do monte Sinai, que ao descer da montanha seu rosto resplandecia, mas a glória do seu rosto ia se desaparecendo gradualmente.

O apóstolo mostra que essa glória na nova aliança é para todos os crentes e ela não se desvanece. Quando Moisés descia do monte precisou colocar um véu sobre o rosto porque os filhos de Israel não podiam contemplar o resplendor que ia desaparecendo.

O que acontece, segundo o apóstolo, é que quando se lê a antiga aliança, este véu continua, mas na nova aliança, ele desapareceu: “Quando, porém, alguém se converte ao Senhor, o véu é tirado” (2 Co 3.16). O “Senhor”, nesse versículo, só pode ser o mesmo Javé da antiga aliança: “Porém, quando Moisés vinha diante do Senhor para falar-lhe, removia o véu até sair” (Êx 34.34). Quando Paulo diz que “este Senhor é o Espírito”, está se referindo ao mesmo Senhor do v. 16, que é o grande Deus Javé de Israel (Êx 34.34). Isso quer dizer que Moisés esteve diante do Espírito Santo e, dessa forma, Paulo identifica Javé como o Espírito. Dizer que o Espírito é o Senhor é reconhecer a Sua deidade absoluta. Na parte final do v. 18 lemos: “como pelo Senhor, que é o Espírito”, ou: “como pelo Espírito do Senhor” (ARC), sugerindo que Espírito e Senhor são distintos.

Como foi dito acerca do Filho, o mesmo se diz do Espírito Santo: a Bíblia afirma de maneira direta que o Espírito Santo é Deus; além disso, revela nele os atributos exclusivos da divindade bem como as obras de Deus.

Assim, fica claro à luz da Bíblia que a divindade do Espírito Santo não nasceu no Concílio de Constantinopla em 381, não se trata de invenção humana, mas é uma verdade que está exarada no Livro de Deus, e nele assim a encontramos e assim cremos.

SUA PERSONALIDADE

Há passagens no Antigo Testamento que mostram ser o Espírito Santo proveniente de Deus: “até que se derrame sobre nós o Espírito lá do alto” (Is 32.15); como ele é o próprio Deus, já foram mostrados anteriormente alguns exemplos, mas há outros, como no livro dos Salmos: “Para onde me ausentarei do teu Espírito? Para onde fugirei da tua face?” (Sl 139.7). Temos nesse verso o paralelismo sinônimo em que o poeta diz algo e em seguida repete esse pensamento em outras palavras. O salmista diz que esse “teu Espírito”, o Espírito Santo, é Deus.

Concernente à personalidade, há evidências no Antigo Testamento. Os filhos de Israel “contristaram o seu Espírito Santo” (Is 63.10); Ele guia e ensina: “Ensina-me a fazer a tua vontade, pois tu és o meu Deus; que o teu bom Espírito me guie por terreno plano” (Sl 143.10); “E lhes concedeste o teu bom Espírito, para os ensinar” (Ne 9.20) e dá descanso: “Como o gado que desce aos vales para repousar, o Espírito do Senhor lhes deu descanso. Assim, guiaste o teu povo, para adquirires um nome glorioso” (Is 63.14).

A Bíblia revela o Espírito Santo como uma pessoa, a terceira Pessoa da Trindade. Ele possui intelecto, penetra todas as coisas (1 Co 2.10,11) e é inteligente (Rm 8.27). Ele tem emoção, sensibilidade (Rm 15.30; Ef 4.30) e vontade (At 16.6-11; 1 Co 12.11). As três faculdades: intelecto, emoção e vontade caracterizam a personalidade. As reações do Espírito Santo são outra prova de Sua personalidade, pois reage a certos atos praticados pelo ser humano. O Espírito Santo mantém relações com os cristãos de maneira tal que somente uma pessoa poderia ter, como mestre, consolador, santificador e guia.

O Espírito Santo ensina (Jo 14.26). Ele é enviado pelo Pai, assim como o Filho o foi, a diferença é que o Verbo divino assumiu a forma humana ao entrar no mundo, o Espírito Santo veio como um “vento impetuoso” (At 2.2), mas foi enviado, e duas funções dele são apresentadas no presente texto, ele “ensinará a vocês todas as coisas e fará com se lembrem de tudo o que eu lhes disse”. O Espírito Santo fala (At 13.2; Ap 2.7, 11, 17). Temos uma narrativa sendo o Espírito Santo um dos personagens, ele aparece na história falando literalmente, escolhendo obreiros para o campo missionário. O Espírito Santo guia em toda a verdade (Jo 16.13). Ele guia e o Senhor Jesus afirma, ainda, que ele fala e ouve e conhece o futuro. O Espírito julga (At 15.28), pois Ele aparece intervindo numa decisão do primeiro concílio. O Senhor Jesus fala do Espírito como Juiz (Jo 16.8-11). O Espírito Santo intercede (Rm 8.26), pois é Ele que nos ajuda, intercede por nós e Ele geme. O Espírito Santo ama

(Rm 15.30). Quem ama tem sentimento e sensibilidade. Ele contende e age (Gn 6.3) por ser ele é um ser pessoal. O Espírito Santo Ele convida (Ap 22.17). Junto, o Espírito Santo e a igreja convidam o mundo inteiro para as bodas do Cordeiro (Ap 19.7).

Com base nessas amostras é possível afirmar com segurança a personalidade do Espírito Santo no Antigo e no Novo Testamento, e tem sido essa a crença da Igreja desde o princípio. Segundo Charles Hodge, em sua *Teologia Sistemática*, foram poucos os oponentes dessa doutrina: “A personalidade do Espírito tem sido a crença da Igreja desde o princípio. Teve poucos oponentes, inclusive no período caótico da teologia, e nos tempos modernos só tem sido negada pelos socinianos, arianos e sabelianos”.[14]

O ESPÍRITO SANTO E JESUS CRISTO

O Antigo Testamento relaciona a promessa messiânica ao Espírito Santo: “Eis aqui o meu servo, a quem sustenho; o meu escolhido, em quem a minha alma se agrada. Pus sobre ele o meu Espírito, e ele promulgará o direito para os gentios” (Is 42.1); “O Espírito do SENHOR Deus está sobre mim, porque o SENHOR me ungiu para pregar boas-novas aos pobres, enviou-me a curar os quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados” (Is 61.1). O Senhor Jesus reconheceu que essa palavra profética se referia a Ele mesmo, que se cumpriu nEle (Mt 12.18-21; Lc 4.17-21). O Espírito Santo atuou na

concepção virginal de Jesus no ventre de Maria (Mt 1.20; Lc 1.35) e veio sobre ele por ocasião do seu batismo por João Batista no rio Jordão (Mt 3.17; Mc 1.10; Lc 3.22), e o apóstolo Pedro relata isso na casa de Cornélio: “como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder. Jesus andou por toda parte, fazendo o bem e curando todos os oprimidos do diabo, porque Deus estava com ele” (At 10.38).

A ressurreição de Jesus é obra da Trindade, o Pai (At 2.24; 1 Co 6.14), o Filho, pois Jesus ensinava que ele haveria de ressuscitar-se a si mesmo (Jo 2.19-22; 10.18). A ressurreição de Jesus é também obra do Espírito: “e foi designado Filho de Deus com poder, segundo o Espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos, a saber, Jesus Cristo, nosso Senhor” (Rm 1.4); “Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, o justo pelos injustos, para levar-nos a Deus; mortificado, na verdade, na carne, mas vivificado pelo Espírito” (1 Pe 3.18 ARC). Outras versões traduzem “vivificado no Espírito”. A ausência da preposição grega nessa construção petrina permite ambas traduções. A NVI e a Almeida Século 21 empregam: “mas vivificado pelo Espírito”, e a NVT traduz por, “mas foi ressuscitado pelo Espírito”.

O Espírito Santo é chamado de Espírito de Jesus (At 16.6, 7), de Espírito de Cristo: “E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8.9); Espírito de seu Filho, “Deus enviou o Espírito de seu Filho ao nosso coração, e esse Espírito clama: “Aba” (Gl 4.6) e Espírito de Jesus Cristo, “e com a ajuda do Espírito de

Jesus Cristo, isso resultará em minha libertação" (Fp 1.19). As expressões alternativas "Espírito Santo" e "Espírito de Jesus Cristo, de Jesus, de Cristo, de seu Filho" revelam a divindade de Jesus. O Espírito e o Filho são distintos, são o mesmo Deus juntamente com o Pai, mas não a mesma pessoa. Os unicistas estão equivocados com a doutrina de que o Pai, o Filho e o Espírito Santo sejam uma só pessoa. O Espírito Santo como eterno e membro da Trindade se relaciona com o Pai e o Filho e isso desde a eternidade passada. Jesus fala desse relacionamento desde antes que o mundo existisse (Jo 17.5), e em outro lugar ele afirma que está no Pai, e o Pai está nele (Jo 14.10, 11). A pericorese trinitária consiste na habitação das Pessoas da Trindade uma na outra. Elas são um só Deus porque cada uma está nas outras e cada uma se dá às duas outras. Mas isso não significa não poder haver experiência distinta de Jesus como homem com o Espírito Santo (Mt 3.17; At 10.38).

A pericorese em cristologia significa a compenetração das duas naturezas de Cristo, divina e humana, mas distintas na pessoa de Jesus. O termo *pericho¯ re¯ sis*, "interpenetração", ou *circumincessio*, que em latim significa "interpenetração mútua, circunsessão" são termos teológicos usados para explicar um tema importante que pouco sabemos sobre a sua realidade. O assunto diz respeito ao relacionamento íntimo entre as Pessoas da Trindade. Compreender isso é importante porque fornece um modelo aplicável às relações humanas. Muitos teólogos trabalham esse conceito para aplicar nesse sentido.

Gregório de Nazianzo, mencionado acima, e João Damasceno (675749) estão entre os que mais se debruçaram sobre o tema. A pericorese é a união íntima intratrinitariana entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou seja, é a habitação das Pessoas da Trindade uma na outra. João Damasceno escreveu:

> Existe uma permanência e uma habitação de umas hipóstases em outras, porque as hipóstases[15] divinas são contínuas e indivisíveis umas das outras, e têm uma compenetração sem confusão de umas em outras: não contraídas nem confundidas, senão como quem se contém umas às outras. Com efeito, o Filho está no Pai e no Espírito, e o Espírito, no Pai e no Filho, e o Pai, no Filho e no Espírito, não produzindo nenhuma fusão, nem mescla, nem confusão (*Exposición de la fe*, livro I.8).[16]

Jesus fala desse relacionamento desde antes que o mundo existisse (Jo 17.5) e em outro momento ele diz a Filipe: “Não crês tu que eu estou no Pai e que o Pai está em mim?” (Jo 14.10). O Espírito está também nessa Trindade (1 Co 2.10, 11). Cada Pessoa está nas outras e cada uma se dá às duas outras. Essa relação “é a base para afirmação de que toda ação de uma pessoa da Trindade as três pessoas estão presentes”. Esse conceito permite a manutenção da individualidade das três Pessoas.

Disse Jesus a respeito do Espírito Santo: “Ele me glorificará, porque há de receber o que é meu” (Jo 16.14). É comum ouvir dizer que o Espírito Santo não deve ser adorado porque ele glorifica a Cristo. É, na verdade, um pensamento equivocado, pois se o Espírito é Deus, nisso por si só, a sua adoração é aceitável, não

existe na fé cristã um deus de segunda categoria, um que deve ser adorado e outro não, isso não seria monoteísmo. Outro ponto importante é que o próprio Pai também glorifica o Filho (Jo 17.5). O que Jesus está dizendo é que a missão central do Espírito é revelar o Cristo, seu ministério traz glória a Jesus por meio da revelação da pessoa e da obra do Senhor Jesus.

O ESPÍRITO SANTO AGE NO MUNDO E NO SER HUMANO

O Espírito Santo age no mundo e no ser humano com poder porque ele é Deus em toda a sua plenitude, não parte da divindade, igual ao Pai e ao Filho. A sua atuação não se restringe aos corações humanos, ele age sobre a criação inteira. Ele atua no mundo e na igreja. Sua ação é ampla na vida humana no passado, no presente e no futuro. O Espírito é Deus com todos os seus atributos e obras da divindade.

As obras do Espírito no mundo e no ser humano revelam a sua deidade absoluta. Ele é o Senhor da igreja (At 20.28) e salvador (Ef 1.13; 4.30; Tt 3.4, 5). O Espírito Santo é bom (Ne 9.20; Sl 143.10). O Espírito é a verdade e é sábio (1 Jo 5.6; Is 11.2; Jo 14.26; Ef 1.17). Ele é aquele que dá a vida eterna (Gl 6.8), é o santificador dos fiéis (Rm 15.16; 1 Pe 1.2), habita nos fiéis (Jo 14.17; Rm 8.11; 1 Co 3.16; 6.19; 2 Tm 1.14; Tg 4.5); é essencialmente santo em si mesmo (Rm 15.16; 1 Jo 2.20), a fonte de poder e milagres (Mt 12.28; At 2.4; 1

Co 12.9-11), o autor do novo nascimento (Jo 3.5,6; Tt 3.5) e da vida (Ez 37.14; Rm 8.11-13). O Espírito Santo é o distribuidor dos dons espirituais (1 Co 12.7-11); conhecedor do coração humano (Ez 11.5; Rm 8.26,27; 1 Co 12.10; At 5.3-9) e do futuro (Lc 2.26; Jo 16.13; At 20.23; 1 Tm 4.1; 1 Pe 1.11). Ele gerou a Jesus Cristo (Lc 1.35), guiou e guia o seu povo e os crentes individualmente (Sl 143.10; Is 63.14; Rm 8.14; Gl. 5.18).

---

[3] NACIANCENO, Gregorio. *Los discursos teológicos*. Madrid, España: Editorial Ciudad Nueva, 1995, p. 254; GOMES, Cirilo Folch. *Antologia dos santos padres*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985, p. 254.

[4] ERICKSON, Millard J. *Introdução à Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 345.

[5] McGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica*. São Paulo: Shedd, 2005, p. 361.

[6] SOARES, Esequias (organizador). Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil. Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 42.

[7] McGRATH, Alister E. Ibdem, 2005, p. 361; KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. *A Guide to Christian Theology – The Holy Spirit.* Louisville, Kentucky, USA: Westminster John Knox Press, 2012, p. 16.

[8] HORTON, Stanley M. O Avivamento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 9.

[9] SOARES, Esequias (organizador). Ibidem, p. 221.

[10] Gn 1.2; Êx 31.3; 35.31; Nm 24.2; 1 Sm 10.10; 11.6; 19.20, 23; 2 Cr 15.1; 24.20; Ez 11.24.

[11] Jz 3.10; 6.34; 11.29; 13.25; 14.6, 19; 15.14; 1 Sm 10.6; 16.13, 14; 2 Sm 23.2; 1 Rs 18.12; 22.24; 2 Rs 2.16; 2 Cr 18.23; 20.14; Is 11.2; 40.13; 59.19; 61.1; 63.14; Ez 11.5; 37.1; Mq 2.7; 3.8.

[12] CHWARTS, Suzana. *Via Maris – Bíblia Hebraica: Textos e Contexto.* São Paulo: Humanitas, 2014, pp. 63, 64.

[13] ORÍGENES. *Tratado sobre os princípios.* São Paulo: Paulus, 2012, 1º. Livro 3, p. 61.

[14] HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Editora Hagnos, 2001, p. 389.

[15] O vocábulo “Pessoa” é inadequado para aplicar às três identidades distintas da Trindade. Os pais capadócios evitaram usar o termo “pessoa” para identificar o Pai, o Filho e o Espírito Santo na Trindade. Em vez de falar em três Pessoas da Trindade, eles as identificavam como três hipóstases. Hipóstase, *hipostasis*, é a “forma de existir”; o termo vem de duas palavras gregas: *hypo*, “sob”, e *istathai*, “ficar”.

[16] DAMASCENO, Juan. *Exposición de la Fe*. Madrid, España: Editorial Ciudad Nueva, 2003, p. 76.

capítulo 2

A ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NO PLANO DA REDENÇÃO

A salvação é obra da Trindade, e a *Declaração de fé das Assembleias de Deus no Brasil* apresenta uma amostragem da vastidão da obra soteriológica do Espírito Santo. Ele possui o papel de regenerar, purificar e santificar o homem e a mulher. Ele é quem convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Ele é quem concede a segurança da redenção e capacita o salvo para o serviço cristão que guia, dirige e conduz o povo de Deus; quem inspirou os profetas e os apóstolos bíblicos; quem reparte os dons espirituais e

produz nas pessoas as virtudes que refletem o caráter de Deus, denominado fruto do Espírito.[17]O Espírito Santo dá prosseguimento ao plano de salvação idealizado pelo Deus Pai e executado pelo Deus Filho. As três Pessoas estão presentes, agindo cada uma na sua esfera de atuação, em perfeita harmonia e perfeita unidade.

O ESPÍRITO SANTO COMO PROMESSA

A pergunta dos discípulos: “Será este o tempo em que o Senhor irá restaurar o reino a Israel?” (At 1.6) é muitas vezes interpretada como se eles ainda não tivessem a real compreensão do reino de Deus antes do dia de Pentecostes, quando foram cheios do Espírito Santo. Às vezes interpretamos assim, e não está errado, mas devemos admitir que a pergunta deles fazia sentido, há uma intepretação possível, que merece atenção, visto que geração judaica contemporânea de Jesus associava a vinda do Espírito Santo ao fim dos tempos (Is 44.3; Ez 37.14; 39.29, Jl 2.28-32). Ao ouvir Jesus falar sobre a vinda do Espírito, a pergunta dos discípulos era óbvia e mais do que natural. A expectativa messiânica do povo estava associada ao Espírito.

A primeira metade do evangelho de João menciona o Espírito Santo apenas quatro vezes ao passo que na segunda metade, à medida que a morte de Jesus vai se aproximando, o Espírito vai se tornando cada vez mais o ponto mais central. Os capítulos 14 a 16

revelam o papel, a função e a natureza do Espírito Santo com mais detalhes. A maior parte dessa pneumatologia diz respeito ao relacionamento do Consolador com o crente; no entanto, 16.8-11 trata do seu relacionamento com o mundo, ou seja, com as pessoas em geral.

Jesus disse que precisava voltar ao Pai para a vinda do Consolador: “é melhor para vocês que eu vá, porque, se eu não for, o Consolador não virá para vocês” (Jo 16.7). A vinda do Espírito Santo está vinculada à obra expiatória do Calvário (At 2.33). Jesus deixa claro que precisava voltar ao Pai para o que o Consolador pudesse vir. Essas palavras dizem respeito à morte, à ressurreição e ao retorno de Cristo ao Pai. Era essa a condição para a vinda do Consolador. Quando Jesus disse, antes, na Festa dos Tabernáculos: “Quem crer em mim, como diz a Escritura, do seu interior fluirão rios de água viva” (Jo 7.38), o evangelista João esclarece que Jesus estava falando do Espírito Santo: “Isso ele disse a respeito do Espírito que os que nele cressem haviam de receber; pois o Espírito até aquele momento não tinha sido dado, porque Jesus ainda não havia sido glorificado”(v. 39). João está dizendo que está chegando o momento, e o Espírito virá como resultado, ou consequência completa do Calvário, por isso o Espírito ainda não havia sido dado (At 2.33). O que Jesus tinha ainda para ensinar aos seus discípulos, eles não poderiam suportar sem o Espírito (Jo 16.12).

O Espírito Santo habita em todos os crentes, somos moradas dele (1 Co 3.17; 6.19). Quem não tem o Espírito não é cristão (Rm

8.9). Mas isso não funcionava assim nos tempos do Antigo Testamento, a atuação dele era restrita às pessoas vocacionadas e escolhidas por Deus para uma obra específica como Gideão, Sansão, Davi (Jz 6.34; 14.6; 1 Sm 16.13). Mas, na dispensação da graça, o Espírito Santo está em todos os crentes, e isso foi prometido por Deus por meio dos profetas do Antigo Testamento (Is 44.3; Jl 2.28-30).

A promessa da vinda do Espírito Santo vem desde o Antigo Testamento e dela falou João Batista e foi com certa frequência reiterada pelo Senhor Jesus. O discurso sobre a vinda do Consolador em João 16.8-11 fala do relacionamento do Espírito Santo com o mundo, ou seja, as pessoas em geral. Há diversas profecias messiânicas diretas no Antigo Testamento como Isaías 55 e o salmo 22, entre outras; no entanto, a ideia cristológica não se restringe a esses vaticínios e ocupa todo o pensamento das Escrituras Hebraicas. Os escritores do Novo Testamento reconhecem a presença e a obra de Cristo na história da redenção (Os 11.1; Mt 2.15), nas suas instituições e festas de Israel (Êx 25.8; Jo 1.14; Hb 5.4-5; Êx 12.3-13; Lc 22.15; 1Co 5.7). As profecias messiânicas incluem também a promessa do Espírito Santo.

A tríplice função, criar, salvar e julgar, é atividade exclusiva de Deus, e os primitivos escritores cristãos não se cansavam de enfatizar essas obras em Cristo. Essas atividades divinas são reveladas também na Pessoa do Espírito na criação do céu e da terra (Gn 1.2; Sl 104.30) e do ser humano (Jó 33.4). O Espírito

exerce a função de juiz (Jo 16.8-11) e inspira os profetas (2 Pe 1.19-21). As obras do Espírito continuam na atualidade na igreja, na experiência conhecida dos pentecostais pela manifestação dos dons espirituais miraculosos (1 Co 12.4-11) bem como na vida individual com o fruto do Espírito (Gl 5.22). É por meio dele que glorificamos a Jesus. A missão central do Espírito é revelar o Cristo ao pecador, seu ministério traz glória ao Filho. Jesus disse a seu respeito: “Ele me glorificará, porque há de receber o que é meu” (Jo 16.14).

O ESPÍRITO SANTO CONSOLA E ENSINA

O Senhor Jesus prometeu enviar o Consolador, claramente identificado como o Espírito Santo. O Consolador, do grego *parákle¯ tos*, “defensor, advogado, intercessor, auxiliador, ajudador, paracleto”, só aparece cinco vezes no Novo Testamento, quatro vezes se refere ao Espírito Santo, traduzido como “Consolador” na maioria das versões da Bíblia em português (Jo 14.16, 26; 15.26; 16.7) e uma vez como “Advogado”, se referindo ao Senhor Jesus: “Meus filhinhos, escrevo-lhes estas coisas para que vocês não pequem. Mas, se alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o Justo” (1 Jo 2.1).

Segundo o *Dicionário Vine*, o termo *parákle¯ tos* “era usado num tribunal para denotar o assistente legal, conselheiro para a defesa, defensor, advogado”.[18] Mas a ideia de “advogado” parece

não combinar bem com o papel do Espírito Santo como alguém enviado no lugar do próprio Jesus. A palavra “consolador” é mais apropriada para as passagens alusivas ao Espírito Santo. Como disse Stanley M. Horton, o Espírito Santo não é advogado ou consultor jurídico de defesa e nem promotor: “Ele é Aquele que lhes ensina o que dizer, de modo que glorifiquem a Cristo e testifiquem dele”.[19]

“E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Consolador, a fim de que esteja com vocês para sempre” (Jo 14.16). O Espírito Santo, portanto, é alguém como Jesus, da mesma substância, glória e poder. Em outras palavras, Jesus dizia aos seus discípulos que estava voltando para o Pai, mas que continuaria cuidando da igreja, pelo seu Espírito Santo, seu Paracleto, um como ele, que teria o mesmo poder para preservar o seu povo.

A palavra grega para o “outro” nesse versículo é, no original grego, *allos*, que significa “outro”, mas da mesma natureza, da mesma espécie e da mesma qualidade. Isso se confirma nos principais dicionários e léxicos de grego. Segundo o *Dicionário Vine*: “O termo *allos* expressa uma diferença numérica e denota ‘outro do mesmo tipo’; o termo *heteros* expressa uma diferença qualitativa e denota ‘outro de tipo diferente’. Cristo prometeu enviar “outro Consolador” – *allos*, ‘outro como Ele’, não *heteros*.”[20] Segundo A. T. Robertson: “Outro da mesma classe (*allon*, não *heteron*)”.[21] Se o Espírito não fosse da mesma substância do Filho, a palavra correta para “outro” seria *heteros*, que, de acordo com o *Léxico Grego-*

Inglês de Liddell & Scott, significa: “o outro, um de dois...; um outro...; outro do usual, diferente”.[22]

“Mas o Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse ensinará a vocês todas as coisas e fará com que se lembrem de tudo o que eu lhes disse” (Jo 14.26). Essa é a segunda ocorrência de *parákle¯ tos* no Novo Testamento. Desde o Antigo Testamento que o Espírito atua como Mestre (Sl 143.10). Ele ensinou os filhos de Israel durante a peregrinação no deserto: “E lhes concedeste o teu bom Espírito, para os ensinar. Não lhes negaste o teu maná, para poderem comer, e lhes deste água quando tiveram sede” (Ne 9.20). Agora, uma das principais tarefas do Espírito, depois da glorificação de Jesus, é lembrar os discípulos do ensino de Jesus e ajudá-los a entender o significado de tudo o que Ele fez, disse e ensinou; ensiná-los e fazer lembrar de tudo o que o Filho ensinou e para testificar dele.

“Quando, porém, vier o Consolador, que eu enviarei a vocês da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim” (Jo 15.26). A terceira ocorrência do termo se refere à processão do Espírito. Os debates em torno da identidade do Espírito começaram depois do Concílio de Niceia, que aconteceu em junho de 325, hoje a cidade se chama Isnik, na Turquia. A terceira cláusula do Credo Niceno resume nisso: cremos “também no Espírito Santo”. Essa indefinição sobre a identidade do Espírito Santo deu ocasião para diversos debates. Surgiram os tropicianos[23] e os pneumatomacianos.[24] Atanásio, bispo de Alexandria, principal

defensor da fé nicena combateu os tropicianos, e os pais capadócios combateram os pneumatomaciamos.

Segue a explicação histórico-teológica.[25] Gregório de Nazianzo dizia que o Pai se distingue por não ter sido gerado, *agenne¯ sía*, "ingênito, não-gerado"; o Filho, por ter sido gerado; e o Espírito Santo, por ser enviado, procedente (*Discurso teológico* 5 [31.8]).[26] Ele acrescenta no parágrafo seguinte:

> Estes termos não indicam carência nem uma subordinação na essência divina; as expressões "ser ingênito", "ser gerado" e "proceder" designam-se o Pai, o Filho e aquele de quem se fala aqui, o Espírito Santo; deste modo se salvaguarda a distinção das três hipóstases na única natureza e dignidade da divindade. O Filho, com efeito, não é Pai, pois há um só Pai, mas é o mesmo que é o Pai; o Espírito Santo, que procede de Deus, não é Filho, pois só há um só Unigênito, mas é o mesmo que é o Filho. Os Três são um, quanto à divindade, e o Um são Três quanto às propriedades, para que o Um não seja Sabélio e nem a Trindade seja a perniciosa divisão atual (*Discurso teológico* 5 [31.9]).

A definição pneumatológica aconteceu no Concílio de Constantinopla, hoje Istanbul, Turquia, em 381. Prevaleceu o pensamento de Atanásio, elaborado e aperfeiçoado pelos pais capadócios: Basílio de Cesareia, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa. Os dois Gregórios participaram do Concílio. O período entre Niceia, 325, e Constantinopla foi o de maior debate sobre a identidade do Espírito Santo. Esse Concílio aprovou o Credo Constantinopolitano, também conhecido como Credo Niceno-

Constantinopolitano, pois a base dele é o Credo de Niceno de 325 com a ampliação do artigo sobre o Espírito Santo.

O Credo afirma que o Espírito Santo é “o Senhor e Vivificador, o que procede do Pai e do Filho, o que juntamente com o Pai e o Filho é adorado e glorificado, o que falou por meio dos profetas”.[27] O Credo de Atanásio reitera essa afirmação. Convém salientar que o Credo Niceno-Constantinopolitano declara simplesmente que o Espírito Santo “procede do Pai”, e a expressão “e do Filho” não é original, foi acrescentada ao Credo no Sínodo de Toledo em 589. *Filioque* é o termo latino que significa literalmente “e do filho”, usado em teologia para indicar a dupla processão do Espírito Santo, ou seja, do Pai e do Filho. Atanásio, Basílio de Cesareia, Gregório de Nazianzo e Gregório de Nissa, defenderam o *monopatrismo*, isto é, que o Espírito procede do Pai, mas nunca se opuseram ao *filioquismo*, ou seja, que o Espírito procede do Pai e do Filho.

Uma vez dada essa breve explicação histórica-teológica retornemos às palavras de Jesus: “Quando, porém, vier o Consolador, que eu enviarei a vocês da parte do Pai, o Espírito da verdade, que dele procede, esse dará testemunho de mim” (Jo 15.26). Qual a melhor interpretação? O Espírito procede somente do Pai ou procede do Pai e do Filho? Eis a discussão teológica que vem atravessando séculos que culminou com o primeiro Cisma da Igreja, a ruptura do Oriente com o Ocidente em 1054.

A questão sobre a divindade e a personalidade do Espírito Santo foi resolvida no Concílio de Constantinopla e nunca mais

houve questionamento sério sobre o assunto. Mas esses teólogos capadócios deixaram ainda uma ponta solta, a questão do *filioque*, a dupla processão do Espírito Santo. Os pais ocidentais como Agostinho de Hipona e Hilário de Poitiers defenderam o filioque que é mantido ainda hoje pelos católicos romanos e pela maior parte dos protestantes, entre eles as Assembleias de Deus no Brasil.[28] As igrejas orientais desde a antiguidade questionam tal doutrina e não reconhecem a autenticidade da referida expressão no Credo. Segundo as igrejas ortodoxas, o Espírito procede somente do Pai. Ainda hoje os seus teólogos responsabilizam Agostinho de Hipona (354430) pela difusão no Ocidente da dupla processão.

Nós reconhecemos a dupla processão como verdade bíblica: “quando vier o Consolador, que eu da parte do Pai vos hei de enviar” (Jo 15.26); “E, havendo dito isso, assoprou sobre eles e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo” (Jo 20.22). Na visão oriental, o filioquismo “parece sujeitar o Espírito Santo a uma posição mais dependente que o Filho, além de infringir contra a Sua deidade”.[29] Teólogos das igrejas ortodoxas costumam afirmar que o Espírito procede do Pai por meio do Filho. Mas, Sergius Bulgakov[30] considera a discussão como falso problema e não um motivo para impedir a unificação Oriente e Ocidente.

Algumas edições do Credo traduzem *zo¯opoion* como “doador da vida”, nós adotamos “vivificador”. A expressão “Senhor e Vivificador” são atributos ou títulos exclusivos da deidade. Como o Filho é Senhor igual ao Pai (At 10.36; Fp 2.11), da mesma forma o é

igualmente o Espírito Santo (2 Sm 23.2, 3; 2 Co 3.17, 18). O Credo expressa com precisão o pensamento bíblico sobre o Espírito Santo como Doador da vida ou Vivificador (Jo 6.63; 2 Co 3.6; Rm 8.2), Ele vivifica os mortos e ressuscitou a Jesus (Rm 8.11). Da mesma maneira que o Pai e o Filho têm vida em si mesmo (Jo 5.21, 26), o Espírito Santo tem também vida em si mesmo. Isso significa que ele não depende da criação, antes o contrário, a criação é que depende dele. “Adorado e glorificado juntamente com o Pai e o Filho”. Essa declaração é a parte crucial do Credo Niceno-Constantinopolitano. Isso porque aparentemente não existe na Bíblia uma indicação direta de adoração ao Espírito Santo. Segundo o Credo de Atanásio: “tanto a unidade na trindade como a trindade na unidade deve ser adorada” (artigo 27 – *Declaração de Fé*).[31] Isso significa que quem adora o Pai simultaneamente está adorando também o Filho e o Espírito Santo, e da mesma forma quem adora o Filho está adorando o Pai e o Espírito Santo, e de igual modo, quem adora o Espírito Santo está também adorando o Pai e o Filho. O Deus revelado na Bíblia é trino e uno (Mt 28.19). Quando alguém no culto diz glória a Jesus!, o Pai e o Espírito Santo estão sendo glorificado também. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são um só e mesmo Deus (1 Co 12.4-6; 2 Co 13.13).

A construção paulina: “nós, que servimos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo” (Fp 3.3) permite também a tradução: “nós, que servimos ao Espírito de Deus”. Os expositores do Novo Testamento estão de acordo com essa possibilidade de

tradução. Segundo Agostinho de Hipona, as gerações de cristãos usavam essa passagem como base para a adoração ao Espírito Santo (*A Trindade*, Livro I, 13).[32] Ninguém traduz “servimos” ou “adoramos” ao Espírito de Deus” no lugar de “servimos a Deus no Espírito” por se tratar de uma passagem ambígua e única. Visto que a Bíblia inteira revela a divindade absoluta do Espírito Santo, se Ele é Deus nada impede que ele seja adorado e por isso não há necessidade dessa versão alternativa.

O ESPÍRITO SANTO REPROVA E CONVENCE O MUNDO

O verbo que aparece como “convencer” em: “Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16.8) é *elencho*¯ , [33] que significa além de “convencer”, “reprovar, refutar, admoestar, repreender”. Alguns, como Vine, acrescenta o verbo “condenar” a esta lista.[34] Isso permite traduções diferentes, coisa que dificulta, às vezes, a compreensão da mensagem. É pouco comum falar sobre o Espírito Santo como juiz, mas essa função é real, apesar de ser pouco difundida na Bíblia. Há alguns lampejos no Antigo Testamento que lembram essa função.[35] Mas, as palavras de Jesus não deixam dúvidas sobre o papel do Espírito como juiz: “Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo: do pecado, porque eles não creem em mim; da justiça, porque vou para o Pai, e vocês não me verão mais; do juízo, porque o

príncipe deste mundo já está julgado" (Jo 16.8-11). Essa é a passagem bíblica mais enfática sobre o assunto.

O ministério de juiz do Espírito é o de convencer o mundo, ou seja, tanto reprová-lo como persuadi-lo para conduzir as pessoas a Cristo e quanto aos crentes, guiar e revelar a verdade, além de capacitá-los para testemunhar de Jesus. Nessa missão, o Espírito confronta o mundo e dá continuidade ao que Jesus já vinha fazendo (Jo 3.19, 20; 5.22, 27, 30; 8.46). O Espírito torna as pessoas conscientes do seu estado de miséria espiritual e as leva a reconhecerem o Senhor Jesus Cristo como seu Salvador (Tt 3.5). Então, é Ele quem convence o mundo do pecado. O pecado nessa passagem é uma referência à incredulidade, como Jesus mesmo disse: "do pecado, porque eles não creem em mim" (Jo 16.9). Essa incredulidade é que traz condenação (Jo 3.18, 36) e impede ainda que as pessoas recebam vida ou que pelo menos sintam necessidade dela e por isso não conseguem perceber que estão em estado de morte. A obra do Espírito é convencer essas pessoas do seu estado de miséria espiritual para que elas creiam em Jesus.

O Espírito convence o mundo da justiça: "da justiça, porque vou para o Pai, e vocês não me verão mais" (v. 10). Jesus, a luz do mundo (Jo 8.12), mostrava quão densas são as trevas em que as pessoas estavam mergulhadas (Jo 3.19-21; 7.7; 15.22, 24). A justiça nessa passagem se refere à justiça impecável de Cristo (Jo 8.46), e, indo Ele para o Pai, o mundo não pode vê-lo. Assim, essa obra de convencer os pecadores continua com o Espírito, e isso porque

Jesus não está mais na terra para realizar essa tarefa, mas sim seus discípulos. É isso que significa do mundo e da justiça.

Jesus disse ainda que o Espírito Santo convencerá as pessoas “do juízo, porque já o príncipe deste mundo está julgado” (Jo 16.11). O “príncipe deste mundo” é uma referência a Satanás, derrotado pela a vitória de Cristo no Calvário (Jo 12.31-33; 14.30). O Espírito convence o mundo do juízo, ou seja, trata-se de julgamento. Que julgamento? Nossos pecados foram julgados em Cristo na cruz, e Satanás perdeu as multidões que vieram a Jesus pela ação do Espírito Santo. Mas, esse julgamento se refere ao mesmo tempo ao julgamento de Satanás que já começou e será concluído na consumação dos séculos (Mt 25.41; Ap 12.7-10; 20.10). O diabo ainda luta numa batalha que já foi perdida. Esse “juízo” é uma referência tanto ao julgamento de nossos pecados na cruz do Calvário e como ao julgamento de Satanás, que já foi vencido por Jesus na sua morte e ressurreição.

As Escrituras revelam no ministério do Espírito Santo a ação de alguém que reprova o erro, pois ele é santo, essa santidade é própria dele, ela não vem de ninguém externo a ele, pois é ele que santifica (Rm 15.16) além de convencer o mundo “do pecado, e da justiça, e do juízo”.

[17] SOARES, Esequias (organizador). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 44.

[18] VINE, W. E.; UNGER, Merril F.; WHITE JR., William. *Dicionário Vine – O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e Novo Testamento.* Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 497.

[19] HORTON, Stanley M. *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 133. Este livro foi publicado como, *O que a Bíblia diz sobre o Espírito Santo*, conforme o título original em inglês; a nova edição foi publicada como, O Espírito Santo na Bíblia.

[20] VINE, W. E.; UNGER, Merril F.; WHITE JR., William. Ibidem, p. 839.

[21] ROBERTSON, A. T. *Imágenes Verbales en el Nuevo Testamento*, tomo 5. Barcelona, España: Editorial Clie, 1990, 279.

[22] JONES, Stuart & McKENZIE. *Greek-English Lexicon Liddell & Scott*. London: Oxford University Press, 1968, p. 702.

[23] Os tropicianos eram uma seita do Egito; o nome vem de *tropos*, "figura". Atanásio assim o denominou por causa da exegese figurada deles. Eles diziam ser o Espírito Santo um anjo e uma criatura.

[24] Os pneumatomacianos surgiram depois dos tropicianos. O termo *pneumatomachoi*, de *pneuma*, "espírito", e *machomai*, "falar mal, contra", eram os "opositores do Espírito". O nome foi dado por Atanásio ao grupo religioso liderado por Eustáquio de Sebaste (300-380), que não aceitava a divindade do Espírito Santo.

[25] Sobre a breve história da pneumatologia, ver: SOARES, Esequias. *A Razão da Nossa Fé.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017, pp. 78-84.

[26] NACIANCENO, Gregorio. Ibem. pp. 228-230.

[27] SOARES, Esequias (organizador). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 219.

[28] Ibidem, p. 70.

[29] BERKHOF, Louis. *A história das doutrinas cristãs.* São Paulo: PES, 1992, p. 84.

[30] Sergius Bulgakov (1871-1944) foi cristão ortodoxo reconhecido como um dos grandes teólogos russos do século 20, isso além de filósofo e economista. Lecionou em Livny, Rússia, e em Paris; foi autor de diversos livros. Em sua obra sobre o Espírito Santo, escrita originalmente em russo e intitulada *The Comforter*, em inglês publicada em 2004 pela William B. Eerdmans Publishing Company, ele apresenta uma análise crítica e profunda sobre o filioquismo, pp. 75-151; e, em espanhol, *El Paráclito.* Salamanca: Ediciones Sígueme, 2014, pp. 133-197. Em português, BRAY, Gerald. *História da teologia cristã.* São Paulo: Shedd Publicações, 2017, pp. 703-796.

[31] Ibidem, p. 222.

[32] AGOSTINHO, Santo. *A Trindade.* São Paulo: Paulus, 1995, p. 38.

[33] O verbo *elencho*¯ aparece 18 vezes no Novo Testamento grego e significa "repreender" (Mt 18.15; Lc 3.19; 1 Tm 5.20; 2 Tm 4.2; Tt 1.13; 2.15; Hb 12.5; Ap 3.19); "convencer,

persuadir” (Jo 8.46; 16.8; 1 Co 14.24; Tt 1.9; Jd 15); “reprovar” (Jo 3.20; Ef 5.11, 13); “redarguir ou, cometer pecados” (Jo 8.9 [variante textual]; Tg 2.9).

[34] Ibidem, p. 507.

[35] HORTON, Michael. *Redescobrindo o Espírito Santo.* São Paulo: Vida Nova, 2018, pp. 103-117.

capítulo 3

O BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

Ser batizado no Espírito Santo é uma linguagem conhecida desde os primitivos cristãos até os dias atuais, é uma expressão bíblica usada por leigos e teólogos, pentecostais e não pentecostais. Todos nós usamos a mesma expressão, mas não falamos a mesma língua. Para nós, o batismo no Espírito Santo é uma coisa; para os não pentecostais, é outra. Para os pentecostais clássicos, a evidência física inicial do batismo é o falar em línguas, a glossolalia, mas os outros pentecostais discordam disso, e os neopentecostais estão mais focados na cura divina e na prosperidade financeira.

O QUE SIGNIFICA “BATISMO NO ESPÍRITO”?

João Batista disse: “Eu batizo vocês com água, para arrependimento; mas aquele que vem depois de mim é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de carregar as sandálias. Ele os batizará com o Espírito Santo e com fogo” (Mt 3.11). Essa promessa reaparece nas passagens paralelas (Mc 1.8; Lc 3.16; Jo 1.33). O Senhor Jesus se referiu a ela antes de sua ascensão (At 1.4) e acrescentou: “Porque João, na verdade, batizou com água, mas vocês serão batizados com o Espírito Santo, dentro de poucos dias” (At 1.5). Essa declaração vincula Mateus 3.11 com a experiência do dia de Pentecostes (At 2.2-4). A prova disso é que o apóstolo Pedro identificou a experiência de Cornélio (At 10.44-46) com a promessa anunciada por João Batista e reiterada pelo Senhor Jesus (At 11.15-17).

A declaração de Pedro significa que o acontecido em Pentecostes se chama batismo no Espírito Santo, ou melhor, os cerca de 120 discípulos e discípulas foram batizados no Espírito Santo. Há até não pentecostais que aceitam essa interpretação, que não é nossa, vem do próprio Pedro: “Quando comecei a falar, o Espírito Santo caiu sobre eles, como também sobre nós, no princípio. Então me lembrei da palavra do Senhor, quando disse: ‘João, na verdade, batizou com água, mas vocês serão batizados

com o Espírito Santo'" (At 11.15, 16). Não será fácil refutar essa verdade pentecostal.

O que na linguagem de Lucas é identificado como "batizar no Espírito Santo" é descrito de diversas maneiras: "a promessa do Pai" (At 1.4) ou "do meu Pai" e o "revestimento de poder" ou "poder do alto" (Lc 24.49), e ainda "dom do Espírito Santo" (At 2.38; 10.45)[36] e "virtude do Espírito Santo" (At 1.8). A Bíblia descreve essa experiência de diversas maneiras: "Todos ficaram cheios do Espírito Santo" (At 2.4), "derramarei o meu Espírito" (Jl 2.28) ou "derramarei do meu Espírito" (At 2.17 ARC), "caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra" (At 10.44), "Quando comecei a falar, o Espírito Santo caiu sobre eles" (At 11.15); "o Espírito Santo veio sobre eles, tanto falavam em línguas como profetizavam" (At 19.6). Essas, pois, são as descrições do batismo no Espírito Santo.

São dois pontos fundamentais sobre o conceito do pentecostalismo clássico de batismo no Espírito Santo: a) trata-se de uma experiência espiritual do crente com o Espírito de Deus separada da conversão, na qual ele "entra em uma nova fase em relação ao Espírito";[37] b) tem o falar em línguas, glossolalia, como evidência física inicial do batismo. Essa é a doutrina das Assembleias de Deus conforme a nossa confissão de fé.[38] Esses pontos doutrinários têm fundamentos sólidos no Novo Testamento que serão apresentados no presente estudo.

⁙ Significado do batismo no Espírito nos relatos de Lucas-Atos

Todos os registros no Novo Testamento de pessoas que foram batizadas no Espírito Santo já eram crentes, ou seja, eram discípulos de Jesus. Começando pelo dia de Pentecostes, depois vêm as experiências dos samaritanos, de Saulo de Tarso, de Cornélio e dos 12 discípulos de Éfeso. É possível alguém admitir que nenhum deles era crente quando foram batizados no Espírito? São cinco relatos e três deles com a evidência inicial das línguas.

A começar pelos discípulos no Pentecostes. Jesus havia dito aos doze que seus nomes estavam escritos no céu: “No entanto, alegrem-se, não porque os espíritos se submetem a vocês, e sim porque o nome de cada um de vocês está registrado no céu” (Lc 10.20). Todos os crentes têm o Espírito Santo, esse é o pensamento paulino (Gl 3.1-5). Não existe cristão sem o Espírito Santo: “E, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele” (Rm 8.9). Não faz sentido dizer que aquelas quase 120 pessoas reunidas no cenáculo não eram crentes.

A expressão “ser cheio do Espírito Santo” deve ser entendida à luz do seu contexto. Nem sempre significa o batismo no Espírito (At 4.8; 13.9; Ef 5.18), mas, no Pentecostes, “todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (At 2.4), isso se refere ao batismo, pois o contexto confirma isso, como já foi demonstrado.

A narrativa de Atos 10 mostra a ministração do apóstolo Pedro na casa de Cornélio. Pedro foi para Cesareia, pois Cornélio já estava com seus familiares e amigos a sua espera, ávido pela Palavra de Deus. Enquanto Pedro falava “estas palavras, o Espírito Santo caiu sobre todos os que ouviam a mensagem” (At 10.44). Isso é o que chamamos de batismo no Espírito Santo. Depois, ele mesmo, ao retornar a Jerusalém, relatou a experiência da casa de Cornélio aos demais apóstolos e interpretou o ocorrido como “batizar no Espírito Santo”. Lucas interpreta essas experiências como o batismo no Espírito Santo profetizado por João Batista (Lc 3.16), confirmado pelo Senhor Jesus antes de sua assunção ao céu (At 1.4, 5) com o seu cumprimento no dia de Pentecostes. O apóstolo Pedro não poderia ter sido mais claro como foi ao enfatizar que a experiência da casa de Cornélio foi a mesma de Pentecostes e que o fenômeno do Pentecostes é o mesmo anunciado por João Batista (At 11.15, 16).

Agora vem a questão, Cornélio e os seus já eram crentes? É uma pergunta interessante. Roger Stronstad apresenta argumentos persuasivos e bem fundamentados para afirmar que a casa de Cornélio era um ponto de pregação onde ele com sua família e amigos se reuniam para cultuar a Deus.[39] Se os seus argumentos puderem ser confirmados, será mais uma confirmação da teologia pentecostal, as duas experiências, batismo-iniciação cristã. Outros acreditam que não eram convertidos (At 11.14), contudo, isso não anula a verdade pentecostal sobre batismo-conversão. Nós cremos

ser o batismo no Espírito Santo “uma experiência espiritual que ocorre após ou junto à regeneração, sendo acompanhada da evidência física inicial do falar em línguas”.[40] Eu mesmo já presenciei alguém sendo batizado ao aceitar a Cristo no momento da oração, como também sou testemunha de que a minha mãe esperou 28 anos para receber esse batismo, e meu pai serviu a Deus por mais de 25 anos, morreu glorificando o nome de Jesus, mas não recebeu o batismo. A experiência de Cornélio, de qualquer forma, é um exemplo bíblico, sendo ele crente ou não antes da visita de Pedro, de que já estava convertido ao ouvir a pregação de Pedro.

Atos 19.1-7 registra a experiência dos doze discípulos de Éfeso. O texto sagrado afirma que o apóstolo Paulo, ao passar pela cidade de Éfeso, achou “ali alguns discípulos” (v. 1). Se eram discípulos, essa linguagem nos diz que eram crentes em Jesus. Paulo perguntou, “Vocês receberam o Espírito Santo quando creram?” Eles responderam: “Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo” (v. 2). Os expositores do Novo Testamento estão divididos, se esses homens eram cristãos ou se faziam parte de alguma seita não cristã. Seria razoável uma pergunta dessa natureza a um sectário? Por que Paulo não perguntou se eles eram salvos? Não se pergunta a um descrente se ele tem o Espírito Santo. Quem vai perguntar a uma testemunha de Jeová ou a um mórmon se ele já recebeu o Espírito Santo? Esses discípulos haviam sido batizados “no batismo de João” (v. 3). João Batista

anunciou que Jesus é aquele que batiza no Espírito Santo e veio depois de João (v. 4). É natural admitir que se trata de um grupo de incipientes e imaturos, que não conheciam os fundamentos da verdade de forma adequada, como acontece ainda hoje com muitos novos convertidos provenientes de movimentos independentes. Pelo fato de crerem em Jesus não apresentaram objeção alguma: “os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus” (v. 5).

Seguindo a metodologia de Roger Stronstad,[41] esses homens eram crentes, e isso não é difícil de aceitar. Stronstad argumenta que Lucas apresenta antecedentes e qualificações espirituais de todo aquele que recebeu o Espírito Santo ou foi cheio Dele na narrativa Lucas-Atos, isso acontece com Zacarias e Isabel, Simeão, os discípulos no dia de Pentecostes, os samaritanos, Cornélio, e com os efésios não é diferente. Isso quer dizer que todos eles são crentes.

Todas essas passagens bíblicas mostram com abundância de detalhes que todos os que receberam o batismo no Espírito Santo eram crentes em Jesus. Isso quer dizer que esse batismo é sequencial à bênção da salvação que é para todas as pessoas que vêm a Cristo (At 2.38, 39). E o apóstolo Pedro, que interpreta o fenômeno de Pentecostes à luz de Joel 2.28-32, deixa ainda mais claro que essa promessa do Espírito é para todos os crentes, leigos e teólogos, homens e mulheres de todas a idades em todos os lugares e em todas a épocas (At 2.14-21). Não se trata, pois, de “elitismo” como costumam insinuar os críticos dos pentecostais.

Filipe, como Estêvão, sobressaiu-se na pregação do evangelho. Filipe foi impulsionado pelo Espírito Santo para pregar o evangelho aos samaritanos. As multidões prestavam atenção ao que ele dizia. Muitos sinais e maravilhas Deus fazia entre os samaritanos por meio de Filipe. Muitos se converteram e foram batizados: “Quando, porém, deram crédito a Filipe, que os evangelizava a respeito do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, iam sendo batizados, tanto homens como mulheres” (At 8.12). E, assim, o evangelho era divulgado em Samaria como determinou o Senhor (At 1.8). A chegada dos apóstolos Pedro e João em Samaria fortaleceu o trabalho de Filipe e também os samaritanos foram batizados no Espírito Santo (8.14-17). Quando Pedro e João chegaram em Samaria já havia uma comunidade de cristãos fundada por Filipe, eram crentes e haviam sido batizados nas águas. A igreja de Jerusalém soube “que o povo de Samaria tinha recebido a palavra de Deus” (v. 14). Os apóstolos oraram para que os samaritanos recebessem o Espírito Santo (v. 15), e quando lhes impuseram as mãos “eles receberam o Espírito Santo” (v. 17). Ou seja, os samaritanos foram batizados no Espírito Santo. E alguém ainda ousa afirmar que esses samaritanos não tinham se convertido e que não eram crentes em Jesus? Perto de Damasco, Saulo de Tarso foi subitamente envolvido por uma luz que o derrubou por terra (At 9.4; 22.7; 26.14), e a voz de Jesus o chamava nominalmente (At 9.3,4). Ele reconheceu imediatamente que se tratava de algo divino, pois disse: “Senhor, quem é você?” (At 9.5). Vencido e alvejado pela

graça de Deus, Saulo foi conduzido cego para Damasco. O Senhor Jesus encarregou um discípulo, chamado Ananias, a orar para que Saulo recuperasse as vistas e fosse cheio do Espírito Santo: “Então Ananias foi e, entrando na casa, impôs as mãos sobre Saulo, dizendo: — Saulo, irmão, o Senhor Jesus, que apareceu a você no caminho para cá, me enviou para que você volte a ver e fique cheio do Espírito Santo.” (At 9.17). Foram pelo menos três dias entre o encontro de Saulo com Jesus e o seu contato com Ananias. Isso mostra que ele foi batizado no Espírito Santo depois de sua conversão.

Significado do batismo pelo Espírito Santo em Paulo

A sétima e última passagem no Novo Testamento que faz menção de ser batizado no Espírito Santo é do apóstolo Paulo: “Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um só corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito” (1 Co 12.13). É a única menção do batismo no Espírito Santo com significado diferente da experiência do Pentecostes, trata-se de outro caso. Essa é uma das razões que levam os teólogos não pentecostais a pensarem que ser batizado no Espírito Santo e converter-se serem uma mesma experiência. Mas, esses teólogos precisam entender que o pensamento pneumatológico de Paulo se distingue do de Lucas.

O problema é que muitos teólogos não pentecostais leem Lucas com lentes paulinas. Em Lucas-Atos, devem ser considerados alguns princípios para se ter uma base firme: a homogeneidade literária e teológica de Lucas-Atos para a compreensão, o caráter teológico da historiografia lucana e a independência teológica de Lucas. Isso é enfatizado e explicado por Stronstad: “Enquanto Lucas *narra* o papel do Espírito Santo na história da Igreja primitiva, Paulo *ensina* os leitores sobre a pessoa e o ministério do Espírito”.[42] Stronstad chama à atenção o fato de Lucas não ser simplesmente um historiador da igreja, mas antes de tudo um teólogo que interpreta as suas narrativas.

Robert P. Menzies vai nessa mesma linha de pensamento. Ele argumenta muito bem quando esclarece a diferença da visão sobre o Espírito Santo entre Paulo e Lucas: “Paulo trata das preocupações pastorais na igreja; Lucas escreve um manifesto missionário”. O que Lucas entende sobre o batismo no Espírito Santo é diferente do que Paulo entende. Menzies afirma ainda: “Esse reconhecimento de que a teologia de Lucas relativa ao Espírito é *diferente* da de Paulo é crucial para o entendimento pentecostal do batismo no Espírito Santo”.[43] Isso faz toda a diferença.

É verdade que o batismo paulino em discussão é iniciático, isso indica a iniciação da pessoa no corpo de Cristo na conversão. O problema é associar o tal batismo ao derramamento do Espírito do dia de Pentecostes. Muitas versões da Bíblia usam a expressão “em um só Espírito” (1 Co 12.13), que se trata de uma possibilidade e

não necessariamente de uma realidade. Nessa passagem, é o Espírito quem batiza, isso é diferente e não deve ser confundido com as outras seis referências ao batismo no Espírito Santo. A tradução que melhor se harmoniza com o pensamento paulino seria batizado “por um só Espírito” (Almeida Século 21); “pelo mesmo Espírito” (NTLH); “por um só Espírito” (BKA); “pelo único Espírito” (NVT). A NVI e a TNIV têm esta nota: “Ou *com* ou ainda *por*”; mas em inglês há uma inversão, “por um Espírito” está no texto, e “em um Espírito”, aparece no rodapé indicando tradução alternativa. O mesmo acontece com as versões inglesas que usam: “por um Espírito”[44] (BKJ, KJV, CEB, NASV e Mof). Os textos interlineares do Novo Testamento Grego-Português de Valdyr Carvalho Luz e de Zane C. Hodges & Arthur Farstad também empregam “por um só Espírito”. Isso mostra que fomos batizados pelo Espírito Santo quando aceitamos a Jesus como Salvador pessoal.

Os que se posicionam contra a ideia de conversão separada do batismo no Espírito costumam alegar que a preposição grega ἐν, *en*, significa tão somente “em”. Acontece que en frequentemente significa “por” como “movido pelo Espírito” (Lc 2.27); “ninguém que fala pelo Espírito de Deus”(1 Co 12.3); “como agora foi revelado aos seus santos apóstolos e profetas, pelo Espírito” (Ef 3.5). Stanley M. Horton acrescenta: “É claro que não é apenas preferência hermenêutica pentecostal que faz uma distinção entre o batismo pelo Espírito, que incorpora os crentes no Corpo de Cristo, e o batismo no Espírito Santo, no qual Cristo é aquEle que batiza”.[45]

Isso mostra que não se trata de uma posição tendenciosa ou bairrista dos pentecostais. Temos uma lista considerável de versões da Bíblia ao nosso lado.

O PROPÓSITO DO BATISMO NO ESPÍRITO

No dia de Pentecostes, “todos foram cheios do Espírito Santo” (At 2.4), que no presente contexto, como já foi explicado, significa ser batizado no Espírito Santo. Esse batismo é a plenitude do Espírito na vida de quem tem Jesus no coração. Isso significa o revestimento do poder de Deus para o serviço divino, a capacitação do Espírito para que todos possam testemunhar de Jesus com liberdade e ousadia (At 1.8). Mas, convém deixar claro que “ser cheio do Espírito” pode indicar outros fenômenos como ministério profético (Lc 1.15), profecia (1.41, 67), testemunho (At 4.8, 31), realização de milagres (Rm 15.19) entre outros. O contexto esclarece o significado da expressão. Esse tema será retomado no capítulo 9, “Vivendo o fervor espiritual”.

O relato do Pentecostes (At 2.1-13) revela três sinais distintivos que mostram a ação divina por ocasião da descida do Espírito Santo no dia de Pentecostes: “um som, como de um vento impetuoso”, vindo do céu (At 2.2); a visão das línguas “como de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles” (v. 3) e o falar em línguas, “Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras

línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (v. 4). Os dois primeiros sinais não se repetem nunca mais. Isso acontece porque foram manifestações anunciando a chegada do Espírito Santo, alguém tão importante quanto o Filho. Assim, o som soava como vento, mas não era vento, e da mesma forma a visão não era fogo, mas lembrava o fogo de Deus (Êx 3.2; 1 Rs 18.38). Foi um acontecimento singular, algo que ocorre só uma vez. Era a manifestação do poder de Deus.

Esse milagre é evidenciado pelo contexto da narrativa. A reação dos peregrinos que estavam em Jerusalém para o dia de Pentecostes corrobora com o pensamento dos pentecostais clássicos. “Todos, atônitos e perplexos, perguntavam uns aos outros: — O que será que isso quer dizer? Outros, porém, zombando, diziam: — Estão bêbados!” (At 2.12, 13). Os peregrinos ficaram admirados com tudo o que viam e ouviam, e alguns deles pensaram até que o grupo de Jesus estava embriagado. A pergunta deles: “O que será que isso quer dizer?” E a resposta dos escarnecedores: “estão bêbados”, são sinais claros de que “as outras línguas” do Pentecostes não eram idiomas humanos reais. Esses detalhes são evidências robustas de que se trata de línguas ininteligíveis ou extáticas.

Os peregrinos de Jerusalém presenciaram as línguas, e o apóstolo Pedro explica: “Mas o que está acontecendo é o que foi dito por meio do profeta Joel” (At 2.16). Isto o quê? O derramamento do Espírito com todos os sinais e, dentre eles, a glossolalia. O

apóstolo continua no seu sermão que os últimos dias já começaram e, desde então, homens e mulheres, jovens e anciãos, servos e livres, independentemente do seu *status social* ou posição na igreja são todos moradas do Espírito: “E acontecerá nos últimos dias, diz Deus, que derramarei o meu Espírito sobre toda a humanidade. Os filhos e as filhas de vocês profetizarão, os seus jovens terão visões, e os seus velhos sonharão. Até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei o meu Espírito naqueles dias, e profetizarão” (At 2.17, 18). Esse discurso de Pedro é uma citação *ipsis litteris* de Joel 2.28,29, exceto a frase, “nos últimos dias, diz Deus” (v. 17) e a expressão, “e profetizarão” (v. 18).

Ser batizado no Espírito Santo é uma experiência distinta da conversão e que capacita o cristão para testemunhar de Jesus e ter uma vida cristã abundante e vitoriosa. Essa manifestação do Espírito é atual e concedida a quem a buscar com fé, obediência, humildade e persistência (Lc 11.9-13), cujo sinal físico, visível inicial do recebimento é o falar em línguas. A promessa de ser batizado no Espírito Santo é para toda a Igreja. Isso engloba todos os cristãos em todos os lugares e em todas as épocas, de modo que as línguas são inseparáveis. Dos três sinais manifestos no dia de Pentecostes com a descida do Espírito Santo, somente o “falar em outras línguas” veio para ficar, e ele se repete ainda hoje.

O RECEBIMENTO E A EVIDÊNCIA DO BATISMO NO ESPÍRITO SANTO

São duas as marcas distintivas do pentecostalismo clássico, “batizar ou ser batizado no Espírito Santo” como algo distinto da conversão, trata-se de uma experiência subsequente à salvação, como capacitação para o serviço, e a identificação do falar em línguas como evidência física inicial do batismo no Espírito.

O falar línguas é a evidência física inicial que indica que o irmão ou a irmã foi batizado no Espírito Santo, “mas somente a evidência inicial, pois há evidência contínua da presença especial do Espírito como o “fruto do Espírito” (Gl 5.22) e a manifestação dos dons (1 Co 14.1)”.[46] Esse é o resultado de muitos debates desde os pioneiros do pentecostalismo moderno como Charles Fox Pahram e William J. Seymour, esse último liderou o movimento da Rua Azusa. Outros líderes surgiram não somente em Los Angeles, na Califórnia, como também no estado do Texas, em Topeka e Houston, em Chicago, no estado de Illinois, em Nova Iorque e também em diversas regiões da Europa, como Alemanha, Inglaterra e Suíça. Mas, foi na primeira Conferência Mundial Pentecostal, organizada em Zurique, Suíça, 1947, que afirmou a doutrina da evidência inicial. [47]

Charles Fox Pahram, um itinerante metodista convertido ao movimento Holiness e pregador de curas pela fé, é tido por muitos como o fundador do pentecostalismo. Ele influenciou o movimento com o pensamento único do falar em línguas como evidência do

batismo no Espírito Santo. Mas, isso já havia sido ensinado na Grã-Bretanha. Cerca de 75 anos antes do avivamento da Rua Azusa, Edward Irving (1792-1834), teólogo presbiteriano escocês, que, segundo o *Dicionário do Movimento Pentecostal*, foi o precursor do movimento pentecostal, fundou em Londres a Igreja Apostólica Católica, que não sobreviveu tempo o suficiente para se juntar aos pentecostais do século 20.[48] Um discípulo de Pahram, William J. Seymour, liderou o movimento da Rua Azusa a partir de 1906. Houve divergências entre os pioneiros do pentecostalismo clássico, cuja posição nunca foi monolítica. Vamos às Escrituras. O fenômeno, "falar em outras línguas", aparece explicitamente três vezes associado diretamente a ação divina de batizar no Espírito Santo (At 2.4; 10.44-48; 19.1-7).

A narrativa de Atos 2.1-13 mostra que as línguas do Pentecostes são ininteligíveis, a glossolalia, que se distinguem das línguas humanas reais. Lucas emprega dois termos gregos para "línguas" na narrativa do dia de Pentecostes: *glo¯ssa* (vv. 3, 4, 11) e *dialektos* (vv. 6, 8). *Glo¯ssa* significa "língua", como fala, linguagem, "idioma" e também membro ou órgão físico da boca (Tg 3.5), que aparece metaforicamente no relato de Lucas: "E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles" (v. 3). Ao serem cheios do Espírito Santo, os discípulos e as discípulas "começaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem" (v. 4). A exegese

das línguas permite os pentecostais clássicos interpretarem o falar em línguas como um dom do Espírito e de natureza ininteligível.

A palavra “outras” em grego é *heteros*, assim: *lalein heterais glo¯ssais* significa “falar em outras línguas”. Segundo o *Dicionário Vine*, o adjetivo *heteros* “expressa uma diferença qualitativa e denota ‘outro’ de tipo diferente”. Lucas está falando de uma língua que só pode ser compreendida por um milagre.

O falar em línguas revela as grandezas de Deus: “todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus” (v. 11). E quando Cornélio com sua família e amigos foram batizados no Espírito Santo, o apóstolo Pedro e a sua comitiva: “os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus” (At 10.46). Nessas línguas, *glo¯ssai*, plural de *glo¯ssa*, eles magnificam a Deus como em Pentecostes, eles falavam das grandezas de Deus. Mais adiante, o apóstolo Paulo revela que o dom de línguas é a linguagem do Espírito (1 Co 14.15). O termo grego para “línguas”, no derramamento do Espírito em Pentecostes, na casa de Cornélio e nos discípulos de Éfeso, é *glo¯ssa* (At 10.46; 19.6).

O *dialekto* é a “linguagem” de um país ou região, “idioma, dialeto”. Fora da narrativa do Pentecostes, essa palavra aparece mais quatro vezes no Novo Testamento como idioma (At 1.19; 21.40; 22.2; 26.14). Quando esses peregrinos de Jerusalém se referem a sua língua materna, Lucas emprega o substantivo *dialektos*, “porque cada um os ouvia falar na sua própria língua” (v. 6); “Então como os ouvimos falar, cada um em nossa própria língua

materna?” (v. 8). A manifestação das línguas nos discípulos era o dom de línguas, glossolalia, e os de fora ouviam em seu próprio idioma, em que cada um foi nascido. O milagre em Pentecostes foi duplo: os discípulos falaram línguas desconhecidas, a *glo¯ssa*, e cada representante dessas 17 nações os ouvia cada um em sua própria língua, *dialektos*. Deus capacitou a cada um para que entendesse em sua própria língua, mas a língua que os discípulos falavam era ininteligível.

A glossolalia é a manifestação das línguas estranhas no batismo no Espírito Santo bem como das línguas como um dos dons espirituais. São línguas celestes e ininteligíveis. Trata-se de um termo técnico de origem grega, *glo¯ssa*, “língua, idioma”, e de *lalía*, “modo de falar” (Mt 26.73), “linguagem” (Jo 8.43), substantivo derivado do verbo grego *lalein*, “falar”. A expressão *lalein glo¯ssais*, “falar línguas” (1 Co 14.5), é usada no Novo Testamento para indicar a linguagem do Espírito (1 Co 14.15). É comum o uso do termo “glossolalia” nos temas pentecostais para designar o “falar em línguas”.

A xenolalia é outra coisa, é a habilidade de falar uma língua que o indivíduo não aprendeu. O termo vem do grego *xenos*, “estrangeiro, estranho”, e *lalein*, “falar”. Os pioneiros pentecostais da Rua Azusa pensavam que o dom de línguas fosse uma xenolalia, e por isso esperavam evangelizar rapidamente o mundo com esse recurso. Os precursores do avivamento da Rua Azusa, como A. B. Simpson e W. B. Godbey, entendiam o dom de línguas como uma

xenoglossia missionária. Alguns pais da igreja chegaram a pensar dessa maneira, como Irineu de Lião em *Contra as Heresias*, no livro V.6.1, e também João Crisóstomo, patriarca de Constantinopla, em *Homilia sobre 1 Coríntios* 12.1, 2. Pahram defendeu essa ideia a vida inteira, mas a maioria dos pioneiros pentecostais da Rua Azusa abandonou rapidamente essa visão de "língua missionária". Segundo Robert Menzies, as línguas podem servir como ferramenta evangelística, mas em casos muito especiais, e o único exemplo xenolálico é o próprio Pentecostes: "E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu" (At 2.5).[49] Mas, segundo Max Turner, Lucas não deixa evidência de que "*glo¯ ssais lalein* geralmente servia a um propósito evangelístico".[50] Mas, isso não significa necessariamente que Deus não tenha operado esse milagre ao longo da História.

O pastor Virgínio de Carvalho Neto, líder conhecido nas Assembleias de Deus no Brasil, pastor da Igreja de Aracaju, Sergipe, e presidente da Convenção daquele estado recebeu o milagre da xenolalia em 1974 para servir como missionário em Madagáscar. Ele recebeu do Espírito Santo a língua francesa, sem estudar e nem fazer qualquer curso dela, numa oração a sós com Deus, numa tarde, no seminário, e à noite, no culto, já estava entendendo a língua e se comunicando perfeitamente com os franceses. Nessa língua ele serviu 20 anos em Madagáscar como missionário e ainda hoje serve o reino de Deus nessa língua, atendendo a obra por toda parte, principalmente África e Ásia.

Trata-se de um testemunho incomum, mas é um fato real, estamos falando de alguém conhecido em nossas igrejas em todo o país e cuja idoneidade é inquestionável. Assim, fica claro que Deus age como, onde e quando quer, desde que não seja contrário as Escrituras.

Sobre a experiência na casa de Cornélio. Como a comitiva de Pedro soube que Cornélio, sua família e amigos receberam o Espírito? Lucas responde: “Pois eles os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus” (At 10.46). Falar línguas é algo visível e audível no texto e, portanto, inquestionável. Todos reconheceram se tratar da mesma experiência do Pentecostes: “Será que alguém poderia recusar a água e impedir que sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?” (v. 47), argumentou o apóstolo Pedro.

O terceiro registro lucano em Atos é a experiência dos doze discípulos de Éfeso (At 19.1-7). O Espírito veio sobre os 12 discípulos, e isso quer dizer que eles foram batizados no batismo no Espírito Santo: “E, quando Paulo lhes impôs as mãos, o Espírito Santo veio sobre eles, e tanto falavam em línguas como profetizavam” (At 9.6). As línguas aparecem com a evidência física inicial desse batismo.

Há ainda duas experiências significativas em que Lucas não menciona de forma expressa e direta o falar línguas ao tratar de “ser batizado no Espírito Santo”, mas deixa claro que o dom de línguas

ocorreu. São os casos do avivamento em Samaria (At 8.5-24) e da experiência de Saulo de Tarso (At 9.17).

A chegada de Pedro e João em Samaria fortaleceu o trabalho de Filipe e também os samaritanos foram batizados no Espírito Santo (At 8.14-17). Os apóstolos oraram para que os samaritanos recebessem o Espírito Santo (v. 15), e quando lhes impuseram as mãos, “e receberam o Espírito Santo” (v. 17). Como foi possível saber que eles receberam o Espírito Santo? A melhor explicação é a manifestação das línguas.

A manifestação do poder de Deus tomou conta da cidade: “As multidões, unânimes, davam atenção às coisas que Filipe dizia, ouvindo-as e vendo os sinais que ele fazia: “Pois os espíritos imundos, gritando em alta voz, saíam de muitos que estavam possuídos por eles; e muitos paralíticos e coxos foram curados” (vv. 6, 7). Simão, o mágico, presenciou todas as maravilhas: “observando extasiado os sinais e grandes milagres praticados” (v. 13). E, Simão, “viu que, pelo fato de os apóstolos imporem as mãos, era concedido o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro” (v. 18). Como ele soube que os discípulos recebiam o Espírito Santo pela imposição das mãos dos apóstolos? A resposta é que foram as línguas. Ele não pediu poder para operar sinais e maravilhas, mas o poder para que as pessoas sobre as quais ele impusesse as mãos recebessem também o Espírito. A conclusão é o falar línguas como a evidência física inicial do batismo no Espírito Santo.

Não há menção de falar em línguas na experiência de Saulo de Tarso, mas ser cheio do Espírito significa ser batizado no Espírito Santo (At 9.17). O apóstolo Paulo afirma que fala línguas: “Dou graças ao meu Deus, porque falo mais línguas do que vós todos” (1 Co 14.18). Foram pelo menos três dias entre o encontro de Saulo com Jesus e o seu contato com Ananias. Isso mostra que ele foi batizado no Espírito Santo depois de sua conversão, e o fato de ele mesmo expressar que falar em línguas confirma o posicionamento pentecostal.

O apóstolo Paulo discorre sobre os dons espirituais nos capítulos 12, 13 e 14 de 1 Coríntios. O capítulo 14 é uma antítese de falar línguas e profecias, às vezes, esses dois dons se identificam. Ele inclui também o dom de interpretação das línguas. O destaque paulino ao dom de línguas diz respeito à instrução sobre sua natureza e função e como esse dom é administrado na devoção pessoal e no culto.

As línguas do batismo no Espírito Santo e as do dom de variedade de línguas são as mesmas. Elas procedem de uma mesma fonte, o Espírito, e são ininteligíveis. Elas se tornam compreensíveis por meio do dom de interpretação (1Co 14.27, 28). O apóstolo Paulo nos ensina sobre a natureza do dom de línguas, elas são espirituais: “Porque o que fala língua estranha não fala aos homens, senão a Deus; porque ninguém o entende, e em espírito fala de mistérios” (1 Co 14.2). O falar em línguas é a linguagem do Espírito, da edificação, da adoração e do louvor (1 Co 14.15). O

apóstolo afirma ainda que fala mais línguas que todos os coríntios (1 Co 14.18), e ele estava longe de ser um mero teórico, era homem de experiências profundas com o Espírito Santo (1 Co 2.12; 7.40).

---

[36] A palavra grega para “dom” referente ao batismo no Espírito Santo em Atos 2.38; 10.45 é *do¯reá*, diferente de *chárisma*, usada para os dons espirituais (Rm 12.6; 1 Co 12.4, 9, 28, 30, 31). Não confundir o batismo com os dons do Espírito.

[37] JOHNS, Donald A. In: “Novas diretrizes hermenêuticas na doutrina da evidência inicial do pentecostalismo clássico” – MCGEE, Gary. – Editor geral. *Evidência inicial.* Natal, RN: Editora Carisma, 2019, p. 193.

[38] SOARES, Esequias (organizador). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 166.

[39] STRONSTAD, Roger. *A teologia carismática de Lucas -Trajetórias do Antigo Testamento a Lucas*

-Atos. Rio de Janeiro: CPAD, 2018, pp. 105-109.

[40] SOARES, Esequias (organizador). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 166.

[41] Stronstad usa uma ferramenta de erudição bíblica na hermenêutica pentecostal importante que evita basear uma interpretação de maneira isolada e indutiva. Nesse método, Stronstad chama à atenção o fato de Lucas não ser simplesmente um historiador da igreja, mas antes de tudo um teólogo que interpreta as suas narrativas. Em Lucas-Atos, devem ser considerados alguns princípios para se ter uma base firme: a homogeneidade literária e teológica de Lucas-Atos para a compreensão, o caráter teológico da historiografia lucana e a independência teológica de Lucas (STRONSTAD. Ibidem, p. 15).

[42] STRONSTAD. Ibidem, p. 15.

[43] MENZIES, Robert P. Pentecostes – *Essa história é a nossa história.* Rio de Janeiro: CPAD, 2016, p. 42

[44] Em inglês: “For by one Spirit”.

[45] HORTON, Stanley M. *I & II Coríntios – Os Problemas da Igreja e Suas Soluções.* Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 119.

[46] SOARES, Esequias (organizador). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 165.

[47] MCGEE, Gary Editor. *Evidência inicial.* Natal, RN: Editora Carisma, 2019, p.152.

[48] ARAUJO, Isael. *Dicionário do Movimento Pentecostal.* Rio de Janeiro: CPAD, 2007, p. 392.

[49] MENZIES, Robert. *Glossolalia – Jesus e a Igreja Apostólica como modelos sobre o dom de línguas.* Natal, RN: Editora Carisma, 2019, p. 169, 160.

[50] TURNER, Max. *The Holy Spirit and Spiritual Gifts Then and Now.* Carliste, Cumbria, Great Britain: Paternoster press, 1996, p.226.

capítulo 4

A ATUALIDADE DOS DONS ESPIRITUAIS

Há inúmeras evidências da manifestação dos dons espirituais ao longo da história da igreja. São evidências históricas e as próprias experiências de milhões de pessoas em todo o mundo, experiências à luz das Escrituras. A presença de milagres é conhecida nos escritos da patrística, nos autores cristãos da Idade Média e na Reforma Protestante. A teologia pentecostal, principalmente o pentecostalismo clássico, é bíblica. A ideia de que os pentecostais baseiam suas crenças nas emoções é equivocada, o que acontece é que a nossa proximidade com Deus é mais estreita, a nossa comunhão com o Senhor não é artificial. Para os

pentecostais Deus é mais real. Religião sem milagres é mera filosofia. Esses milagres são fatos, para desacreditá-los os cessacionistas terão que desafiar as testemunhas oculares, e não se basear simplesmente em alguns casos isolados de exageros ou até mesmo meninices.

A NECESSIDADE DOS DONS ESPIRITUAIS HOJE

Ser pentecostal significa crer na atualidade das manifestações do Espírito Santo, e isso envolve o batismo e os dons espirituais. Mas, não é só isso, muitos teólogos e leigos não pentecostais pensam como os pentecostais sobre as manifestações do Espírito na atualidade, principalmente quando afirmam que são batizados no Espírito Santo porque têm o Espírito. No entanto, ter o Espírito Santo não é a mesma coisa que ser batizado. Todos os crentes em Jesus já têm o Espírito, isso já foi explicado no capítulo anterior, mas ser batizado é receber o revestimento de poder do alto como capacitação para testemunhar de Jesus (At 1.8). Muitos afirmam que o batismo no Espírito Santo é também para os nossos dias, mas interpretam tal experiência dessa maneira. Essas pessoas pensam que esse batismo é a mesma coisa que a conversão, e biblicamente não é isso que acontece. E, há pentecostais que se recusam a aceitar o falar em línguas como evidência física inicial do batismo no Espírito Santo, embora acreditem na atualidade da

glossolalia como um dom do Espírito, mas não necessariamente como sinal do batismo.

Nada indica nos ensinos paulinos que confirme as ideias cessacionistas de que os dons espirituais ou alguns deles sejam para o período apostólico ou para um período específico qualquer. Enquanto a igreja peregrinar na terra, ela dependerá do poder do Espírito manifestado por meio dos dons sem o qual será impossível cumprir a missão designada pelo Senhor Jesus. Não é possível a igreja se sustentar sozinha, nem foi isso que Jesus estabeleceu, antes enviou o Consolador (Jo 14.16-18). Os dons foram concedidos à igreja, e enquanto ela não terminar a sua jornada na terra, vai depender desses recursos milagrosos para realizar a obra de Deus e testemunhar de Jesus. Os dons continuarão até a vinda de Jesus: “Existem mensagens espirituais, porém elas durarão pouco. Existe o dom de falar em línguas estranhas, mas acabará logo. Existe o conhecimento, mas também terminará. Pois os nossos dons de conhecimento e as nossas mensagens espirituais são imperfeitos. Mas, quando vier o que é perfeito, então o que é imperfeito desaparecerá” (1 Co 13.8-10). A vinda do “que é perfeito” é uma referência à vinda de Cristo.

Jack Deere, que antes era cessacionista, ex-professor de Antigo Testamento do Dallas Theological Seminary, foi surpreendido pelo poder do Espírito em pleno exercício de suas funções no seminário, que o levou a um reexame sobre a sua posição tradicional e descobriu que Deus “continua a falar e a curar nos dias de hoje”.[51] A

nossa conclusão com base nas Escrituras e na experiência da igreja ao longo dos séculos e, de maneira especial na vívida experiência pentecostal a partir do avivamento da Rua Azusa, é que o cessacionismo não tem fundamentação bíblica e é pós-bíblico.

Existem aspectos divergentes da doutrina pentecostal. Por isso, nem todos os autores pentecostais estão totalmente de acordo com a nossa doutrina, pois muitos deles têm suas interpretações diferenciadas em alguns pontos, alguns deles periféricos, que não desmerecem e nem desqualificam o trabalho deles, mas são pontos doutrinários que destoam da fé assembleiana. Os autores assembleianos mais conhecidos são Stanley M. Horton, William Menzies e seu filho Robert P. Menzies e Gary McGee. Os dons espirituais são necessários porque a igreja não avança nenhum passo sem eles. A igreja está numa batalha contra o reino das trevas. O conflito está fora da esfera física, ela é espiritual. O nosso inimigo é invisível aos olhos físicos, detectamos os efeitos maléficos da ação deles. É uma luta que ninguém poder vencer sem ajuda de Deus. Jesus disse: “Porque sem mim vocês não podem fazer nada” (Jo 15.5) o mesmo pode ser dito do Espírito Santo”, o “outro Consolador” (Jo 14.16). E os dons espirituais são “capacitações especiais e sobrenaturais concedidas pelo Espírito de Deus ao crente para serviço especial na execução dos propósitos divinos por meio da Igreja.”[52] São meios pelos quais o Espírito equipa os membros do corpo de Cristo para realizar o que não seria possível

por meio dos recursos humanos. Além disso, é por meio deles que confessamos o nome de Jesus e somos edificados.

O termo grego usado para os dons espirituais nos capítulos 12 ao 14 de 1 Coríntios é *chárisma*, um cognato de *cháris*, “graça”, cuja ideia é aquilo que foi dado pela graça por parte de Deus. O apóstolo Paulo não emprega de forma literal a expressão “dons espirituais”, quando introduz o assunto: “Irmãos, não quero que vocês estejam desinformados a respeito dos dons espirituais” (1 Co 12.1), ele emprega a expressão grega: *to¯n pneumatiko¯n*, literalmente, “das coisas espirituais”. O adjetivo *pneumatikós*, “espiritual”, é empregado de forma substantivada pelo apóstolo. Mas, o substantivo *chárisma*, “dom”, como disse, um cognato de *cháris*, “graça”, cuja ideia é o que foi dado pela graça, aparece duas vezes nesse parágrafo que trata dos nove dons espirituais (1 Co 12.4-11): “os dons são diversos, mas o Espírito é o mesmo” (v. 4); “a outro, no mesmo Espírito, dons de curar” (v. 9). A maioria dos expositores do Novo Testamento reconhece a legitimidade da tradução de *to¯n pneumatiko¯n* como “dons espirituais”, em várias versões da Bíblia, pois é disso que o apóstolo está tratando. Paulo usa a mesma construção mais adiante (1 Co 14.1).

Alguns estranham o fato de Paulo lembrar os coríntios a sua procedência pagã nesse contexto (1 Co 12.2). Os destinatários diretos dessa mensagem eram de origem pagã, eles não tinham discernimento espiritual, pois eram guiados pelos “ídolos mudos”. Embora os ídolos sejam mudos (Sl 115.4-7), por trás deles estão os

demônios (1 Co 10.20). Veja que a expressão “éreis gentios” mostra que todo aquele que se converte ao Senhor Jesus deixa de ser gentio. Esses irmãos coríntios se converteram a Cristo e agora eram guiados pelo Espírito, o que distribui os dons espirituais. Mais estranho ainda é a declaração: “ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: Jesus é anátema!” (1 Co 12.3). É possível um raciocínio desse? Sim, pode ser um espírito demoníaco ou um falso mestre, ou ainda, alguém que interpreta de maneira equivocada a maldição da cruz (Gl 3.13). A verdade é que ninguém pode reconhecer o senhorio de Cristo e a sua verdadeira identidade senão pelo Espírito Santo: “E ninguém pode dizer que Jesus é o Senhor, senão pelo Espírito Santo” (v. 3b). Tal declaração é a suprema confissão do Espírito que reconhece a divindade e o senhorio de Cristo (Jo 16.14; Rm 10.9; Fp 2.11).

A FUNÇÃO DOS DONS ESPIRITUAIS

A função dos dons espirituais é tornar a manifestação do poder de Deus cada vez mais real e dinâmica para a edificação do corpo de Cristo, e, antes de tudo, autenticar a obra de Cristo (At 2.33). O apóstolo Paulo apresenta cinco listas dos dons espirituais (Rm 12.6-8; 1 Co 12.8-10; 1 Co 12.28; 1 Co 12.29, 30; Ef 4.11), mas nenhuma delas é completa, todas são diferentes, seu propósito não é descrever e nem definir nenhum deles, mas no caso dos coríntios, o objetivo é corrigir a percepção deles sobre o uso dos dons. O Novo

Testamento não revela quantos dons espirituais existem. Como bem ensinou Stanley M. Horton: “O propósito de Paulo, porém, não é oferecer uma lista abrangente, nem descrever os dons”.[53] Muita gente pensa que esses dons são nove com base na lista de 1 Coríntios 12.8-10. O apóstolo não está afirmando que são nove, antes eram esses os dons em que havia abusos pelos coríntios e por essa razão eles são mencionados nessa lista. A explicação deles vem em seguida e nos dois capítulos subsequentes.

Na lista de Romanos 12.6-8 aparecem sete dons espirituais, entre os quais, especiais e normais, quais são eles? Profecia, ministério, ensino, exortação, contribuição, presidência e misericórdia. Podemos considerar os dons de Profecia e de ensino como milagres.

Uma peculiaridade dessa lista é que cada dom é seguido de uma explicação, ainda que com uma simples frase. O dom de profecia é o único que aparece em todas as listas e é o que aparece com maior frequência nas epístolas paulinas, principalmente em 1 Coríntios nos capítulos 12 a 14. Esse tema será retomado mais adiante. Os *charísmata*, plural de *chárisma*, dessa lista, aparecem em dois grupos, o dom de profecia pertence ao grupo dos dons extraordinários e os outros como ordinários. O “ministério”, ou serviço, *diakonia*, em grego, de onde vem a nossa palavra, “diácono”.

O dom de ensino não se constitui simplesmente num exercício intelectual sem depender do Espírito Santo, como disse Craig S.

Keener: “se fosse assim, uma pessoa não salva poderia ter esse mesmo ‘dom’. O dom de ensino é uma dádiva especial da graça que, como 1 Coríntios 12.8-11 mostra, também é uma concessão especial de poder do Espírito de Deus”.[54] A exortação *parákle¯sis*, “consolação, conforto, exortação, admoestação”, lembra bem o Paracleto, o Consolador prometido por Jesus (Jo 14.16).

O que contribui, ou reparte, conforme a ARC, aquele que compartilha seus recursos pessoais para o bem dos demais, isso deve ser realizado com sinceridade “da maneira de Barnabé, e não de Ananias e Safira (Atos 4.36, 37; 5.1-3)”, como bem observou Stanley Horton, “Barnabé, conforme você se lembra, era cheio do Espírito Santo, ao passo que Ananias era mentiroso”.[55] Ainda hoje há os que contribuem porque outros o fazem ou porque esperam alguma recompensa. O Espírito capacita os membros do corpo de Cristo para que cada um proceda de acordo com a vontade de Deus e seja uma bênção para a comunidade.

Presidir é liderar, deve ser o mesmo chamado “administrar” (1 Co 12.28), ou “governos”, na ARC, visto que há certos graus de superposições entre os dons nessas diferentes listas. O dom de presidir deve ser exercido com cuidado, diligência e zelo. A misericórdia se parece com o dom de repartir, mas isso se refere ao cuidado de doentes, idosos e dos pobres. É um dom exercido com gozo no coração e alegria e não como um fardo pesado, as igrejas estão cheias dessas pessoas. O *Comentário Bíblico Pentecostal – Novo Testamento* observa bem que nessa lista, cada dom começa

com um “se”; que significa, “se você tem um dom use”; os últimos dons da lista começam cada um com “o que”.[56] Esses dons são dados segundo a graça que cada um recebeu.

Há quem acredite que existem apenas nove dons espirituais, pois interpreta como únicos os apresentados em 1 Coríntios 12.8-10. Mas, o apóstolo apresenta mais duas listas de dons espirituais nesse mesmo capítulo, uma com oito dons (v. 28) e outra com sete, incluindo algumas repetições da primeira lista (vv. 29, 30). Isso sem contar a lista de Romanos 12.6-8, de Efésios (Ef 4.11) e uma lista petrina (1 Pe 4.11). Há quem afirme que a lista de 1 Coríntios 12.8-10 é completa e as demais seriam expressões ou explicações desses nove dons. Em nenhum lugar o apóstolo limita o número de dons, e nisto cremos e professamos: “Os dons espirituais são vários, e nenhuma lista deles no Novo Testamento pretende ser exaustiva; e nem mesmo existe a expressão “estes sãos os dons espirituais”.[57]

Esta é a lista mais conhecida e mais disputada pelos pentecostais e se destaca das demais listas porque esses nove dons “pertencem a uma categoria exclusiva que demanda uma ação direta do Espírito Santo, independentemente da contribuição humana, embora se utilize do ser humano para se expressar”.[58] A *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*, traz uma breve explicação sobre cada um desses nove dons no capítulo XX, intitulado: “Sobre os dons do Espírito Santo”. O propósito do apóstolo Paulo não é fazer uma exposição doutrinária sobre o

assunto. O que ele está fazendo é uma correção de abusos desses dons na comunidade cristã de Corinto e dessa forma esses dons vêm à tona, essa é a razão do tema carismático aparecer na epístola.

Na opinião de Gordon Chown[59], onde há vida exuberante ocorre alguma desordem, causada pelo crescimento poderoso, mas que isso não é razão para descartar o valor dos dons. O pensamento sobre a igreja de Corinto de acordo com os expositores do Novo Testamento: “o fogo do avivamento ardia em Corinto, e alguma centelhas caíam fora lareira, ameaçando o tapete. Paulo não pensou em chamar o corpo de bombeiros para apagar o fogo, apenas ofereceu a igreja um jogo de ferramenta para lidar com a lareira: as medidas disciplinares e as exortações para a busca dos dons”.[60] Essa ilustração é esclarecedora e a estratégia paulina é atual para evitar a mornidão espiritual que já acontece em alguns lugares.

Paulo revela a natureza desses dons e sua procedência divina, no Deus Trino e uno (1 Co 12.4-6) e nos instrui sobre o seu uso correto (1 Co 12.7, 11). Os nove dons desta lista estão classificados de diversas maneiras, mas se trata de classificações didáticas e posteriores, organizadas por teólogos ao longo dos séculos. Todas as diferentes classificações dividem os dons em três grupos. A divisão mais conhecida é a seguinte: a) dons de revelação, palavra da sabedoria, palavra da ciência e discernimento dos espíritos; b) dons de poder, fé, dons de curar e operações de maravilhas; c) dons

de inspiração, profecia, variedade de línguas e interpretação. Outros, como Gordon Chown, consideram o terceiro grupo como dons de inspiração e Walter Brunelli, como dons de locução.

Parece haver uma classificação interna, na forma em que o texto foi construído pelo apóstolo em três grupos, dois, cinco e dois. Duas vezes o adjetivo grego *héteros*, “outro de tipo diferente” intercala os grupos, assim: “e a outro, pelo mesmo Espírito, a fé” (1 Co 12.9); “e a outro, a variedade de línguas” (1 Co 12.10b). Nas outras vezes, o termo usado para “outros” é *állos*, “outro de mesmo tipo”. Nesse caso, *héteros* seria o elemento divisor. Se isso puder significar uma classificação ou divisão, seriam em três grupos, dois, cinco, dois, assim: a) dons do ensino ou pregação, palavra da sabedoria e palavra da ciência; b) dons de ministério, fé, dons de curar, operação de maravilhas, a profecia e dom de discernir os espíritos; c) dons de adoração, variedade de línguas e interpretação de línguas. Stanley M. Horton segue essa divisão funcional feita pelo próprio apóstolo Paulo.

A palavra da sabedoria

Essa é a primeira manifestação que aparece nessa lista. Primeiro é necessário saber o que o apóstolo queria dizer com a expressão “palavra da sabedoria”. Corinto era uma cidade grega, capital da província da Acaia, essa terminologia era da cultura deles (1 Co 1.21-23). Paulo chegou na cidade não com palavra persuasiva de sabedoria humana, “mas em demonstração do Espírito e de

poder, para que a fé que vocês têm não se apoiasse em sabedoria humana, mas no poder de Deus" (1 Co 2.4, 5). Os coríntios não tinham dificuldade para entender essa *palavra* porque o tema era um dos problemas da comunidade deles.

A palavra da sabedoria é uma declaração, discurso, pronunciamento inspirado e exclusivamente para uma ocasião específica e, concedido por Deus. Esse dom se refere à pregação ou sermão quando acontece de repente, sem prévio planejamento e dirigido de maneira especial pelo Espírito Santo. Isso aconteceu com o apóstolo Pedro no discurso no dia de Pentecostes em Atos 2 e depois da cura do coxo na porta do templo, chamada Formosa, em Atos 3. O Senhor Jesus disse aos discípulos para não se preocuparem com o que for falar diante das autoridades durante as perseguições (Lc 12.11,12). Os discípulos de Jesus enfrentaram essa realidade diversas vezes e, isso acontece ainda hoje. Mas, a *palavra* não se restringe ao culto ou ao exercício de qualquer ministério na igreja, Deus usa esse dom para resolver inúmeros problemas do dia a dia que não seria possível uma solução por simples recursos humanos, mas por meio de teólogos e leigos, homens e mulheres de todas as idades e classes sociais movidos pelo poder do Espírito (At 2.17,18).

A palavra do conhecimento

O conhecimento, do grego *gno¯ sis*, era assunto de interesse dos gregos, portanto, dos coríntios. O termo era popular entre os

gnósticos. Os termos “palavra, sabedoria e conhecimento” pertenciam ao mesmo campo semântico da retórica dos sofistas, os quais eram os filósofos que se apresentavam como professores de técnicas, eram os mestres de retórica e cultura geral. O *sofiste¯s* era um professor, por isso essa palavra era aplicada, também, aos poetas e educadores da Grécia como Homero, Hesíodo, Píndaro e outros. Segundo Craig S. Keener “Os cristãos locais, seguindo o exemplo de sua cultura, valorizavam o discurso sábio e informado, especialmente a oratória cheia de pompa dos sofistas e as reflexões inquisitivas dos filósofos”.[61] Parece que esse era o problema de Corinto, o orgulho tanto pela retórica como pela suposta sabedoria e conhecimento. Mas, o conhecimento cristão no contexto paulino é completamente diferente do conhecimento do mundo (1 Co 1.21), pois ele se refere aos mistérios de Deus (Ef 3.3), uma iluminação do Espírito (2 Co 4.6). O que todos nós precisamos saber sobre a *palavra do conhecimento* ou: *da ciência* (ARC, TB) que é “o dom de adentrar com profundidade na doutrina revelada e compreendê-la no seu conjunto e em seus detalhes e expô-la para a instrução do corpo de Cristo e também aos outros de forma individual”.[62] Essa *palavra* diz respeito às coisas de Deus (Ef 1.17; Cl 1.9; 2.3). Tudo aquilo que jamais poderíamos saber pelo entendimento humano nos é concedido pela palavra do conhecimento (1 Co 2.9, 10).

:: O dom da fé

O apóstolo introduz esse grupo de dons com o adjetivo grego *heteros*, que nos parece se tratar de dons diferentes dos dois primeiros. O sentido do termo “fé” é muito amplo nas Escrituras. Como um dos dons espirituais, a fé se distingue da fé salvífica (Ef 2.8) e da fé como fruto do Espírito (Gl 5.22). Os principais expositores pentecostais do Novo Testamento reconhecem que se trata de um tipo de fé “que pode mover montanhas” (Mt 17.20; 21.21; Mc 11.22-24). Mas, o *Comentário Bíblico Pentecostal* esclarece muito bem que o “dom da fé não funciona isoladamente. É o meio para se chegar a curas milagrosas e outras demonstrações do poder divino”.[63] É, pois, uma fé especial usada num momento específico com o objetivo de realizar a obra de Deus, aquilo que ele nos chamou para fazer, e não os nossos desejos e objetivos.

Os dons de curar

Não há qualquer indício bíblico que nos convença que a cura divina cessou. A cura divina é um milagre que continua presente na vida da igreja, os testemunhos de curas são abundantes, que muitas vezes deixam médicos e enfermeiros perplexos nos hospitais. O que leva os irmãos e as irmãs à cura divina é a fé em Jesus e a leitura dos relatos bíblicos de muitos milagres. Essa leitura nos inspira e aumenta a nossa esperança num Deus fiel e misericordioso (Lm 3.26; Ef 3.20, 21). O que chama a atenção da maioria dos expositores pentecostais do Novo Testamento é a forma plural: “a outro, no mesmo Espírito, dons de curar” (1 Co 12.9). Esse plural

permite-nos concluir que se trata de “manifestações do poder do Espírito Santo que operam de maneira multiforme para cura de doenças e enfermidades do corpo, da alma ou psicossomáticas, sempre concedidas pelo Espírito Santo à pessoa que irá ministrá-la, pois é Deus quem cura e somente a Ele pertence a glória” (At 4.30; Is 42.8; 48.11).[64] Esse tema será retomado mais adiante, no capítulo 10, “O Senhor Jesus cura hoje”.

Operações de milagres

Esse dom aparece exatamente como, “a outro, operações de milagres” (1 Co 12.10), ou: “de maravilhas” (ARC), no plural, como acontece com os dons de curar. A palavra grega para “milagres”, ou “maravilhas”, é *dynamis*, de significado amplo, como: “poder, força”. Isso significa demonstração de poder. O plural, “talvez, indique tipos diversos de operações para diferentes indivíduos que realizam milagres, como no caso de curas”.[65] Os milagres de Jesus não se restringem à cura e libertação. Há no Novo Testamento quatro palavras para designar “milagre”: *teras*, “maravilha”; *se¯meion*, “sinal”; *dynamis*; “poder” e *ergon*, “trabalho, obra, feito”. Os três primeiros termos aparecem em um só versículo: “Jesus, o Nazareno, homem aprovado por Deus diante de vocês com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou entre vocês por meio dele” (At 2.22), ou: “Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais” (ARC). Segue um exemplo de *ergon*, como milagre: “Quando João,

no cárcere, ouviu falar das obras de Cristo” (Mt 11.2), ou: “E João, ouvindo no cárcere falar dos feitos de Cristo” (ARC). É verdade que toda a cura divina é um milagre, mas a operação de milagres ou maravilhas indica a amplitude do poder de Deus por meio desses dons, operações ou manifestações. Às vezes, fica difícil identificar se o dom usado foi o de fé, ou os de curar ou de operações de milagres. Em qual desses você acha que Pedro foi usado na cura do coxo no pórtico de Salomão? (At 3.3-9).

O dom de profecia

Esse é o único dom que aparece em todas as listas paulinas, às vezes, o apóstolo o substitui por “profetas” (1 Co 12.28, 29; Ef 4.11). Dentre os problemas a respeito dos dons espirituais em Corinto, o dom de profecia era um dos principais. O apóstolo Paulo trata dos dons nos capítulos 12 a 14 de 1 Coríntios, mas dedica o capítulo 14 para explicar a natureza e funcionamento dos dons de profecia, línguas e interpretação. Nenhum dom faltava aos coríntios (1 Co 1.7), mas eles os usavam de forma abusiva esquecendo que esses dons lhes foram dados por Deus, não eram deles próprios: “E o que é que você tem que não tenha recebido? E, se o recebeu, por que se gloria, como se não o tivesse recebido? (1 Co 4.7). É Deus que distribui os dons (1 Co 12.7, 18, 28). Cada crente recebeu algum tipo de dom, e isso é ilustrado na figura do corpo humano (1 Co 12.15, 17, 21, 23, 26), visto que a igreja é o corpo místico de Cristo (1 Co 12.27). As expressões verbais proféticas são divinas e

segundo Paulo são revelações (1 Co 14.29, 30). O que pode ser considerado revelação nessa passagem? O *Comentário Bíblico Pentecostal* afirma que profecia

> É tanto contínuo e descontínuo em relação ao fenômeno de expressões verbais proféticas do Antigo Testamento. Sua função primária não é predizer o futuro, mas transmitir uma mensagem de Deus. É uma expressão verbal espontânea, inteligível, que normalmente ocorre nas assembleias dos crentes.[66]

Segundo Gordon D. Fee, a profecia "consistia em mensagens espontâneas, inspiradas pelo Espírito Santo e inteligíveis, entregues de forma oral na assembleia reunida, destinadas à edificação ou ao encorajamento das pessoas".[67] As duas citações empregam o termo "espontâneo", essa é uma das características da profecia (1 Co 14.29-31), e essas definições descartam qualquer ideia de profecia ser pregação ou sermão previamente planejado. A legitimidade de a igreja julgar se a mensagem é autêntica mostra que é possível o profeta ultrapassar os limites e acrescentar algo pessoal no discurso. O profeta que fizesse isso no período do Antigo Testamento seria considerado falso profeta e condenado à morte, caso a palavra profética não se cumprisse (Dt 18.20-22); no entanto, o apóstolo não considera falso profeta e nem corta da comunhão da igreja aquele que se entusiasma e fala além daquilo que Deus mandou. As profecias não tinham autoridade independente na igreja, diz Fee, e acrescenta: "mas que sempre deviam estar sob

autoridade do corpo todo, o qual devia decidir no Espírito o sentido, ou talvez, a viabilidade, do que havia sido dito".[68]

As profecias dentro do contexto segundo a orientação paulina cumpre a função de edificar, exortar e consolar: "o que profetiza fala para as pessoas, edificando, exortando e consolando" (1 Co 14.3), não são canônicas.

Discernimento de espíritos

O discernimento é na vida cotidiana a capacidade de compreender e avaliar as coisas com bom senso e clareza, separar o certo do errado com sensatez. O termo aparece nessa acepção na Bíblia (2 Sm 19.35; Jn 4.11). O discernimento de espíritos é um dos dons espirituais concedidos aos crentes em Jesus que os capacita a distinguir o real do aparente e a verdade da mentira.

O dom de discernir os espíritos aparece logo após o dom de profecia (1 Co 12.10); por essa razão, muitos associam o referido dom como meio de "julgar as profecias, isso porque o substantivo grego para "discernimento" é *diákrisis*, e o verbo para "julgar", em, "Tratando-se de profetas, falem apenas dois ou três, e os outros julguem" (1 Co 14.29), é *diakrino*¯ . Mas o contexto do Novo Testamento mostra que essa não é a sua única função. Serve também para distinguir a manifestação do Espírito Santo das manifestações de profecias, línguas, visões, curas provenientes de fontes demoníacas, e para proteger-nos dos ataques satânicos.

Manifesta-se em situações nas quais não é possível com recursos humanos identificar a origem da manifestação milagrosa.

O dom de discernimento de espíritos nos permite conhecer tudo aquilo que é impossível saber por meio de recursos humanos. O caso de Paulo e da adivinha de Filipos é emblemático, um exemplo clássico do uso desse dom na vida real (At 16.16-22). Reconhecer a origem maligna de uma manifestação contra a igreja não é tão difícil, mas, no contexto de Paulo diante dos elogios da adivinhadora, isso era praticamente impossível sem a atuação do Espírito Santo.

Há manifestações aparentemente milagrosas por meio de falsos profetas (Dt 13.1-3). Jesus disse que o anticristo aparecerá fazendo sinais prodígios e maravilhas de maneira tal que, se possível fora, enganaria até os escolhidos (Mt 24.24). Os agentes de Satanás transformam-se em anjo de luz, e seus mensageiros, em ministros de justiça (2 Co 11.13-15). Em todos os lugares e em todas as épocas, sempre existiram falsas imitações que só com o discernimento do Espírito Santo é possível identificar a fonte de tais manifestações. Isso mostra a importância e a atualidade do dom de discernir os espíritos.

O dom de variedade de línguas

Segundo Carl Brumback, “falar línguas é o mais espetacular desses sinais e dons que se manifestam no Movimento Pentecostal, e aquele que distingue seus aderentes de todos os outros

crentes”.[69] O falar em línguas é a glossolalia, isso já foi explicado no capítulo anterior. As línguas do batismo no Espírito Santo e as do dom de variedade de línguas são as mesmas. Elas procedem de uma mesma fonte, o Espírito, e são ininteligíveis, elas se distinguem das línguas humanas reais. Elas se tornam compreensíveis por meio do dom de interpretação (1Co 14.27, 28). O apóstolo Paulo nos ensina sobre a natureza do dom de línguas, elas são espirituais: “Pois quem fala em línguas não fala para as pessoas, mas fala para Deus; ninguém o entende, pois, por meio do Espírito, fala mistérios.” (1 Co 14.2). O falar em línguas é a linguagem do Espírito, da edificação, da adoração e do louvor (1 Co 14.15). O apóstolo afirma ainda que fala mais línguas que todos os coríntios (1 Co 14.18), e ele estava longe de ser um mero teórico, era homem de experiências profundas com o Espírito Santo (1 Co 2.12; 7.40).

O ensino paulino se harmoniza com a experiência de Pentecostes. As quase 120 pessoas “começaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (At 2.4). Todos foram cheios do Espírito Santo, homens e mulheres, apóstolos e leigos. Eles não estavam falando entre si e nem tão pouco dialogando com peregrinos curiosos e perplexos com o que viam e ouviam, antes eles haviam sido atraídos pelo “barulho que parecia o de um vento soprando muito forte” (At 2.2). Quando se dirigiram ao cenáculo encontraram os discípulos, pois “Quando ouviram aquele barulho, uma multidão deles se ajuntou, e todos ficaram muito admirados porque cada um podia entender na sua

própria língua o que os seguidores de Jesus estavam dizendo" (At 2.6). Isso significa que todos os que falavam em línguas falavam a Deus, pois, "Pelo poder do Espírito Santo ele diz verdades secretas" (1 Co 14.2). O mesmo pode ser dito da casa de Cornélio: "Porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus" (At 10.46 ARC). Estavam magnificando a Deus, portanto, falando com ele. É possível acontecer de o falar em línguas ser dirigido a outra pessoa individual ou até mesmo para a comunidade num culto, conforme ensina o apóstolo Paulo, desde que haja "intérprete" (1 Co 14.5, 13). O falar em línguas é um sinal da presença de Deus.

O apóstolo Paulo diz ainda que o falar línguas é um sinal para o descrente: "De sorte que as línguas são um sinal, não para os fiéis, mas para os infiéis; e a profecia não é sinal para os infiéis, mas para os fiéis" (1 Co 14.22). O que significa o falar em línguas ser um sinal para o descrente? 1 Coríntios 14.20-25 é uma das passagens paulinas mais difíceis.

Até os expoentes pentecostais mais respeitados no mudo reconhecem a sua dificuldade. Gordon Fee e Robert Menzies analisam a questão com profundidade. O enfoque é procurar entender como o falar línguas é tido como um sinal para os descrentes.

No v. 21, Paulo cita Isaías 28.11: "Pelo que, por lábios estranhos e por outra língua, falará a este povo". O profeta se refere a um sinal de juízo, portanto, um sinal negativo. Visto que o seu povo não ouviria de outra forma, Deus lhe falaria por meio de "lábios

estranhos” e de “outra língua”, o juízo aplicado pela invasão dos assírios. Paulo traz o assunto para o contexto do dom de línguas em Corinto. A ideia é que línguas não interpretadas não edificam os crentes (14.6-12) e também não trazem proveito para descrentes, que talvez estejam presentes nos cultos. O efeito será o oposto, ao invés de arrependimento ou convencimento do seu pecado, o fato de falarem em línguas vai resultar no cumprimento da profecia de Isaías 28.11.

O sinal para o descrente são as línguas sem interpretação, e os descrentes não recebem nenhuma revelação e reagem à obra do Espírito como loucura, o sinal de desaprovação. O ensino de Paulo é que os coríntios interrompam o uso de línguas em culto público. A preocupação do apóstolo é com o falar em línguas sem interpretação (1 Co 14.27, 28). Não há problema algum em orar em língua (1 Co 14.14), orar no Espírito (v. 16) e dar graças (1 Co 14.16, 17). São expressões relacionadas ao conteúdo de falar em línguas. O próprio apóstolo orava em línguas: “Orarei com meu espírito” é o mesmo que “orarei em língua” (v. 15), que é o contraste entre “espírito” e “em entendimento”. Isso está implícito nos vv. 16, 17, onde Paulo admite que aquele que fala em línguas está louvando a Deus, mas sem proveito para mais ninguém. Duas vezes o apóstolo encoraja os crentes a falar línguas (1 Co 14.5, 39). O problema era o abuso das línguas no culto em Corinto.

As línguas na teologia paulina são importantes, o apóstolo as descreve como língua do Espírito, por meio das quais conversamos

com Deus em mistério, oramos em espírito e louvamos a Deus. Ninguém deve proibir o falar em línguas, mas tudo deve ser feito com ordem e decência. A preocupação do apóstolo no capítulo 14 é o falar em línguas sem a interpretação nas reuniões públicas. Não é proibido falar em línguas nos cultos públicos, mas que faça em silêncio.

Dom de interpretação de línguas

Esse dom não é autônomo como os demais e o único que depende da manifestação de outro, o dom de variedade de línguas. Este é o último dom desta lista (1 Co 12.8-10). A equação: “Línguas, mais interpretação, é igual à profecia”, segundo Brandt, “Provavelmente este é o ponto de vista mais aceito entre os pentecostais”.[70] Isso não tem relação alguma com a tradicional tradução que conhecemos. Seu uso é espontâneo e específico. Pode acontecer de o Espírito conceder a interpretação diretamente à pessoa a que Deus está dirigindo a mensagem ou usar um intérprete para transmitir o significado da expressão oral ininteligível (1 Co 14.5, 27, 28). Eu mesmo tenho presenciado as duas situações.

O apóstolo Paulo apresenta mais duas listas dos dons espirituais nesse mesmo capítulo, sendo que, em alguns casos, ele menciona a pessoa e não especificamente o dom como “apóstolos, profetas, mestres, operadores de milagres”, e assim por diante (1 Co 12.28-30). Os três primeiros estão presentes na lista de Efésios:

“Foi ele quem “deu dons às pessoas”. Ele escolheu alguns para serem apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e ainda outros para pastores e mestres da Igreja” (Ef 4.11). “Apóstolos” e “profetas” estão separados, mesmo assim, não é indicação do ministério profético do Antigo Testamento e nem do colegiado apostólico escolhido por Jesus (Lc 6.13) e mais o apóstolo Paulo (1 Co 15.8). Trata-se dos dons ministeriais, é outro assunto e não deve ser confundido com Efésios 2.20; 3.5. Os demais dons já foram explicados acima.

O ensino paulino é que o Espírito Santo distribui os dons aos crentes “a cada um para o que for útil” (1 Co 12.7 ARC), ou seja, é proveitoso para edificação espiritual e crescimento numérico da igreja. Não existe um reservatório ou depósito de dons na igreja ou nos crentes para que cada um faça uso a seu bel-prazer. O Espírito reparte, “Ele dá um dom diferente para cada pessoa, conforme ele quer” (1 Co 12.11). Os dons, portanto, não são atestados de espiritualidade e nem de santidade, eles são concedidos para a edificação da igreja e o aperfeiçoamento espiritual dos crentes. A soberba espiritual é a pior de todas e é pecado. *Soli Deo gloria*, “somente a Deus a glória” (Is 42.8; Ef 3.20, 21).

OS DONS REVELAM A UNIDADE NA DIVERSIDADE

Nos versículos 4 a 6, o apóstolo Paulo revela as fontes dessas manifestações espirituais. O apóstolo esclarece que a diversidade de dons é uma necessidade e enfatiza que ela tem suas raízes no Deus trino. Isso à medida em que o Pai, o Filho e o Espírito Santo manifestam suas atividades para a edificação da igreja.

A Trindade é a base que nos permite afirmar a diversidade da igreja dentro da unidade. A unidade na diversidade na distribuição dos dons espirituais serve com base para a unidade na diversidade da igreja, o corpo de Cristo. São três classes de manifestações as quais revelam a atuação do Deus trino: diversidade de dons, atribuído ao Espírito; diversidade de ministérios, relacionada ao Filho e diversidade de operações, como a ação do Pai (1 Co 12.4-6). Mas, é o Espírito a fonte de todos os dons, que os distribui para edificação da igreja (v. 7). Temos diversidades de dons, de ministérios e de operações: “Mas um só e o mesmo Espírito realiza todas essas coisas, distribuindo-as a cada um, individualmente, conforme ele quer” (1 Co 12.11). O termo “diversidade” é repetido uma vez para cada Pessoa divina. Mas, em cada uma aparece a expressão: “mas o Espírito é o mesmo, mas o Senhor é o mesmo, mas é o mesmo Deus”. O único Espírito, o único Senhor e único Deus referem-se às três Pessoas da Trindade, o Pai, o Filho e o Espírito Santo, que aparecem de forma espontânea e automática (Mt 28.19; 2 Co 13.13; Ef 4.4-6; 1 Pe 1.2).

Não é intenção do apóstolo explicar ou fazer alguma apologia à Trindade, ela simplesmente aparece de forma natural. É uma

diversidade na unidade. Paulo cataloga nove *charismato¯n*, “dons” do Espírito Santo (1 Co 12.7-11). Depois disso, apresenta uma explicação por meio de metáfora comparando a Igreja e seus membros a um corpo com seus membros e suas funções mostrando a diversidade na unidade. Os vv. 12 e 13 formam o elo entre os dons e os membros do corpo de Cristo, que o apóstolo usa uma linguagem metafórica nessa ilustração. A ilustração do corpo humano com a Igreja nos versículos seguintes, além de mostrar a unidade na diversidade, nos ensina também que precisamos uns dos outros (1 Co 12.21), diferimos uns dos outros (1 Co 12.18) e precisamos cuidar uns dos outros (1 Co 12.25). Isso é Igreja.

Convém relembrar que os dons são importantes. É a vontade de Deus que os irmãos e as irmãs não ignorem os dons espirituais (1 Co 12.1) que busquemos os melhores dons (12.31) e “não desprezem as profecias” (1 Ts 5.20). Os dons são comparados a um andaime numa construção, a igreja é comparada a um edifício (1 Co 3.10-12; Ef 2.20-22). Não é possível uma construção prosseguir sem o andaime, mas uma vez concluída a obra, o andaime é dispensado. No céu não haverá necessidade dos dons, mas eles são uma necessidade imperiosa na vida da igreja hoje, ela precisa do poder do alto para combater o reino espiritual das trevas (Ef 6.10-12). Segundo Apocalipse 21 e 22, no mundo vindouro não há necessidade desses recursos do Espírito.

Jamais devemos nos esquecer que os dons não podem substituir o “fruto” do Espírito. O amor é mais importante que os

dons. O amor continua até a eternidade, mas os dons são até a vinda de Cristo. O amor não é um dom, mas fruto do Espírito, são duas coisas diferentes: “Portanto, esforcem-se para ter amor. Procurem também ter dons espirituais, especialmente o de anunciar a mensagem de Deus” (1 Co 14.1). Esse tema será retomado no capítulo seguinte, “O fruto do Espírito: o eu crucificado”. O apóstolo chama o amor de “o caminho que é o melhor de todos” (1 Co 12.31), ou “um caminho mais excelente” (ARC). Em seguida, Paulo usa alguns dons representativos como línguas, profecia, palavra da ciência e fé (1 Co 13.1-3) para mostrar a superioridade do amor e que os dons sem o amor são ineficazes.

---

[51] DEERE, Jack. *Surpreendido pelo Poder do Espírito.* Rio de Janeiro: CPAD, 1995, pp.133-143.

[52] SOARES, Esequias (organizador). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 171.

[53] HORTON, Stanley M. *A Doutrina do Espírito Santo no Antigo e Novo Testamento.* Rio de Janeiro: CPAD, 2018, p. 207.

[54] KEENER, Craig S. *O Espírito na Igreja – O que a Bíblia ensina sobre os dons*. São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 113.

[55] HORTON, M. Stanley. Ibidem, p. 209.

[56] FRENCH, Arrington L. e STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal – Novo Testamento.* Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 895.

[57] SOARES, Esequias (organizador). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 172.

[58] BRUNELLI, Walter. *Teologia para Pentecostais – Uma Teologia Sistemática Expandida.* Volume 2. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2026, p. 249.

[59] Gordon Chown é um dos tradutores *da Bíblia de Estudo Pentecostal* e autor de várias notas de rodapé da *Bíblia Vida Nova*, que teve como editor o Dr. Russell P. Shedd, publicada em 1976.

[60] CHOWN, Gordon. *Os dons do Espírito Santo.* São Paulo: Editora Vida, 2002, p. 137.

[61] KEENER, Craig S. Ibidem, 127.

[62] BONNET, L. e SCHROEDER, A. *Comentario del Nuevo Testamento*, tomo 3. El Paso, TX, USA: Casa Bautista de Publicaciones, 1986, p. 282.

[63] FRENCH, Arrington L. e STRONSTAD, Roger. Ibidem, p. 1013.

[64] SOARES, Esequias (organizador). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 174.

[65] KEENER, Craig S. Ibidem, 131.

[66] FRENCH, Arrington L. e STRONSTAD, Roger. Ibidem, pp. 1013, 1014.

[67] FEE, Gordon D. Ibidem, p. 877.

[68] FEE, Gordon D. *Comentário Exegético 1 Coríntios.* São Paulo: Vida Nova, 2019, p. 753.

[69] BRUMBACK, Carl. *"Que Quer Isto Dizer?" – Uma resposta pentecostal a uma pergunta pentecostal.* Tradução de Orlando Boyer e Joaquim Luiz dos Santos. Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1960, p. 91.

[70] BRANDT, R. L. *Falar em Línguas o Maior Dom?* Rio de Janeiro: CPAD, 2020, p. 51.

capítulo 5

FRUTO DO ESPÍRITO: O EU CRUCIFICADO

A lista de virtudes que o apóstolo Paulo chama de “fruto do Espírito” (Gl 5.22, 23) é um contraponto aos vícios denominados “obras da carne” (Gl 5.19-21). A fonte dessas virtudes é o Espírito Santo, as quais são uma atuação da graça de Deus em nossa alma, como disse Donald Gee: “o fruto do Espírito não está no solo natural, mas vem de Deus”.[71] Esse fruto aparece por meio do crescimento na graça de nosso Senhor Jesus Cristo, como acontece com a santificação (Pv 4.18; 2 Co 3.18). Não se trata de um conjunto artificial de regras resultante de esforço humano, mas consequência de quem é guiado pelo Espírito. É o resultado de uma

vida cristã abundante manifestada no relacionamento entre os membros do corpo de Cristo na igreja e no lar, na convivência com os descrentes no trabalho e na sociedade. É um dos temas mais vibrantes da ética cristã, pois mostra para o mundo o que Espírito Santo colocou dentro de cada um de nós.

O FRUTO DO ESPÍRITO NA VIDA DO CRENTE

Não é por acaso que o tema sobre o fruto do Espírito aparece em Gálatas. As igrejas da Galácia viviam uma experiência que o assunto exigia. Os opositores de Paulo na região eram os legalistas dentre os judeus que se juntaram ao grupo de Jesus, os chamados judaizantes,[72] mas que não abriram mão de certas práticas judaicas, como a circuncisão, o *khasherut*[73] e a guarda do sábado entre outros rituais. Eles ensinavam que os gentios convertidos à fé cristã deviam observar a lei de Moisés como condição para salvação (At 15.1, 5). É a doutrina da salvação por meio das obras defendida pelas religiões não cristãs e por alguns ramos da religião cristã.

O sacrifício de Jesus Cristo na cruz mostra que o ser humano é completamente incapaz de se salvar, incapaz de ir ao céu, à presença de Deus, por sua própria bondade e força. Jesus deixou isso claro quando disse: “porque sem mim vocês não podem fazer nada” (Jo 15.5). O orgulho humano faz que a pessoa se rebele contra a sentença de Deus. Tais pessoas se ofendem porque Deus

não aceita seus esforços pessoais como condição para a salvação. Os membros do corpo de Cristo praticam as boas obras porque já são salvos e não para serem salvos.

A proposta disseminada pelos judaizantes era a fé em Jesus e mais as obras da lei, a morte de Jesus não é suficiente para a salvação e por isso precisava de um reforço adicional. Era essa forma de doutrina que estava sendo divulgada na Galácia. Tão logo Paulo retornou de sua viagem missionária ficou sabendo que os irmãos da Galácia estavam agora envolvidos com essa doutrina legalista, e isso o deixou estupefato e atônito: “Estou muito admirado com vocês, pois estão abandonando tão depressa aquele que os chamou por meio da graça de Cristo e estão aceitando outro evangelho” (Gl 1.6 NTLH). O verbo grego *metatísthe¯ mi*, “deixar, abandonar, desertar, mudar de pensamento, virar a casaca”, era usado na antiguidade quando alguém desertava do exército ou quando se rebelava contra ele. Significa também mudança de partido político, de filosofia e de religião. Em outras palavras, aqueles irmãos estavam abandonando a fé. O apóstolo usa a palavra grega *heteros*, que significa “outro”, de natureza diferente, que não é a mesma coisa que *allos*, que quer dizer “outro”, mas de mesma natureza. Isso afasta a hipótese de que o evangelho pregado pelos seus opositores seja meramente um evangelho “corrompido, distorcido ou pervertido”, mas outra coisa, coisa ainda pior. Ele foi categórico ao chamar a doutrina desses legalistas de

“outro evangelho” (Gl 1,8,9), isto é, sem vínculo com o Cristo ressuscitado, revelado no Novo Testamento.

Então, esses falsos doutrinadores estavam levando os membros das igrejas da Galácia a buscar a retidão por meio de esforço próprio, por si mesmos, quando, na verdade, o apóstolo os havia ensinado que a retidão é uma dádiva concedida por Deus em Cristo por ocasião da conversão (Gl 3.2, 5). O Espírito Santo renova todas as pessoas que vêm a Jesus e coloca nelas o desejo de fazer o que é bom e agradável a Deus. O fruto do Espírito é o resultado natural de um processo de amadurecimento e a consequência de um desenvolvimento natural de crescimento espiritual. Ele surge paulatinamente dentro de cada crente como resultado da regeneração do Espírito Santo de forma instantânea e também gradativa por meio do crescimento na graça de nosso Senhor Jesus Cristo, como acontece com a santificação. Os gálatas receberam esse ensino desde o início, quando o apóstolo esteve com eles. Eles ouviram isso na pregação de Paulo na sinagoga de Antioquia da Pisídia (At 13.14-41).

O que estava acontecendo nas igrejas da Galácia é típico de comunidades religiosas legalistas. “A religião legalista frequentemente gera desavença e competição espiritual; é egocêntrica e motivada somente pela carne, ou seja, pelo ego (Gl 5.13-15, 19-21).”[74] Esse é o retrato das igrejas galacianas. Mas, a mensagem apostólica que vale para todas as épocas e em todos os lugares continua atual: “Digo, porém, o seguinte: vivam no Espírito e

vocês jamais satisfarão os desejos da carne" (Gl 5.16). "Viver no Espírito" é uma expressão que indica viver corretamente em humildade, submissão e santidade, para a glória de Deus (Ef 5.9, 10; Fp 1.11; Cl 1.10). Segue a lista com nove virtudes: "Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei" (Gl 5.22, 23 ARA). Não se trata de uma lista exaustiva. Essas nove virtudes contrapõem as obras da carne mencionadas nos vv. 19-21, de modo que tanto as virtudes como as "obras da carne" são representativas. As palavras "e coisas semelhantes a estas" (Gl 5.21); "Contra tais coisas não há lei" (v. 23 TB) indicam a existência de outros pecados e outras virtudes. Há outras listas do fruto do Espírito (Rm 12.9-21; Cl 3.12, 13). Assim como cada lista dos dons espirituais foram para situações específicas para aplicação conforme o contexto, da mesma forma, a lista do fruto do Espírito segue essa mesma estrutura (Gl 5.15, 26). Esta questão não está clara na maioria dos teólogos e expositores bíblicos pentecostais.

Alguns expositores estranham o fato de Paulo contrapor "as obras da carne" (v. 19) com o "fruto do Espírito" (v. 22), singular, quando era de se esperar "frutos". Há diversas explicações sobre esse detalhe. Segundo o pastor Antônio Gilberto, "O uso da forma singular *fruto* em Gálatas 5.22 sugere a unidade e harmonia do caráter do Senhor Jesus Cristo, as quais são reproduzidas no crente mediante as nove qualidades do fruto do Espírito Santo vistas na citada referência".[75] Segundo o *Comentário Bíblico Pentecostal* –

Novo Testamento, o singular mostra a unidade essencial do fruto do Espírito: “o crente cheio do Espírito deve demonstrar todas as características do Espírito, não apenas esta ou aquela virtude”.[76] Alguns expositores bíblicos pulam essa parte. Para Gordon Fee, Paulo não tinha esse contraste em mente, mas “imaginava o fruto como um ramalhete com flores de características diversas formando um conjunto”.[77] O missionário Eurico Bergstén compara esse singular com uma flor de nove pétalas e também ilustra o “fruto” como uma laranja e seus gomos. O “fruto” que aparece logo em seguida é o amor (caridade), diz o missionário, as outras virtudes seguintes são os reflexos do amor.[78] A forma singular sugere que nessas virtudes se produz a unidade de caráter de Cristo, as nove graças mencionadas em Gálatas 5.22, todas elas em contraste com as confusões das obras da carne. É o fruto individualizado. Donald Gee chama essas graças ou virtudes de modalidades do fruto.[79]

A maioria dos teólogos e expositores bíblicos pentecostais usa com frequência o número nove para as virtudes mencionadas em Gálatas 5.22, mas não deixa claro se é uma referência apenas ao v. 22 ou a ideia de uma lista completa. Gordon Fee é direto: “É um engano referir-se a essa lista como o fruto de nove facetas. A lista não tem o propósito de ser exaustiva, mas representativa, exatamente como a lista precedente de pecados, em Gálatas 5.5-21”.[80] O mais importante é que cada membro do corpo de Cristo conheça o significado do “fruto do Espírito” e viva essa realidade. É verdade que vida abundante brota do Espírito, mas não cresce

naturalmente, precisa ser cultivada, a Bíblia não ensina um modo de vida passivo. Vivemos essas coisas porque somos salvos e não para sermos salvos.

DIFERENÇA E RELAÇÃO ENTRE O FRUTO E OS DONS DO ESPÍRITO

O Espírito continua atuando na vida dos crentes por meio do fruto do Espírito (Gl 5.22) e das manifestações dos dons espirituais (1 Co 12.411). As funções básicas dos dons estudadas na lição passada são para a adoração e o serviço do ministério, ao passo que o fruto revela caráter de Cristo no crente. Os dons são capacitações especiais concedidas pelo Espírito de Deus ao crente para serviço especial na execução dos propósitos divinos por meio da Igreja (1 Co 14.12).São recursos do Espírito Santo operados por meio dos seres humanos, os crentes em Jesus, enquanto a igreja estiver na terra (1 Co 13.8-10).

O fruto presente no testemunho cristão revela nove graças, a partir do amor: gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade,mansidão e domínio próprio. É, na verdade, a ética do Espírito. Os dons espirituais e o fruto do Espírito, embora distintos, se relacionam por terem a origem na mesma fonte e por ambos glorificarem a Cristo.

Gálatas 5.22, 23

> Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não há lei.

Não se trata de um conjunto de regras de conduta com o objeti vo de regulamentar a vida cristã, a ética paulina não é uma nova lei (Gl 5.23). O crente em Jesus é alguém que vive sob os domínios do Espírito, ele é liberto da lei e dos rudimentos deste mundo, mas isso não significa uma vida passiva. O fruto do Espírito é a expressão do Espírito na vida do crente.

Amor

O pastor Antonio Gilberto chama o amor de “fruto por excelên cia”, de fato, é significativo o lugar de honra que o amor ocupa nesta lista. Todas as virtudes espirituais têm no amor a sua origem: “Deus é amor” (1 Jo 4.8). As quatro palavras gregas para amor são: *eros* inclui paixão, é o amor de um jovem por uma jovem e não aparece no Novo Testamento; *storgos* significa “carinhoso, afetuoso”, usado entre pais e filhos, só aparece uma vez no Novo Testamento, na sua forma composta *filostorgos* (Rm 12.10); *filía* é o amor fraternal; e *agápe*¯ é o amor de Deus mais preocupado em fazer o outro feliz, é a benevolência sem limites: “Mas Deus prova o seu próprio amor para conosco pelo fato de Cristo ter morrido por nós quando ainda éramos pecadores” (Rm 5.8). Paulo apresenta uma descrição das características do amor (1 Co 13.4-8). Note que Paulo menciona algumas vezes o amor juntamen te com a fé e a esperança (Gl 5.5,

6; Cl 1.4, 5; 1 Ts 1.3), mas ressalta que a maior dessas virtudes é o amor: “Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, estes três; porém o maior deles é o amor” (1 Co 13.13). Podemos chamar amor *agápe*¯ de amor de Deus, como esse é o termo usado pelo apóstolo na lista de Gálatas 5.22, podemos também considerar amor cristão.

Alegria ou gozo

A palavra grega usada para “alegria” é *chara* e significa “gozo, regozijo, alegria, motivo de alegria”. Trata-se de uma linguagem da celebração e da adoração, ou seja, nos cultos: “Alegrem-se sempre no Senhor; outra vez digo: alegrem-se!” (Fp 4.4). A expressão “regozijai-vos” (ARC) é uma saudação grega, mas se torna diferente e especial porque o apóstolo acrescenta: “sempre, no Senhor”. O Senhor Jesus é a fonte inesgotável de gozo e alegria, e isso dá à saudação paulina um sentido completamente novo. O sentimento que norteava a vida dos filipenses era de alegria e comunhão, e isso vale para todos os cristãos em todos os lugares e em todas as épocas. Mesmo em momentos de perseguição e nos dias de dificuldades, nada disso é problema suficiente para roubar a nossa alegria: “porque a alegria do SENHOR é a força de vocês” (Ne 8.10). É a atitude de quem “vive no Espírito” em relação às pessoas que os rodeia. Como resultado desse estado de graça está o bom relacionamento do cristão com as demais pessoas. Trata-se de algo proveniente de uma experiência espiritual, cujo fundamento está em

Deus. Não consequência de uma vitória numa competição (Rm 14.17; 15.13).

Paz

Seu correspondente hebraico é *shalom* e não significa apenas ausência de problemas, de guerra ou a presença do bem-estar. A palavra por si só significa “completo”. Esse termo é traduzido na Septuaginta por *ei re¯ ne¯* , “paz”, que, com exceção de 1 João, aparece em todos os livros do Novo Testamento. A paz nessa passagem é aquela que vem de Deus (Rm 15.33; 16.20; 1 Co 14.33; 2 Co 13.11; 1 Ts 5.23; 2 Ts 3.16), e isso quer dizer a tranquilidade do coração proveniente do perdão divino mediante a fé em Jesus (Rm 5.1). Essa paz de Deus na vida cristã está acima de todos os bens que uma pessoa pode adquirir e sobrepuja a todo entendimento, pois vai além da razão humana: “E a paz de Deus, que excede todo entendimento, guardará o coração e a mente de vocês em Cristo Jesus” (Fp 4.7).

Longanimidade

Longanimidade é um dos atributos comunicáveis de Deus como o amor entre outros (Sl 103.8; Tt 3.4-6) que há nos seres humanos certa ressonância. O termo grego para “longanimidade” nessa passagem é *makrothymia*, “paciência, perseverança”. É o estado de espírito que com serenidade a pessoa piedosa suporta os açoites da

vida, provocados por pessoas ou coisas. Essa graça impede de nos levar ao desânimo e ao estresse diante de conflito e de qualquer mal (Lc 21.19; 2 Pe 1.5-7), e diz respeito a atitude de Deus para com o ser humano (Rm 2.4; 9.22; 1 Tm 1.16). Assim deve ser a nossa atitude para com os outros.

⁖ Benignidade e bondade

O pastor Antonio Gilberto classifica essas duas virtudes como o "fruto gêmeo". O apóstolo Paulo usa as palavras gregas na seguinte sequência: *chre¯stote¯s* e *agatho¯syne¯* (Gl 5.22). Ambos termos são atributos divinos correlatos (Sl 103.8), mas são distintos, e, às vezes, *chre¯stote¯s* pode ser traduzido tanto como benignidade e/ou bondade, tanto como atributo divino como também virtude dos que estão cheios do Espírito Santo.[81] *Agatho¯syne¯* aparece quatro vezes no Novo Testamento e é sempre traduzido por "bondade" como fruto do Espírito (Rm 15.14; Gl 5.22; Ef 5.9; 2 Ts 1.11).

Romanos 11.22

ARC	ARA	NAA	TB
Considera, pois, a **bondade** e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a **benignidade** de Deus, se permaneceres na sua **benignidade**; de outra maneira, também tu serás cortado.	Considerai, pois, a **bondade** e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para contigo, a **bondade** de Deus, se nela permaneceres; doutra sorte, também tu serás cortado.	Considere, pois, a **bondade** e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas, para com você, a **bondade** de Deus, desde que você permaneça nessa **bondade**. Do contrário, também você será cortado.	Notai, pois, a **bondade** e a severidade de Deus: severidade para com aqueles que caíram, mas **bondade** de Deus para contigo, se permaneceres nessa **bondade**; doutra maneira também tu serás cortado.

A benignidade diz respeito à misericórdia de Deus sobre os que não merecem (Ef 2.7; Tt 3.4); é dessa forma que devemos proceder em relação aos que estão à nossa volta (2 Co 6.6). A bondade de Deus é um dos atributos morais. Deus é bom em si mesmo e para suas criaturas. É a perfeição de Deus que o leva a tratar com benevolência as suas criaturas. Essa bondade é para com todos: “O SENHOR *é* bom para todos, e as suas misericórdias permeiam todas as suas obras” (Sl 145.9). Ele é a fonte de todo o bem. Esses termos, atributos divinos ou virtudes do Espírito na vida dos membros do corpo de Cristo são correlatos, mas distintos entre si, manifestam a bondade de Deus. Essa bondade é resultado da ação do Espírito em nossa vida e devemos ser bondosos com os outros (Ef 5.9; Cl 1.10). Era isso que estava faltando nas comunidades da Galácia (Gl 5.15).

Fidelidade

A fidelidade, do latim *fidelitas*, é a garantia do cumprimento de suas promessas (Sl 89.5; 119.90). Essa confiança envolve tanto a verdade como a fidelidade. A ARC adota “fé” em vez de “fidelidade” na lista de Gálatas 5.22. Mas, a palavra grega *pistis* pode significar “fé” e também fidelidade”. O contexto ajuda a escolher a palavra mais adequada como na pergunta retórica de Paulo: “Se alguns não creram, será que a incredulidade deles anulará a fidelidade de Deus?” (Rm 3.3). Não faz sentido usar nessa passagem “a fé de Deus”. Mas, às vezes, o contexto não ajuda porque “fé e fidelidade”

se ajustam bem sem prejuízo para o sentido da mensagem. Na fé estão incluídas a fidelidade e a obediência. A fidelidade está relacionada à fé. O que estamos estudando são o “fruto do Espírito”, como consequência da fé em Jesus, por isso que a tradução “fidelidade” fica melhor.

Mansidão

A versão Almeida Século 21 substitui “mansidão” por “amabilidade”; e a TEB, por “doçura”. A ideia de *prayte¯ s*, termo grego usado pelo apóstolo como “mansidão”, é de “amabilidade, afabilidade, modéstia”. Mansidão transmite o sentido de brandura e não de incapacidade de resistir o mal, nem de autodepreciação. Veja que “Moisés era um homem muito manso” (Nm 12.3), mas essa mansidão nunca comprometeu a sua autoridade como líder do povo. A mansidão como fruto do Espírito tem o sentido de submissão à vontade de Deus (Mt 21.5); dócil, que aceita o ensino (Tg 1.21); e o de moderado (1 Co 4.21).

Domínio próprio

A ARC emprega “temperança”, mas ambos termos significam o autocontrole, a autodisciplina e a continência em várias áreas da vida humana. O domínio próprio era uma das quatro virtudes do pensamento grego clássico, “a razão prevalece a paixão”, diziam os antigos filósofos. Paulo emprega o substantivo grego *egkráteia*, que

aparece quatro vezes no Novo Testamento (At 24.25; Gl 5.22; 2 Pe 1.6 [2 vezes]). O verbo aparece duas vezes, uma para se referir ao controle do desejo sexual (1 Co 7.9), e a outra como autodisciplina de um atleta para obter resultados desejados nas competições esportivas (1 Co 9.25). O apóstolo Paulo contrapõe o domínio próprio em relação às “obras da carne” (Gl 5.19-21). E, nós, que temos Jesus e o Espírito Santo? O fruto é o produto do Espírito Santo em nossa vida por meio do qual a essência da natureza de Cristo se revela no relacionamento no nosso dia a dia na família, na igreja, no trabalho e na sociedade (Gl 5.16, 23; 6.2). Apesar de suas diferenças no conceito e na função, ambos são atividades do Espírito Santo que se relacionam na vida dos crentes, tanto nas reuniões públicas e coletivas, na adoração individual como no dia a dia.

O ESPÍRITO SE OPÕE À CARNE

A palavra grega *sarx*, “carne”, que a Septuaginta usa para traduzir o hebraico *bashar*, aparece 147 vezes no Novo Testamento e tem muitos significados. Ela se aplica a toda a criação, os animais e os seres humanos (Gn 6.13, 17, 19; 7.15, 16, 21; Mt 24.22; 1 Pe 1.24). O termo indica também fraqueza física (Gl 4.13), o corpo (2 Co 4.11), o ser humano (Rm 1.3), o pecado (Ef 2.3), os desejos pecaminosos (Rm 8.7, 8). O contexto determina o significado dela.

A carne significa ter alguém a mente carnal, vida controlada pela carne. Tal pessoa não está sob o domínio do Espírito de Deus. Os tais não podem agradar a Deus (Rm 8.8), pois andar “segundo a carne” é inimizade contra Deus. É fazendo a vontade de Deus que lhe agradamos, mas se não estivermos sob a direção do Espírito Santo, isso não será possível. A oposição do Espírito contra a carne na vida cristã mostra que “os que são de Cristo crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências” (Gl 5.24). É isso que acontece conosco diariamente, é a morte do “eu”.

O que levou o apóstolo ao assunto foi o contexto das igrejas da Galácia. O abuso da liberdade cristã, a antinomia, de um lado, e o legalismo, de outro, e essas atitudes estavam dando ocasião à carne, levando à falta de amor e à desunião (Gl 5.13-15).

Gálatas 5.19-21

ARC	NAA
Porque as obras da carne são manifestas, as quais são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, feitiçarias, inimizades, porfias, emulações, iras, pelejas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedices, glutonarias e coisas semelhantes a estas, acerca das quais vos declaro, como já antes vos disse, que os que cometem tais coisas não herdarão o Reino de Deus.	Ora, as obras da carne são conhecidas e são: imoralidade sexual, impureza, libertinagem, idolatria, feitiçarias, inimizades, rixas, ciúmes, iras, discórdias, divisões, facções, invejas, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas. Declaro a vocês, como antes já os preveni, que os que praticam tais coisas não herdarão o Reino de Deus.

O apóstolo apresenta uma lista com 15 vícios, que ele chama de “obras da carne” (vv. 19-21). Outras listas aparecem em outras epístolas paulinas (Rm 1.29-31; 1 Co 6.9, 10; 1 Tm 1.9, 10). Paulo não pretende ser exaustivo, essas listas são representativas em Gálatas, ele acrescenta: “e coisas semelhantes a estas. Declaro a vocês, como antes já os preveni, que os que praticam tais coisas

não herdarão o Reino de Deus" (Gl 5.21). A imoralidade sexual, a impureza e a lascívia. São os pecados da licenciosidade, da concupiscência da carne. A ARC usa o termo "prostituição" para a palavra grega *porneia* nessa passagem. O termo grego *porneia* não é muito específico, pois indica "vários tipos de relação sexual ilícita";[82] "relação sexual ilícita em geral".[83] O verbo é *porneuo¯* , "praticar imoralidade sexual"; e *ekporneuo¯* , "viver mui imoralmente".[84] Segundo Balz & Schneider, o termo é também "sinônimo de adultério, ainda que os termos mais apropriados para designar o adultério são *moicheuo¯* , *moicheia*". A impureza, no presente contexto, diz respeito à imoralidade sexual (Cl 3.5), não se refere à impureza cerimonial do sistema mosaico, pois está ligada à lascívia, sensualidade descontrolada, a luxúria.

O segundo grupo dessa lista são os pecados de ordem religiosa: idolatria e feitiçaria. O termo vem de duas palavras gregas, *eido¯ lon*, "ídolo, imagem de uma divindade, divindade pagã",[85] e *latreia*, "serviço sagrado, culto".[86] A idolatria é a forma pagã de adoração; adorar e servir a outros deuses são práticas condenadas pela Bíblia, no Decálogo e, também, no Novo Testamento: "portanto, meus amados, fujam da idolatria" (1 Co 10.14). A feitiçaria já era conhecida desde os tempos do Antigo Testamento entre os povos vizinhos de Israel. A Bíblia chama de feitiçaria, *pharmakeia*, em grego, que significa "magia", além de "feitiçaria". O *phármakos* ou *pharmakéus* era o manipulador de drogas, daí vem a palavra "farmácia". Essas drogas eram usadas na medicina, mas os

mágicos ou bruxos manipulavam os efeitos alucinógenos delas para rituais de magia. A Septuaginta aplica esses termos aos magos e encantadores do Egito como mágicos (Êx 7.11, 22), na corte de Nabucodonosor, como adivinho (Dn 2.27) e como bruxo (Dt 18.10). O significado dessa palavra em Apocalipse 9.21 é mais amplo: “Feiticeiros, incluem todos os que lidam com o ocultismo, poções mágicas, drogas, cartomancia etc.”.[87] Paulo associa essa palavra aos rituais pagãos praticados no vasto império romano, os tais não herdarão o reino de Deus (Gl 5.21; Ap 18.23; 22.15).

A lista de pecados de ordem social é mais extensa: inimizades, rixas, ciúmes, iras, discórdias, divisões, facções, invejas, bebedices e glutonaria. A maioria dessas obras da carne pertence ao campo da rivalidade pessoal, da competição e da hostilidade. Parece ser esse o ambiente entre os crentes da Galácia (Gl 5.13-15).

Depois da palavra “invejas” aparece na ARC o termo “homicídios”, que não consta nas outras versões. As palavras gregas *phthonoi* e *phonoi*, “invejas, homicídios”, aparecem em vários manuscritos antigos gregos e latinos. Mas, há um número grande de manuscritos que omitem *phonoi*. Uns consideram a forma longa, “invejas, homicídios”, como inserção de alguns copistas para se harmonizar com Romanos 1.29; outros acham que houve omissão acidental, conhecida como *homeoteleuto*.[88]

Viver no Espírito é subjugar a carne, e isso gera o conflito interno, a luta da carne contra o espírito. O fruto do Espírito é o resultado de uma vida redimida pela fé em Jesus. Não é resultado

de uma imposição religiosa ou de qualquer sistema religioso legalista. O Espírito Santo é quem faz essas coisas. É por isso que o apóstolo diz que “contra essas coisas não há lei” (v. 23). Se queremos que o fruto do Espírito se desenvolva em nossa vida, devemos viver uma vida de comunhão pessoal com o Senhor Jesus (Gl 2.20).

O que levou o apóstolo ao assunto foi o contexto das igrejas da Galácia. O abuso da liberdade cristã, a antinomia, de um lado, e o legalismo, de outro, e essas atitudes estavam dando ocasião à carne, levando à falta de amor e à desunião (Gl 5.13-15). Cabe a cada crente fazer uma análise introspectiva para verificar se suas inclinações são carnais ou espirituais. Salomão disse que o homem é aquilo que imagina a sua alma (Pv 23.7). Jesus disse que o homem fala aquilo do que seu coração está cheio (Lc 6.45). O pensamento de cada ser humano norteia seu comportamento. Se a mente é carnal, seu comportamento é carnal, que resulta em morte; se a mente é espiritual, seu comportamento é espiritual, que resulta em vida e paz.

---

[71] GEE, Donald. Como Receber o Batismo no Espírito Santo – Vivendo e Testemunhando com Poder. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, p. 54.

[72] Palavra proveniente do verbo grego *ioudaizo¯*, “viver como judeu” (Gl 2.14).

[73] O *khasherut* são preceitos dietéticos estabelecidos na lei de Moisés, prescrições judaicas tradicionais acerca do ritual e dos preparativos de alimentos e refeições. O termo vem da palavra hebraica *khasher*, cuja ideia é: “apropriado para comer, limpo”.

[74] KEENER, Craig S. *O Espírito na Igreja – O que a Bíblia ensina sobre os dons.* São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 83.

[75] GILBERTO, Antonio. *O Fruto do Espírito – A Plenitude de Cristo na Vida do Crente.* Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 10. Essa obra é uma das mais completas sobre o fruto do Espírito, publicada originalmente em inglês, nos Estados Unidos em 1984, sob o título, Abundant Living.

[76] FRENCH, Arrington L. e STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal – Novo Testamento.*

Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 1182.

[77] FEE, Gordon D. *Paulo, o Espírito e o Povo de Deus.* São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 147.

[78] BERGSTÉN, Eurico. Introdução à Teologia Sistemática. Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p.108.

[79] GEE, Donald. Ibidem, p. 57.

[80] FEE, Gordon D. Ibidem, p. 145.

[81] O termo, *chre¯stote¯s*, aparece dez vezes no Novo Testamento (Rm 2.4; 3.12; 11.22 [três vezes]; 2 Co 6.6; Gl 5.22; Ef 2.7; Cl 3.12; Tt 3.4).

[82] BAUER, Walter. *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, traduzido do alemão para o inglês por William F. Arndt e F. Wilbur Gingrich. Chicago, IL, USA and London, England: The University of Chicago Press, 2000, p. 854.

[83] THAYER, Joseph Henry. *A Greek-English Lexicon of the New Testament*. Grand Rapids, MI, USA: Zondervan, s/d, p. 532.

[84] BALZ Horst e SCHNEIDER, Gerhard. *Diccionario Exegético Del Nuevo Testamento*, 2ª. ed. Salamanca: Ediciones Sigueme, 2001, vol. I, p. 1284, vol. II, p. 1090.

[85] BALZ & SCHNEIDER. Ibidem, vol. I, p. 1172.

[86] Ibidem, vol. II, p. 29.

[87] HORTON, Stanley M. *A Vitória Final – uma investigação exegética do Apocalipse.* Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 140; A segunda edição foi obra publicada sob o título Apocalipse – As coisas que brevemente devem acontecer em 2001, p. 132.

[88] Sempre que, num contexto, havia palavras ou locuções com final ou início semelhante, o olho do copista cansado podia facilmente saltar de uma palavra para a outra, resultado em omissão de texto. O assim chamado *homeoteleuto* (final igual) e o assim chamado *homeoarcton* (início idêntico de uma palavra, locução ou frase) são a causa mais frequente de omissões” (ALAND, Kurt e Barbara. *O Texto do Novo Testamento*. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013, p. 293).

capítulo 6

SANTIFICAÇÃO: COMPROMETIDOS COM A ÉTICA DO ESPÍRITO

A santificação é uma doutrina importante para a vida cristã porque ela surge a partir da revelação de um Deus que é santo em si mesmo,em essência e natureza, em grau infinito. Sendo Deus santo, exige santidade de todos nós. É dever nosso conhecer o verdadeiro significado da palavra “santificação” e seus cognatos como, “santidade, ser santo, santificado”. O que significa todo esse conjunto de palavras? São termos de uso comum entre nós, mas há ainda muitos que confundem santificação com legalismo e práticas

exteriores; outros esperam ser santificados por meios de recursos próprios, esquecendo que se trata de uma obra da livre graça de Deus.

A SANTIFICAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

Há pelo menos seis palavras derivadas da raiz do verbo hebraico *qa¯dash*, “santificar, ser santo, ser santificado, consagrar, ser consagrado, dedicar, preparar”.[89] A ideia central dessa palavra é “separar do uso comum”, mas, segundo o *Dicionário Vine*, o termo “no babilônico antigo, *qada¯su* quer dizer ‘brilhar’”.[90] Essa é uma sugestão de alguns pesquisadores com base na combinação de *yqd*, “queimar”, e de *’¯esh*, “fogo”, que formam *qa¯dash*.[91] O que de fato acontece é que o verbo cognato acádico, língua da antiga Mesopotâmia, falada na Babilônia no período dos patriarcas, seria uma provável combinação de “queimar no fogo”, como referência à oferta queimada, ou “brilho, brilhante”. Parece haver resquícios disso no Antigo Testamento “terrível em feitos gloriosos” (Êx 15.11). A Septuaginta emprega uma só vez a palavra grega *doxa*, “glória, brilho, esplendor”, para traduzir o termo hebraico *qo¯desh*: “dignidade de sua glória” (Jr 23.9 LXX). A santificação é o ato, o estado e o processo de se tornar santo realizado na vida do salvo pela ação do Espírito Santo. O termo “santificação” e seus derivados trazem a ideia de “separado do uso comum, tratado com cuidado

especial, consagrado". Os termos "santificação, santidade" representam qualidades morais e espirituais que comunicam ideia de posição ou relação existente entre Deus e a pessoa ou coisa consagrada a ele. Os termos *qa¯ do¯ sh*, "santo", do verbo *qa¯ dash*, e *taho¯ r*, "puro, limpo", derivado do verbo taher, "ser limpo, puro", pertencem ao mesmo campo semântico: "para que vocês façam diferença entre o santo e o profano e entre o impuro e o puro" (Lv 10.10). Há nesse paralelismo um par de antônimos, *qo¯ desh*/*h. ¯ol*, "santo/profano", e *tame'*/*taho¯ r*, "impuro, imundo/puro, limpo", que mostra o significado de "santo". O profano é alguém que se mostra indiferente no que diz respeito ao sagrado (Ez 22.26; 44.23). Os objetos, as pessoas e os lugares consagrados a Deus eram santos como os instrumentos e os utensílios do tabernáculo, ou do templo, posteriormente, as ofertas e os sacrifícios no altar, o sangue de animais para o sacrifício e também os sacerdotes no tabernáculo. Deus é a fonte da santidade: "Ninguém é santo como o SENHOR" (1 Sm 2.2).

O uso mais comum do termo *taher* e seus derivados é nos rituais de purificação, principalmente no ministério dos sacerdotes, mas, às vezes, aparece como sinônimo de perdão divino e santificação (Sl 51.7, 10). Raramente o termo se aplica a Deus (Sl 51.4; Hc 1.13). Deus é quem purifica os pecadores e há diversas promessas nesse sentido no profeta Ezequiel (Ez 36.25, 33). O termo grego equivalente a *taher* na Septuaginta é *katharizo¯* , "tornar limpo, limpar, purificar", e para *qa¯ dash* é *hagiazo¯* ,

“santificar, consagrar”. O adjetivo *hagíos*, “santo”, traduz 20 palavras hebraicas do Antigo Testamento como *qa¯ dash*, *qa¯ do¯ sh*, *qo¯ desh*, entre outras. São termos frequentes e importantes no Novo Testamento.

Consagração e santificação são termos distintos, mas podem significar a mesma coisa dependendo do contexto: “que façam vestes para Arão para consagrá-lo” (Êx 28.3). O verbo hebraico para “consagrar” é o mesmo para “santificar, ser santo”. A consagração tem vínculo com a santificação. O termo “consagrar”, significa investir de funções sagradas, em outras palavras, é dedicar-se ao serviço de Deus, isso pode ser pessoas, coisas ou possessões (Lv 27.28, 29; Ez 44.29). Trata-se de uma exigência justa e necessária para os sacerdotes levitas (Êx 30.30) e para com todos os seus utensílios, pois se baseiam na santidade de um Deus santo: “Santo, Santo, Santo é o SENHOR dos Exércitos” (Is 6.3). A santificação distingue a lei de Moisés dos demais códigos de lei da antiguidade: “O sistema mosaico é o código de lei que se destaca diante dos códigos da antiguidade por diversas razões. Entre elas, estão a fonte de autoridade, o próprio Deus; Moisés é o mediador, pois os demais códigos da época eram ditados pelos reis; e, finalmente, a lei de Moisés é o único código que exige santidade do povo”.[92]

A lei e os profetas deram especial atenção ao assunto. A santidade de Deus é singular por causa de sua majestade infinita, também em virtude de tratar-se de um Ser totalmente distinto e separado, em pureza, de suas criaturas (Sl 99.1-5). Essa santidade

é a plenitude gloriosa da excelência moral de Deus, que existe nele e que se originou nele e não foi derivada de ninguém: “O SENHOR Deus jurou pela sua santidade” (Am 4.2). Essa santidade é absoluta; Deus é santo em seu caráter e essência.

O incrédulo não tem esse discernimento entre o sagrado e o comum, essa era a situação dos sacerdotes por ocasião da apostasia generalizada do Reino de Judá nos anos que precederam a destruição de Jerusalém: “Os seus sacerdotes transgridem a minha lei e profanam as minhas coisas santas. Não fazem distinção entre o santo e o profano e não ensinam a diferença entre o puro e o impuro” (Ez 22.26). O profano é aquele que trata o sagrado como se fosse comum. É a vontade de Deus que todos aprendam a separar o certo do errado, Deus espera que os líderes ensinem essa verdade: “Os sacerdotes ensinarão o meu povo a distinguir entre o santo e o profano e lhe darão entendimento quanto à diferença entre o impuro e o puro” (Ez 44.23). Ser santificado é ser separado de tudo aquilo que é comum ou pecaminoso. Um Deus santo exige santidade de seu povo: “Santos sereis, porque eu, o SENHOR, vosso Deus, sou santo” (Lv 19.2). Isso é reiterado mais adiante (Lv 11.44; 20.7, 26).

Para os primitivos cananeus, o termo era usado como devoção aos deuses sem o sentido ético especial e nem de pureza. O culto de Baal como de outros deuses e deusas era orgíaco, por isso é chamado de “prostituição cultual” (Jz 8.33; Os 4.13, 14). Muitos estudiosos usam a expressão “prostituição sagrada”, o que na

cultura cristã parece um contra senso, pois, se é prostituição, não pode ser sagrada. É que a ideia dos cananeus para “sagrado” é de dedicação. Os termos *qa¯de¯sh* e *qede¯shâ* aparecem no Antigo Testamento para se referir à prostituição cultual no paganismo como “prostituto e prostituta cultual, sodomita, rameira”, isso devido à licenciosidade da adoração aos deuses cananeus (Dt 23.17; 1 Rs 14.24; 15.12). Os sacerdotes e as sacerdotisas no sistema religioso cananeu eram consagrados a Baal e aos demais deuses dos povos vizinhos de Israel.

A SANTIFICAÇÃO NO NOVO TESTAMENTO

Na nova aliança, santificação é a semelhança do caráter de Cristo e o efeito real da salvação na vida cristã. Não há no Novo Testamento ritual de purificação cerimonial ou legal de santificação. A esfera de santidade ou santificação é profética e não cultural, não tem vínculo com coisas, locais ou ritos, trata-se de algo produzido pelo Espírito Santo.

Como no Antigo Testamento, Deus é descrito reiteradas vezes no Novo Testamento como Santo: “Pai santo, guarda-os em teu nome” (Jo 17.11). A tríplice doxologia de Isaías 6.3 reaparece em Apocalipse: “E os quatro seres viventes, tendo cada um deles, respectivamente, seis asas, estavam cheios de olhos, ao redor e por dentro. Não tinham descanso, nem de dia nem de noite,

proclamando: Santo, santo, santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir" (Ap 4.8). A revelação da santidade absoluta de Deus reivindicada em Levítico 11.44; 19.2; 20.7, 26 reaparece em 1 Pedro 1.15.

O mesmo é dito sobre o Senhor Jesus (At 3.14; Ap 3.7; 15.4). "Vocês negaram o Santo e o Justo e pediram que fosse solto um assassino" (At 3.14); "Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá" (Ap 3.7); "Mas vocês têm a unção que vem do Santo e todos têm conhecimento" (1 Jo 2.20).

Há um paralelismo sinônimo entre o cântico de vitória dos salvos por Jesus Cristo em Apocalipse 15 e o cântico de Moisés e dos filhos de Israel em Êxodo 15. De um lado, a vitória sobre o Faraó, e de outro, a vitória sobre as nações.

> E entoavam o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo. Por isso, todas as nações virão e se prostrarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos (Ap 15.3, 4).

O poema começa com Moisés e culmina com o Cordeiro. Cada verso é extraído do Antigo Testamento, vocabulário e estrutura. Deus é louvado pelas suas obras, justiça e fidelidade, e a santidade absoluta. Compare: "Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo" com o poema de Moisés: "Ó Senhor,

quem é como tu entre os deuses? Quem é como tu, glorificado em santidade, terrível em feitosgloriosos, que operas maravilhas?" (Êx 15.11). A glória e a santidade do grande Deus Javé de Israel é a mesma de Jesus. O cântico dos salvos é o reconhecimento universal do senhorio de Jesus (Fp 2.8-11).

O Espírito Santo é santo a começar pelo nome, Ele é Santo e Santificador. O Espírito está do mesmo nível do Pai e do Filho, de modo que a sua santidade é a mesma do Pai e do Filho: "Essa santidade do Espírito é única e real, absoluta e perfeita; não se trata, pois, de uma santidade cerimonial, mas de algo inerente à sua natureza".[93] As três pessoas da Trindade atuam na santificação dos fiéis (Rm 15.16; 1 Co 6.11; 2 Ts 2.13; 1 Pe 1.2). Só pode santificar alguém quem possui santidade por si mesmo sem interferência externa.

A SANTIFICAÇÃO APLICADA AO CRENTE

A santificação do crente, do irmão e da irmã, significa que o Deus Trino torna a pessoa santa, ela é santificada, todos os que aceitaram a Cristo são os santos. É nesses termos que o apóstolo Paulo se dirige aos crentes: "A todos os amados de Deus que estão em Roma, chamados para ser santos" (Rm 1.7); "à igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos, com todos os que em todos os lugares invocam o

nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso” (1 Co 1.2) e fraseologia similar na introdução da maioria de suas epístolas. Todo aquele que se converte a Cristo é santo, homens e mulheres de todos os lugares.

O conceito bíblico de “santo” destoa do pensamento dos católicos romanos que pensam se tratar de alguém especial acima das outras pessoas para interceder por elas. Essas pessoas, às vezes, nos consideram arrogantes porque afirmamos que fomos santificados. Deus nos chamou para a santificação e essa é a sua vontade: “Pois a vontade de Deus é a santificação de vocês” (1 Ts 4.3). Isso não é mérito nosso, assim como a salvação é pela graça de Deus (Ef 2.8-10) do mesmo modo tudo o que a acompanha é nos dados pela graça, como justificação e santificação. Não há salvação sem santificação (Hb 12.14). A graça salvadora tambémé santificadora ela vem do Pai (2 Co 1.12; 1 Tm 1.2); do Filho (Jo 1.16; Gl 1.16) e do Espírito Santo (Zc 12.10; Hb 10.29). A salvação em Cristo é acompanhada da santificação, e seu agente ativo é o Espírito que habita no interior do crente (1 Co 3.16; 2 Tm 1.14).

Na nova aliança, santificação é a semelhança do caráter de Cristo e o efeito real da salvação na vida cristã. Santificar todas as pessoas que se convertem a Cristo é especialidade do Espírito Santo. Essa santificação é instantânea, mas é ao mesmo tempo progressiva, pois esse processo continua na vida do crente. É desejo de todo cristão se parecer com Jesus e ter uma vida santa como Jesus teve. Pela sua infinita graça, Deus concede vida santa a

todos os pecadores, desde que eles se arrependam e confessem o nome de Jesus (Rm 10.9, 10). Assim Deus disponibilizou três meios para a santificação – o sangue de Jesus (Hb 13.12), o Espírito Santo (2 Ts 2.13) e a Palavra de Deus (Jo 17.17; Ef 5.26).

O conceito de santidade ou santificação é o mesmo no Antigo e no Novo Testamento. Uma diferença significativa é que não há na nova aliança rituais de purificação e nem a ideia de santificação legal ou cerimonial. A santificação é interior e vem do Espírito Santo. Ela se manifesta de três modos pelos quais o Espírito age na vida cristã: santificação posicional, santificação real ou progressiva e a santificação futura.

Santificação posicional ou passada

A santificação posicional é também conhecida como santificação passada, ou ainda, santificação instantânea. É uma obra do Espírito que nos posiciona como separados para Deus quando aceitamos a Cristo como Salvador. Trata-se de uma mudança moral que ocorre no momento da regeneração (Tt 3.5), de pecador para santificado em Cristo. A iniciativa e a execução dessa santificação são unicamente de Deus (At 26.18; 1 Co 1.2). O catolicismo romano aplica o termo “santo” a certas pessoas que foram canonizadas, mas isso não é bíblico. Todos nós, os salvos em Jesus, somos santos; é assim que somos reconhecidos no Novo Testamento (At 9.13, 32, 41) e é dessa maneira que o apóstolo Paulo se dirige aos crentes nas suas epístolas (Rm 1.7). A base

dessa santificação é o sacrifício de Jesus (Hb 10.10, 14). Essa santificação é instantânea, mas é também o começo de uma vida progressiva de santificação.

Santificação real ou progressiva

Essa santificação é chamada progressiva porque nela o crente cresce em vitória sobre o pecado e em Cristo. O nosso crescimento espiritual começa com a santificação posicional no momento em que recebemos o Senhor Jesus como salvador e isso continua durante toda a nossa vida em direção à maturidade cristã (Fp 3.12, 13). Diferente da santificação posicional, que é obra exclusiva de Deus, a santificação progressiva "envolve uma parceria com Deus".[94]

Quem nasceu de novo foi transformado pelo poder de Deus, seu estilo de vida agora é outro, de modo que a santificação não pode ficar estagnada: "Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado, porque nele permanece a semente divina; esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus" (1 Jo 3.9). A santificação real é progressiva e se desenvolve no nosso dia a dia (Pv 4.18). A cada dia avançamos em santidade (2 Co 3.18), lembrando que jamais chegaremos à santidade plena enquanto estivermos vivos (Ef 4.13). Todos nós precisamos de crescimento espiritual (2 Pe 3.18). O apóstolo Pedro exorta à santificação (1 Pe 1.15,16). Essa santificação é possível porque somos nascidos de Deus (1 Jo 4.7; 5.1) e o Espírito Santo está em nós e habita em nós (Jo 14.17; 2 Tm 1.14). Isso não significa que os crentes santificados

se tornam perfeitos, não é isso (Ec 7.20; 1 Rs 8.46), mas nos tornamos irrepreensíveis diante de Deus, num estilo de vida de que Deus se agrada (Rm 12.1, 2; 1 Ts 5.23). Observe que havia crentes carnais na igreja de Corinto (1 Co 3.3) e, mesmo assim, eles eram “santificados em Cristo Jesus, chamados para ser santos” (1 Co 1.2).

O papel do crente na santificação é *passivo*, sim, porque dependemos de Deus (Fp 2.12, 13), pois sem o Espírito não há santificação, e, ao mesmo tempo, *ativo*, isso porque nos esforçamos para obedecer a Deus (Rm 12.1,2; 2 Co 6.14; 7.1; 1 Ts 4.3; Hb 12.14). É claro que o progresso da santificação não pode acontecer sem a atuação do Espírito Santo. Nada podemos fazer sem a ajuda divina, mas temos os recursos espirituais para o desenvolvimento da santificação. A leitura da Bíblia e a meditação, a oração, a adoração, o testemunho, o autodomínio, tudo isso faz parte da vida cristã. Somos nós que devemos nos esforçar para o crescimento espiritual (Ef 4.1-3; 1 Ts 5.11). Deus já fez a sua parte.

A santificação futura ou glorificação

Essa é a santificação perfectiva, quando o Senhor Jesus nos transformar de modo que sejamos semelhantes a Ele na sua vinda (1 Ts 5.23). Essa santificação é chamada também de “glorificação” (Rm 8.29, 30; Fp 3.21). Na ressurreição seremos completos, e isso é extensivo à santificação, quando o Senhor Jesus declarar “que transformará o nosso corpo abatido, para ser conforme o seu corpo

glorioso” (Fp 3.21). É nessa ocasião que veremos a Deus como ele é (1 Jo 3.2). Essa é a nossa esperança.

Ética

Não confundir ética com santificação. A ética é o estudo da conduta. É geralmente definida como um código moral ou série de práticas que se consideram moralmente aceitáveis. O termo vem da palavra grega *e¯thos*, “hábito, costume”, que aparece somente uma vez no Novo Testamento, no plural, em um provérbio popular usado pelo apóstolo Paulo: “As más companhias corrompem os bons costumes” (1 Co 15.33). A ideia original de *e¯thos* era de “morada, estábulo, lugares habituais”, e isso sugere que a ética diz respeito ao “modo de vida” como uma estabilidade segura, conduta ética, moral. Não confundir com outro termo grego parecido, *ethos*.[95] A ética do Espírito é diferente da ética legalista. O legalismo é diferente de legalidade. A legalidade significa estar conforme à lei, refere-se à prática legal. O legalismo é a dependência da lei como condição para a salvação, a escravidão excessiva à letra da lei. Para o legalista prevalece a letra da lei e não o espírito da lei, vale o amor ao dever, uma observância fanática dos preceitos legais. Não é isso que acontece com o irmão ou irmã que anda no Espírito em cujas vidas o fruto do Espírito manifesta o caráter de Cristo.

[89] Segue a lista: *qo¯desh*, “santo” (Lv 10.10); *qa¯do¯sh*, “sagrado, santo” (Lv 19.2); *qa¯de¯sh*, “prostituto cultual” (2 Rs 23.7), mas é também nome de lugar “Cades” (Nm 20.1); *qede¯ sha¯ h*, “prostituta cultual” (Dt 23.18); *miqeda¯ sh*, “lugar santo, santuário” (Êx 25.8); *qedesh*, nome de lugar (Js 12.22).

[90] VINE, W. E.; UNGER, Merril F.; WHITE JR., William. *Dicionário Vine – O significado exegético e expositivo das palavras do Antigo e Novo Testamento.* Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 277.

[91] KORNFELD, W. In: Verbete, “קדש” BOTTERWECK, Johannes G. and RINGGREN, Helmer (Editors). *Theological Dictionary of the Old Testament*, vol. XII. Grand Rapids, MI, USA: Eerdmans Publishing Company, 1990, p. 521.

[92] SOARES, Esequias & SOARES, Daniele. *29 Minutos para Entender a Bíblia e a Essência da Palavra de Deus.* Rio de Janeiro: Editora Sextante, 2019, p. 51.

[93] SOARES, Esequias. *A Razão da Nossa Fé – Assim Cremos, Assim Vivemos.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 76.

[94] HOLLOMAN, Henry. *O Poder da Santificação – Redescubra o que Deus Quer Fazer através de Você.* Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 5.

[95] O termo *ethos*, “uso, costume”, embora muito parecido com *e¯thos*, é diferente na forma e no significado. Ethos aparece 12 vezes no Novo Testamento, cujo significado vai de costumes religiosos como o costume dos sacerdotes (Lc 1.9), do sepultamento judaico (Jo 19.40) até hábitos pessoais (Lc 22.39) e para se referir às leis judaicas (At 16.21; 26.3).

capítulo 7

CULTUANDO ADEUS COM LIBERDADE E REVERÊNCIA

O tema do presente capítulo é a forma de adoração e de maneira mais ampla, a liturgia. Atualmente há religião para todos os gostos, sempre foi assim, mas ultimamente têm aparecido criatividades exóticas que chamam atenção até mesmo de público não cristão. Há comunidades religiosas que visam a atender os mais diversos anseios das pessoas e cujas liturgias são adaptadas para vários segmentos da sociedade. São movimentos que não têm compromisso com convenções, não têm tradição e nem história, e

seus líderes são praticamente donos dessas instituições e por isso suas mensagens, músicas e forma de adoração são preparadas para agradar o cliente. Alguns desses excessos, às vezes, respingam em nosso meio, daí a necessidade de estudar o assunto. A reverência na casa de Deus não é sinônimo de formalismo, e os nossos cultos combinam os aspectos espontâneos e reverentes.

O CULTO PENTECOSTAL: LIBERDADE E REVERÊNCIA

Quando Jesus respondeu aos questionamentos da mulher samaritana sobre o lugar em que se deve adorar a Deus, ele deixou claro a adoração verdadeira, ou seja, “em espírito e em verdade” (Jo 4.24). Ele estava se referindo a *como* e não *onde* adorar. Era uma questão de reverência, respeito, temor, que se deve por ocasião do culto e não tinha a ver com o lugar da adoração. Havia diversas sinagogas espalhadas em Israel, e Jesus participava da adoração a Deus nelas sem restrição alguma, assim como fazia o mesmo no templo de Jerusalém (Mt 4.23; 9.35; Lc 4.15-28; Jo 6.59; 18.20).

Os samaritanos eram os israelitas que se mesclaram como povos estrangeiros durante o período da dispersão das dez tribos do norte em 722 a.C. Com o passar do tempo, essa mescla veio a ser também religiosa. Os judeus recusaram a ajuda dos samaritanos na reconstrução do templo de Jerusalém quando Judá retornou do cativeiro babilônico (Ed 4.1-4). Os samaritanos, por outro lado,

haviam rejeitado as Escrituras dos judeus, adotaram apenas o Pentateuco; além disso, construíram um templo rival no monte Gerizim. Com esses fatos, a ruptura samaritana se consolidou, mas eles esperavam também a vinda do Messias (Jo 4.25). Na era apostólica, o clima entre judeus e samaritanos era tenso. O evangelho de João resume o relacionamento entre eles nas seguintes palavras: “os judeus não se dão com os samaritanos” (Jo 4.9). O questionamento da mulher samaritana estava nesse contexto de animosidade espiritual entre Samaria e Jerusalém. É em Gerizim ou em Sião o lugar em que se deve adorar a Deus? A resposta é em qualquer lugar desde que o adorador seja sincero: “Mas vem a hora — e já chegou — em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade. Porque são esses que o Pai procura para seus adoradores. Deus é Espírito, e é necessário que os seus adoradores o adorem em espírito e em verdade” (Jo 4.23, 24).

Não temos informações sobre a liturgia das igrejas nos tempos apostólicos, e nem o Novo Testamento estabelece modelo ou qualquer forma litúrgica de adoração, e isso parece não ter sido a preocupação do Espírito Santo. Sabemos como era o ritual da sinagoga, pois alguns detalhes estão no Novo Testamento, como a presença de Jesus na sinagoga de Nazaré, Lucas 4; e, do apóstolo Paulo na sinagoga de Antioquia da Pisídia, Atos 13. Além disso, todo o ritual da sinagoga foi preservado até nos detalhes ao longo dos séculos pelos judeus. Temos em 1 Coríntios 14 uma

amostragem incompleta de culto, onde se revelam alguns lampejos do culto. A *Didache*¯ é um breve documento do segundo século de autoria desconhecida que mostra um pouco da vida da comunidade cristã e fala em poucas palavras sobre a oração, o jejum, o batismo, a Ceia do Senhor, mas não descreve a liturgia. Justino, o Mártir, que viveu neste mesmo período, nos mostra como era a adoração cristã no segundo século, mas não descreve a liturgia local e da época. Ele relata que os cristãos se reuniam aos domingos e o culto público consistia na leitura bíblica, oração, pregação e louvor, diz: “aí se leem. as memórias dos apóstolos ou os escritos dos profetas. Quando o leitor termina, o presidente faz uma exortação e convite para imitarmos esses belos exemplos. Em seguida, levantamo-nos todos juntos e elevamos nossas preces” (*Apologia* I 67.35).[96] Depois disso, acrescenta, era celebrada a Ceia do Senhor e distribuída ajuda aos irmãos necessitados. Essa informação, além de não acrescentar muito, parece ser uma prática local.

Outra fonte de informações litúrgicas da antiguidade é a obra da peregrina Etéria. Em um relato de sua peregrinação às terras bíblicas por volta do ano 380, ela descreve com abundância de detalhes os rituais da igreja de Jerusalém, na Basílica do Santo Sepulcro, naquela geração. Estamos falando da época de Cirilo de Jerusalém e de sua jurisdição eclesiástica. Apesar de não se conhecer como eram realizados os cultos e as reuniões das igrejas nos primeiros séculos, o relato de Etéria nos surpreende pelos detalhes e pela estrutura litúrgica. Ela conta como funcionam os

serviços, que são diários, pelo menos durante a quaresma e a Páscoa, incluindo jejuns, batismo, celebração da Ceia do Senhor.[97]

Liturgia é a adoração pública. O termo vem do grego *leitourgia*, usado para descrever um ato de serviço público. A Septuaginta emprega essa palavra com referência às atividades sagradas dos sacerdotes levitas, geralmente traduzida por “ministério, serviço” (Nm 8.22, 25; 18.4). No Novo Testamento, ela aparece com o mesmo sentido (Lc 1.23; Hb 9.21), e o verbo *leitourgeo¯* é usado para identificar o culto cristão (At 13.2). O termo *leitourgia* se aplica, também, às obras sociais no Novo Testamento (2 Co 9.12).

O termo “culto” é sinônimo de adoração. Há pelo menos cinco palavras gregas no Novo Testamento pertencentes ao mesmo campo semântico. A principal delas é o verbo *proskynéo¯* , “adorar, prestar homenagem”, que aparece 60 vezes no Novo Testamento; em seguida, vem o verbo *latréuo¯* , “servir, prestar culto, adorar” (Mt 4.10), ele parece 21 vezes, de onde vem o termo *latréia*, “serviço, adoração” (Jo 16.2; Rm 9.4; 12.1; Hb 9.1, 6). A Septuaginta emprega *latréia* para traduzir o hebraico *‘avodá*, “serviço, culto” (Êx 12.25,26; 13.5). Outra palavra é o verbo *sebomai*, cujo significado é mais amplo, está dentro do mesmo campo semântico “adorar” (Mt 15.9; Mc 7.7), mas traz também a ideia de ser piedoso, religioso (At 13.43, 50; 17.4, 17), temente a Deus, servir a Deus e outros termos similares. Aparece dez vezes.[98] O verbo *eusebéo¯* só aparece duas vezes e significa “ter ou mostrar profundo respeito, piedade” (At

17.23; 1 Tm 5.4). E, finalmente, *sebázomai*, “adorar”, uma só vez (Rm 1.25).

Das 60 vezes que o verbo *proskyneo* aparece, apenas duas vezes parece indicar reverência, homenagem ou deferência (Mt l8.26; Ap 3.9). Nas demais passagens se refere à adoração, que pode ser adoração verdadeira (Jo 4.20-24; Hb 1.6) e também à adoração falsa (At 7.43; Ap 9.20). A Septuaginta emprega *proskyneo* para traduzir o verbo hebraico *hishtah. avá*, da raiz *h. avah*, “prostrar-se, inclinar-se, adorar”, no Antigo Testamento. Esse verbo também é usado em referência ao antigo hábito oriental de se prostrar diante de uma pessoa, com reverência, no caso de Natã e Batseba, diante do rei Davi (1 Reis l.l6,23). Essa prática não estava mais em uso no período do Novo Testamento (talvez para não se confundir com a adoração). Cornélio se prostrou diante de Pedro, que foi corrigido de imediato. Pedro o alertou de que era homem, pois tal prática é reservada somente a Deus (At l0.25); a mesma coisa aconteceu quando o apóstolo João se prostrou diante do anjo (Ap 22.9). À luz da Bíblia, podemos definir adoração como serviço sagrado, culto ou reverência a Deus por suas obras (Sl 92.1-5) e pelo o que ele é (Sl 100.1-4). Não há diferença entre “servir” e “adorar” e nem de “prostrar-se” e “adorar”.

O CENTRO DO CULTO PENTECOSTAL

O cristianismo não tem o objetivo de padronizar o mundo e nem destruir as culturas, sua mensagem, porém, é universal. No dia do triunfo de Cristo e da igreja, cada povo ou etnia se apresentará louvando a Deus na sua própria tradição. O cântico dos salvos em Apocalipse 5 mostra pessoas de todas as tribos, línguas e povos da terra, cada um na sua cultura, na sua forma de adoração ao Deus verdadeiro. Isso se reflete na forma de adoração desenvolvida ao longo dos séculos. A religião cristã é flexível quanto à forma de adoração e permite várias liturgias. Todos os ramos do cristianismo, incluindo os cristãos nominais, têm sua forma distintiva de culto, desde o cerimonialismo ornamental das igrejas Católica Romana, Ortodoxas e algumas Protestantes ao modelo simples dos evangélicos, principalmente os pentecostais. Não se deve associar o rigor da liturgia do culto judaico com os vários sistemas de cultos cristãos, nem engessar o ritual cristão em nossos templos, mas essa flexibilidade tem limites por isso deve haver respeito pela estrutura já existente (1 Co 14.40).

O Senhor Jesus Cristo é o centro da nossa adoração. Há sempre entre aqueles críticos que costumam desafiar os pentecostais, que ousam nos acusar da ênfase do Espírito Santo acima de Jesus em nossos cultos. O Pr. George Wood, então presidente da Convenção Americana das Assembleias de Deus, numa entrevista à revista *Christianity Today*, edição de 29 de junho de 2015, na resposta explicou e esclareceu a posição de Jesus em reuniões assembleianas nos Estados Unidos. A nossa fé no Deus

trino e uno é conforme declara o Credo de Atanásio, como a deles também, suponho.

A igreja, no sentido completo da palavra, é toda congregação ou assembleia que se reúne em torno do nome de Jesus Cristo como Senhor e Salvador, professando sua fé nele publicamente e de forma diversificada, aberta a todas as pessoas. Sendo a realização de batismo e as celebrações da Ceia do Senhor nas reuniões específicas. Temos essa promessa diretamente Dele: “Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles” (Mt 18.20); “E eis que estou com vocês todos os dias até o fim dos tempos” (Mt 28.20). Ele está presente na igreja por meio do Espírito Santo.

O que nos distingue das igrejas não pentecostais é a forma de condução do culto e não os pontos principais da fé cristã, que são os mesmos. Eles têm a salvação em Cristo, como nós temos, mas muito deles não têm essas promessas pentecostais porque não acreditam nelas como nós cremos. Não somos diferentes dos primitivos cristãos e podemos ver no Novo Testamento alguns lampejos do que acontece em nossas reuniões. Os cultos nos tempos apostólicos eram espontâneos, não há indicação no Novo Testamento de protocolo ou ordem litúrgica inflexível. Esse modelo se mantém entre nós atualmente como característica dos cultos pentecostais.

As Escrituras nos ensinam que a vida cristã reflete o caráter de Cristo em nossa vida. Este estilo de vida é pautado pela prudência,

sabedoria, sensatez, entendimento das coisas do Espírito, alegria e ações de graças. Todos nós temos consciência da nossa responsabilidade sobre a missão da igreja: testemunhar (*martyria*) do evangelho. Fazemos isso por meio da *kerygma*, “proclamação” e convite; *koinonia*, “comunhão”, na comunidade; *diakonia*, “serviço”; leitourgia, sistema de adoração pública e *didaskalia*, “ensino”, formação e discipulado. O fervor espiritual do crente vai além das reuniões de adoração, na casa de Deus, é um estilo de vida contínuo como parte essencial da vida doméstica diária.

São basicamente cinco os elementos do culto. Fazia parte da liturgia judaica nas sinagogas do primeiro século d.C. a oração antífona do *Shema* (Dt 6.4), leitura bíblica e exortação (Lc 4.17-20; At 13.15). Os apóstolos se aproximaram do modelo judaico, havia nessas primeiras reuniões oração: “onde muitas pessoas estavam congregadas e oravam” (At 12.12); cânticos e louvores: “vou cantar com o espírito, mas também vou cantar com a mente” (1 Co 14.15), isso acontecia também na adoração coletiva (1 Co 14.26); leitura e exposição das Escrituras Sagradas: “No primeiro dia da semana, nós nos reunimos a fim de partir o pão. Paulo, que pretendia viajar no dia seguinte, falava aos irmãos e prolongou a mensagem até a meia-noite” (At 20.7); “Até a minha chegada, dedique-se à leitura pública das Escrituras, à exortação, ao ensino” (1 Tm 4.13). A contribuição financeira, dízimos e ofertas, são elementos do culto e partes da adoração a Deus, essa prática vem desde o Antigo Testamento (Dt 26.10) e se continua no cristianismo (1 Co 16.1, 2; 2

Co 9.7). A administração desses elementos no culto acontece com a manifestação do Espírito Santo (1 Co 14.26; Ef 5.18-20) e não de forma mecânica ou formalística.

COMO SE EXPRESSA A LITURGIA DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL?

Já sabemos que o Novo Testamento não estabelece regras litúrgicas e que há diversas formas cristãs de se adorar Deus. A adoração para ser aceita por Deus não depende de formas litúrgicas ou rituais, mas da disposição do adorador. A nossa liturgia é simples e permite que quaisquer irmãos e irmãs adorem a Deus com liberdade. Os nossos cultos são dinâmicos e espontâneos, em nome de Jesus, com espontaneidade e reverência. Nós não somos expectadores dos cultos, como num teatro ou cinema, antes participamos deles com cânticos congregacionais, corais, conjuntos e grupos de louvores dando glória a Deus e aleluia.

As reuniões de adoração das Assembleias de Deus no Brasil são diversificadas. Temos cultos públicos, chamados por muitos como “culto da família”, de oração, de ensino ou doutrina, escola bíblica dominical, círculo de oração, além de atividade com crianças, adolescentes e jovens. A nenhum dos crentes é vedado o púlpito, todos, irmãos e irmãs, têm a oportunidade para falar à igreja o que Jesus fez na sua vida, são os testemunhos sobre salvação, cura,

libertação e outras bênçãos. A maioria costuma basear a sua fé nos relatos bíblicos, são os milagres registrados na Bíblia que inspiram e levam os irmãos a receberem a bênção (Mc 16.15-20). Por meio desses testemunhos muitos fortalecem a fé e outros vêm a Cristo. É o que tem acontecido com certa frequência. Foi dessa maneira que crescemos e nos tornamos a maior denominação evangélica do país. O Deus que nos trouxe até aqui ele mesmo nos conduzirá pelo seu Espírito até a vinda de Jesus. Essa adoração a Deus é em "espírito e em verdade" (Jo 4.24).

A igreja é a mesma e serve ao mesmo Deus desde o Pentecostes. Isso significa que a nossa adoração e a manifestação dos dons permanecem como na antiguidade. Às vezes, surgem meninices, como acontecia em Corinto (1 Co 14.20), mas isso não impede a manifestação dos dons espirituais.

Essa forma dinâmica, espontânea de adoração, somada à nossa prática de ler a Bíblia permite que as verdades contidas nela tornem-se reais em nossas vidas, Deus se torna intensamente real. Daí a importância das experiências pessoais; o uso consciente da música e a aproximação de um Deus pessoal. Isso são consequências da herança basilar, o batismo no Espírito Santo com a evidência no "falar em outras línguas" (1 Co 14.2) e os dons do Espírito Santo (1 Co 12.4-6).

[96] JUSTINO, Mártir. *Justino de Roma – I e II Apologias, Diálogo com Trifão.* São Paulo: Paulus, 1995, p. 83.

[97] ETÉRIA. *Peregrinação de Etéria – Liturgia e Catequese em Jerusalém no Século IV.* Tradução de Maria da Glória Novak. Petrópolis, RJ: Editora Vozes. Trata-se de uma peregrina desconhecida que relata na primeira parte de seu livro a sua viagem às terras bíblicas, Egito, Israel, Babilônia; e na segunda parte os rituais de Jerusalém, pp. 83-116.

[98] Mt 15.9; Mc 7.7; At 13.43, 50; 16.14; 17.4, 17; 18.7, 13; 19.27.

capítulo 8

COMPROMETIDOS COM A PALAVRA DE DEUS

Nós somos apegados à Palavra e buscamos a orientação do Espírito Santo para nos ajudar na interpretação das Escrituras. O amor e o compromisso com a Palavra de Deus são um dos legados deixados pelos nossos pais na fé. Muitos pioneiros foram desfavoráveis a seminários e cursos formais de teologia, no entanto, todos defenderam com todas as suas forças a leitura e o estudo da Bíblia. O hábito da leitura diária da Bíblia é parte da cultura do nosso povo.

A AUTORIDADE DA BÍBLIA

A Bíblia é a única fonte de autoridade espiritual para as Assembleias de Deus. Nós, assembleianos, não somos herdeiros diretos da Reforma, mas professamos também os seus conhecidos cinco pilares: *sola Scriptura*, *sola fide*, *sola gratia*, *solus Christus* e *soli Deo gloria*". Cada um dos cinco *solae* representa a chave de cada doutrina central dos reformadores do século 16 e se relacionam, contrapondo os ensinos da Igreja Católica.

Quem no século 21 são os herdeiros da Reforma Protestante? É uma pergunta interessante. Antonio Gouveia de Mendonça, num artigo publicado na *Revista USP 67*, intitulado *O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas*, divide a reforma em três ramos: anglicano, luterano e calvinista, ou reformado propriamente dito. Mendonça afirma: "Feita aquela ressalva quanto ao anglicanismo, os protestantes propriamente ditos são os luteranos e calvinistas que se espalham pelo mundo em numerosa diversificação, particularmente estes últimos". Continua o artigo:

> Então, protestantes seriam aquelas igrejas que se originaram da Reforma ou que, embora surgidas posteriormente, guardam os princípios gerais do movimento. Essas igrejas compõem a grande família da Reforma: luteranas, presbiterianas, metodistas, congregacionais e batistas. Estas últimas, as batistas, também resistem ao conceito de protestantes por razões de ordem histórica, embora mantenham os princípios da Reforma.[99]

Com base nessa classificação, os assembleianos e os outros grupos não católicos, no geral poderiam ser considerados herdeiros da Reforma. A teologia das Assembleias de Deus se harmoniza com os princípios básicos da Reforma. O pilar, *sola Scriptura*, “somente as Escrituras”, significa que a Bíblia é a única regra de fé e prática para a vida cristã e é por meio dela que podemos conhecer a Deus e entender a sua vontade (2 Tm 3.14-17), e não as Escrituras e a Tradição juntas.; *Sola fide*, “somente a fé”, a justificação dos nossos pecados só é possível por meio da fé, e não a fé e mais as boas obras, não existe nenhuma boa obra que possamos fazer para conquistá-la ou merecê-la (Rm 3.28). *Sola gratia*, “somente a graça”, a salvação é gratuita e oferecida por Deus por meio de Jesus Cristo e não depende de nós mesmos, não a merecemos, mas Deus a concede porque ama a humanidade (Rm 3.24).[100] *Solus Christus*, “somente Cristo”, o Senhor Jesus Cristo é o único Salvador do mundo, a salvação só é possível por meio dele, Jesus é o único que pode interceder pela humanidade inteira, pois veio ao mundo e viveu sem pecado algum, se entregou para que nossas iniquidades fossem perdoadas (Jo 14.6), e não Cristo e a igreja, como no sistema católico. *Soli Deo gloria*, “somente a Deus a glória”, Deus não divide a sua glória (Is 42.8) e não glória a Deus e honra especial a Maria.

O nosso enfoque é sobre as Escrituras. O nosso *Cremos*, publicado no expediente do jornal, *Mensageiro da Paz*, declara: “Cremos na inspiração divina verbal e plenária da Bíblia Sagrada,

única regra infalível de fé e prática para a vida e o caráter cristão (2 Tm 3.14-17)".[101] Mas, os pentecostais ainda são vistos por alguns não pentecostais e cessacionistas como um movimento que baseia suas crenças e práticas nas emoções e que ensina a crença no Cânon aberto. São interpretações equivocadas a nosso respeito.

Quando foi criada a Convenção Americana das Assembleias de Deus em 1914, os líderes perceberam que havia a tentação de elevarem-se as revelações pessoais e outras manifestações místicas ao mesmo nível. Assim, era necessário fazer certo esforço para manter o equilíbrio entre os ensinos bíblicos e a experiência religiosa.

Somos emocionais? É verdade. Somos, sim, emotivos, pois Deus criou o ser humano, como afirma Brumback: "não apenas como um ser físico, intelectual e espiritual, mas também, como criatura emocional". A emoção é um elemento inteiramente humano. A verdade é que as emoções, como qualquer outra dimensão da vida humana devem ser submetidas aos ensinos bíblicos. Brumback continua:

> Pode ser que a teologia e o formalismo modernos abafariam todas as expressões exteriores de emoção, mas as Escrituras não o fazem. Examine as Escrituras como quiser, não encontraria nelas apoio dos cultos estoicos e puramente intelectuais, como se proclamam os dirigentes da Igreja atual.
>
> Queremos dizer somente que as igrejas médias dos Pentecostais são ao menos iguais às igrejas não Pentecostais, quanto à apreciação da Palavra. Não podemos crer que as expressões de

> emoção, que não estorvam, mas antes aumentam, o desejo de crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, sejam considerados indecentes e fora de ordem.[102]

Ou seja, como Brumback comenta, vemos que os pentecostais vivem uma vida plena, pois submetem não só o intelecto, mas toda a sua vida ao Senhor para serem usados pelo Espírito Santo. É preciso haver equilíbrio, não é só o intelecto ou só a emoção, mas corpo, alma e espírito, o ser humano como um todo sendo usado por Deus.

Nós cremos que a revelação canônica se encerrou com os apóstolos do Novo Testamento (1 Co 15.8). A nossa fonte de autoridade é unicamente a Bíblia, conforme a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*: “A Bíblia é a nossa única regra de fé e prática... não necessitamos de uma nova revelação extraordinária ou pretensamente canônica” (2 Pe 1.1921). A autoridade divina da Bíblia deriva de sua origem em Deus, e isso por si só encerra a suprema autoridade das Escrituras como plena e total garantia de infalibilidade.

ZELO PELA DOUTRINA

Pode-se dizer que o zelo pela doutrina era uma marca distintiva de nossos pais: “Cuide de você mesmo e da doutrina. Continue nestes deveres, porque, fazendo assim, você salvará tanto a si mesmo como aos que o ouvem” (1 Tm 4.16). Há nessa passagem

duas advertências ao jovem pastor Timóteo e que vale para todos nós na atualidade: a) o cuidado pessoal, “tem cuidado de ti mesmo” (ARC), o líder deve servir de exemplo para o rebanho, se dedicar à oração e à leitura da Bíblia; b) o cuidado “da doutrina”, *didaskalia*, “ensino, aquilo que é ensinado, doutrina”, aparece 15 vezes nas epístolas pastorais,[103] ao passo que o seu cognato, *didache¯* , de mesmo significado, só aparece duas vezes nessas epístolas (2 Tm 4.2; Tt 1.9). Quatro vezes o termo é qualificado pela palavra “sã” (1 Tm 1.10; 2 Tm 4.3; Tt 1.9; 2.1), o que significa aquela ortodoxia “relativamente fixa que as igrejas tinham recebido e que era sua responsabilidade preservar contra as heresias”.[104] De modo que os nossos pioneiros entenderam muito bem o significado de “cuide de você mesmo e da doutrina”, e isso eles fizeram com dedicação e esmero e nos deixaram esse legado. Convém deixar claro que a expressão “fazendo assim, você salvará tanto a si mesmo como aos que o ouvem” não significa que o ministério em si mesmo, envolvendo muita dedicação, seja agente da salvação, só Cristo salva (Jo 14.6), e a salvação é pela graça mediante a fé (Ef 2.8, 9). Alguns expositores do Novo Testamento argumentam que o verbo grego usado nessa passagem para “salvar” é *s¯oz¯o*, que, além desse significado, quer dizer “libertar, preservar, resgatar”, e nem sempre a ideia é soteriológica. Mas, os salvos precisam perseverar até o fim e cada um cumprir o seu ministério (Mt 24.13; 2 Tm 4.5).

Os nossos primeiros missionários serviram em nosso país na evangelização e no ensino da Palavra. O zelo deles pela doutrina

contribuiu para a unidade doutrinária das Assembleias de Deus. A espera entre o início das Assembleias de Deus e as primeiras instituições de ensino teológico foi de cerca de 40 anos. Nessas primeiras décadas, a prioridade deles era a evangelização e o discipulado. Além disso, os grupos pentecostais das diversas partes dos Estados Unidos e Europa não se viam como uma denominação, mas como o Movimento do Espírito, Movimento Pentecostal. Os nossos pais jamais pretendiam fundar uma Assembleia de Deus institucional, eles eram contra institucionalizar o movimento. Eles sabiam o que estavam querendo e para onde estavam conduzindo a igreja. Todos eles conheciam a Bíblia e eram muito apegados a ela. O conhecimento bíblico deles se percebe pela qualidade teológica da letra dos hinos da *Harpa Cristã*.[105] Dificilmente você encontra ali um deslize doutrinário em qualquer desses poemas.

O missionário Gunnar Vingren estudou teologia no Seminário Teológico Sueco da Igreja Batista em Chicago entre 1904 e 1909. A CPAD publicou por ocasião do Centenário das Assembleias de Deus a monografia de graduação de Gunnar Vingren apresentada em Chicago em 1909, *O Tabernáculo e Suas Lições*.[106] Os primeiros educadores preocupavam-se com o crescimento espiritual dos santos e incentivavam o estudo da Bíblia, porém, temiam que cursos formais de teologia viessem intelectualizar demais a fé pentecostal.

O compromisso dos nossos pais com a Palavra, mesmo num período de escassez de ensino teológico, evidencia-se no esforço

dos missionários e dos primeiros líderes em criar mecanismos para disponibilizar o ensino da Palavra a todos os crentes. A princípio, o ensino era à distância.

Em 1919, os missionários Gunnar Vingren, Otto Nelson e outros, em Belém do Pará, fundaram o jornal *Boa Semente*, com circulação nacional, que veio a ser o órgão oficial das Assembleias de Deus, pois o jornal, *Voz da Verdade*, já circulava desde 1917, mas não era órgão oficial e deixou de existir. Havia, ainda, outro jornal, *Som Alegre*, mas a 1ª. Assembleia Geral da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil CGADB, realizada em Natal, em janeiro de 1930, determinou que os dois jornais se fundissem num só. “O título escolhido foi *Mensageiro da Paz*, cujo primeiro número saiu em 1º. De dezembro de 1930”.[107] É atualmente o órgão oficial da CGADB, e cada edição traz a síntese da Confissão de Fé, o Cremos, os 16 artigos das Assembleias de Deus no Brasil. O *Mensageiro da Paz*, durante anos, numa coluna especial, trazia um curso teológico à distância. Não era muito, mas cumpria o papel de um instituto bíblico. A principal agência de ensino bíblico que ajudou a suprir essa lacuna foi a Escola Bíblica Dominical.

As primeiras lições até 1930 foram publicadas em forma de suplemento no jornal, *Boa Semente*, e essa parte do periódico se chamava, “Estudos Dominicais”, escritos pelo missionário Samuel Nyström, eram lições em forma de esboços, preparadas para três meses. A partir de 1930, por decisões da 1ª. Assembleia Geral da

CGADB, foram publicadas as *Lições Bíblicas*, inicialmente trimestrais, mas logo passaram a ser semestrais, principalmente por causa das condições logísticas da época em um país de dimensões continentais. Segundo a apresentação do volume 01 da *Coleção Lições Bíblicas – 1934-1940*: “Os primeiros comentadores foram os missionários Samuel Nyström, Frida Vingren, e depois o missionário Nils Kastberg”. Desde então essas lições são publicadas ininterruptamente para ensino e edificação do povo de Deus.

O terceiro instrumento que os nossos pais usaram para suprir a falta de seminários e institutos bíblicos são as conhecidas escolas bíblicas de obreiros (EBO). A primeira Escola Bíblica, segundo o historiador das Assembleias de Deus, Isael de Araújo, aconteceu no Rio de Janeiro em 1929, e os palestrantes foram Gunnar Vingren e sua esposa Frida Vingren, que falaram sobre “como ter um espírito excelente”, “A vida de Jesus”, “A igreja e os dons espirituais” e “A segunda vinda de Cristo”. Essa primeira EBO foi ministrada pelo casal missionário.[108]

A formação teológica dos obreiros das Assembleias de Deus deve-se fundamentalmente à divulgação do ensino teológico das Escolas Bíblicas de Obreiros. Elas “desempenharam papel decisivo na estruturação teológica do movimento pentecostal no Brasil”.[109] Ainda hoje elas são realizadas nas principais igrejas do Brasil. Sua duração é, geralmente, de 15 dias ou um mês, mas há igrejas em que sua duração é de uma semana, e outras, de 10 dias. Eram convidados pastores e educadores de outras localidades do país, ou

do exterior, para ministrar sobre matérias bíblicas: pentecostais, teologia, eclesiologia e ética ministerial, como Samuel Nyström, J. P. Kolenda, Eurico Bergstén, N. Lawrence Olson, João de Oliveira, Alcebíades Pereira de Vasconcelos, Estêvam Ângelo de Souza, Orlando Boyer, Emílio Conde, Reginald Hoover entre outros. Todos eles eram mestres respeitáveis e de reputação nacional. Eles foram responsáveis pela construção do pensamento teológico das Assembleias de Deus. Hoje, mesmo com o atual crescimento de escolas teológicas, as Escolas Bíblicas de Obreiros continuam disseminando ensinos teológicos em todo o país. Muitos dos atuais educadores passaram por um instituto bíblico. A erudição não anula o fervor do Espírito, para ser intelectual pentecostal não há necessidade de “jubilar” o cérebro.

A primeira instituição de ensino teológico só foi inaugurada por João Kolenda Lemos em outubro de 1958, o Instituto Bíblico das Assembleias de Deus IBAD em Pindamonhangaba, no interior paulista. Em 1962, o missionário N. Lawrence Olson fundou o Instituto Bíblico Pentecostal - IBP na cidade do Rio de Janeiro. Na década de 1970, o missionário Bernhard Johnson fundou a Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus EETAD depois a Faculdade Teológica das Assembleias de Deus FAETAD em Campinas, SP. Em 18 de janeiro de 2001, a 35ª. Assembleia Geral da CGADB, presidida pelo pastor José Wellington Bezerra da Costa, reunida em Brasília, DF, fundou as Faculdades Evangélicas de Tecnologia, Ciências e Biotecnologia da CGADB FAECAD. A

primeira turma de formandos do Curso de Bacharel em Teologia colou grau no dia 12 de setembro de 2009.

Desde muito cedo na história, a igreja percebeu que a Bíblia precisa ser interpretada para que os crentes conheçam melhor o pensamento bíblico e a doutrina da igreja. Os credos e as regras de fé são documentos produzidos pelas igrejas com esse propósito. Os antigos credos gerais, como o Credo dos Apóstolos, os Credos Nicenos, o Credo de Atanásio entre outros são um exemplo dessa realidade. Os nossos pioneiros tinham consciência dessa realidade e se preocupavam com o crescimento espiritual do rebanho. Todos eles encorajavam o povo à leitura da Bíblia, eram apegados às Escrituras e dedicados ao ensino da Palavra, mas a forma de exercer esse ministério se distinguia da maneira das igrejas tradicionais da época.

CUIDADO QUANTO AOS MODISMOS

O significado literal de “modismo”, segundo os dicionários da língua portuguesa, é o que está na moda, e, dependendo do contexto, é aquilo “que tem caráter efêmero, passageiro”. É nesse contexto o nosso cuidado, os nossos pais tiveram e devemos manter a mesma vigilância doutrinária. Esses modismos são provenientes de várias fontes: erros de interpretação de textos bíblicos, experiências pessoais e revelações de origem estranha. Trata-se de distorção doutrinária que está muito em voga na mídia

evangélica e nos últimos anos vem recebendo aceitação de muitos líderes desavisados. Vários modismos pentecostais têm chegado ao país, como se fossem avivamentos bíblicos genuínos. É assim que se houve falar de doutrinas e práticas religiosas estranhas como sendo o avivamento esperado. Os principais modismos já saíram de moda e outros até já desapareceram. Os mais conhecidos são o mapeamento espiritual, a maldição hereditária, a ideia de “crentes endemoninhados”.[110] Outro modismo que já está fora de moda é o “cair no poder”, chamado “sopro santo”. Muita gente se reunia nas igrejas e em grandes concentrações já predispostas para “cair no poder”, com alguém para segurar na hora de cair para trás. Às vezes, o pregador soprava ou jogava o paletó para o plenário e com isso muitos dos presentes caíam para trás. Tivemos que lidar com esse abuso por um bom tempo.

O dente de ouro eram obturações de ouro que supostamente aconteciam durante os cultos mediante a pregação e a ministração de alguém com uma “unção específica”. Muitos iam para esses cultos previamente programados com lanternas e espelhos, e se via muita gente de boca escancarada, e outros com lanternas e espelhos procurando obturações de ouro. Tal modismo já desapareceu. A “unção do riso” foi outra inovação, mas não durou muito tempo, é conhecida também como a “bênção de Toronto, gargalhada sagrada ou unção de Isaque”. As pessoas se reuniam nos cultos e começavam a dar gargalhas: “As manifestações relacionadas com este movimento incluem gargalhadas, cair no

Espírito, passar tempo no carpete (to do carpet time) e emitir sons produzidos por animais tais como urrar como leão e latir como cachorro".[111] O movimento G-12 com a regressão psicológica também foi moda. Onde estão agora todos esses modismos? Alguns desapareceram, outros vão se reinventando para não dizer, desaparecendo.

Ser comprometido com a Palavra é ir além da comunicação do evangelho, mas também batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos: "Amados, quando eu me empenhava para escrever-lhes a respeito da salvação que temos em comum, senti que era necessário corresponder-me com vocês, para exortá-los a lutar pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos" (Jd 3). Assim, o nosso cuidado com a doutrina deve ir além do combate aos modismos e também servir para *defender* a nossa fé das seitas e heresias, *refutar* os erros que se opõem aos ensinos bíblicos e *persuadir* os contradizentes para que eles se convertam ao evangelho. Devemos fazer o melhor para Deus.

---

99 MENDONÇA, Antonio Gouveia. In: "O protestantismo no Brasil e suas encruzilhadas". *Revista USP 67*. São Paulo, 2005, pp. 50, 51).

100 Graça não é mérito, e nem o ato de o pecador aceitar a dádiva divina se constitui mérito pessoal, é verdade que a Queda do Éden comprometeu o livre-arbítrio, mas não a aniquilou totalmente, é com a ajuda do Espírito Santo que o pecador se decide por Cristo. Deus disponibilizou a sua graça para todos os seres humanos, e não para uns

poucos escolhidos: “Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens” (Tt 2.11).

[101] SOARES, Esequias (organizador). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 21.

[102] BRUMBACK, Carl. *“Que Quer Isto Dizer?”* – Uma resposta pentecostal a uma pergunta pentecostal. Tradução de Orlando Boyer e Joaquim Luiz dos Santos. Rio de Janeiro: Livros Evangélicos, 1960, pp. 96, 97.

[103] 1 Tm 1.10; 4.1, 6, 13, 16; 5. 17; 6.1, 3; 2 Tm 3.10, 16; 4.3; Tt 1.9; 2.1, 7, 10.

[104] VERBRUGGE, Verlyn D. *Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento [Edição Condensada].* São Paulo: Vida Nova, 2018, p.158.

[105] Esse Saltério é o hinário oficial das Assembleias de Deus. Seu objetivo é “enlevar o cântico congregacional e proporcionar o louvor a Deus nas diversas liturgias da Igreja... sua primeira finalidade é transformar nossas igrejas e congregações em comunidades de perfeita adoração ao Único e Verdadeiro Deus” (ANDRADE, Claudionor. *Manual da Harpa Cristã.* Rio de Janeiro: CPAD, 1999, p. 12). A literatura hinódia é um importante instrumento de ensino teológico, ainda que seu objetivo não seja esse.

Nos primeiros anos, a Assembleia de Deus usava o hinário *Salmos e Hinos*, mas em virtude das peculiaridades da doutrina pentecostal, em 1921, foi lançado em Belém, PA, o *Cantor Pentecostal*, com 44 hinos e 10 corinhos. No ano seguinte, foi lançada em Recife, PE, a primeira edição da *Harpa Cristã*, sob a orientação editorial de Adriano Nobre, que viria a se tornar o hinário oficial das Assembleias de Deus. O missionário Samuel Nyström traduziu as letras da hinódia escandinava e Paulo Leivas Macalão fez as devidas adaptações. A segunda edição, em 1923, contava com 300 hinos, e a de 1932, com 400 louvores.

[106] VINGREN, Gunnar. *O Tabernáculo e Suas Lições.* Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

[107] CONDE, Emílio. *História das Assembleias de Deus no Brasil*, 3ª. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, p. 310.

[108] ARAÚJO, Isael. *Frida Vingren – Uma biografia da mulher de Deus, esposa de Gunnar Vingren, pioneiro das Assembleias de Deus no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 2014, p. 101.

[109] HORTON, Stanley M. *Teologia Sistemática Uma Perspectiva Pentecostal.* Rio de Janeiro: CPAD, 1996, p. 38.

[110] Esses três modismos da alegada “Batalha Espiritual”: o mapeamento espiritual, a maldição hereditária, a ideia de crentes endemoninhados, foram estudados na lição 1 do 1º. trimestre de 2019 e o assunto foi ampliado no livro que acompanhou o trimestre: SOARES, Esequias & SOARES, Daniele. *Batalha Espiritual – O Povo de Deus e a Guerra Contra as Potestades do Mal.* Rio de Janeiro: CPAD, 2019, pp. 13-26.

[111] ROMEIRO, Paulo. *Evangélicos em Crise – Decadência Doutrinária na Igreja Brasileira.* São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1995, p. 79. Este livro apresenta um estudo amplo sobre a maioria dos modismos apresentada no presente capítulo com suas práticas abusivas e suas respectivas respostas bíblicas.

capítulo 9

VIVENDO O FERVOR ESPIRITUAL

Viver o fervor espiritual é o mesmo que ser cheio do Espírito Santo. A expressão “cheio do Espírito Santo”, ou fraseologia similar, pode se referir tanto ao batismo no Espírito Santo como também à vida plena no Espírito. Isso já foi esclarecido no capítulo 3. Essa linguagem é tipicamente lucana e aparece no evangelho de Lucas e no livro de Atos. Fora desses livros, só aparece uma só vez em Paulo: “E não se embriaguem com vinho, pois isso leva à devassidão, mas deixem-se encher do Espírito” (Ef 5.18). Quem compreende essa diferença não terá dificuldade para entender o significado teológico do Pentecostes.

A IMPORTÂNCIA DA DEVOÇÃO PELA PALAVRA E ORAÇÃO

Não é possível uma vida nos domínios do Espírito sem devoção pela Palavra de Deus e sem o hábito de orar: “Quanto amo a tua lei! É a minha meditação todo o dia!” (Sl 119.97); “Orem sem cessar” (1 Ts 5.17). Essas duas práticas espirituais são indispensáveis na devoção cristã. A lei, nesse estágio da história do povo de Deus, diz respeito à própria Escritura Sagrada: “o seu prazer está na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite” (Sl 1.2); “A lei do SENHOR é perfeita e restaura a alma” (Sl 19.7). O Novo Testamento chama também de “lei” parte das Escrituras que não se refere a nenhum livro do Pentateuco: “Não está escrito na Lei de vocês: ‘Eu disse: vocês são deuses’”? (Jo 10.34), que é uma citação direta do salmo 82.6; o apóstolo Paulo chama de lei uma passagem do profeta Isaías: “Na lei está escrito: ‘Falarei a este povo por meio de homens de outras línguas e por meio de lábios de outros povos, e nem assim me ouvirão, diz o Senhor’” (1 Co 14.21). Essa citação é de Isaías 28.11. Então, o termo “lei” pode significar tanto a Lei de Moisés como também as Escrituras Sagradas. Segundo R. K. Harrison, o *corpus* mosaico passou a ser identificado como Lei depois do cativeiro: “no período pós-exílio o corpus era conhecido como a ‘Torah’ ou Lei”.[112] De modo que no devocional do salmista: “Quanto amo a tua lei!”, ele está se referindo à Palavra de Deus. Essa devoção às Escrituras é parte do ensinamento bíblico para o

povo de Deus. Há na Bíblia diversas exortações para leitura das Escrituras Sagradas e meditação diária na palavra de Deus (Js 1.8; Dn 9.1, 2; Jo 5.39; Ap 1.3). O propósito das Escrituras é a redenção humana em Jesus: “você conhece as sagradas letras, que podem torná-lo sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus” (2 Tm 3.15). São ensinos espirituais que não se encontram em nenhum lugar do mundo (2 Tm 3.16,17). A Bíblia revela os mistérios do passado como a criação, os do futuro como a vinda de Jesus, os decretos eternos de Deus, os segredos do coração humano e as coisas profundas de Deus (Gn 2.1-4; Is 46.10; Lc 21.25-28).

A Bíblia corrige o erro humano e é útil para orientar a vida humana: “Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça” (2 Tm 3.16). Uma das grandezas das Escrituras é a sua aplicabilidade na vida diária, na família, na igreja, no trabalho e na sociedade. Deus é o nosso Criador e somente ele nos conhece e sabe o que é bom para suas criaturas. E essas orientações estão na Bíblia, o “manual do fabricante” (Rm 12.1, 2).

No tocante à oração, o Senhor Jesus partia do princípio que as pessoas da sua geração tinham o hábito de orar: “E, quando orarem, não sejam como os hipócritas” (Mt 6.5). O “quando” mostra que Jesus está falando de um hábito e não dando uma nova ordem. Os judeus oravam três vezes ao dia: de manhã, ao meio dia e à tarde, “à hora nona” (Sl 55.17; Dn 6.10); ainda hoje, os judeus religiosos o fazem. Naqueles dias essas orações eram públicas.

Nós, cristãos, oramos continuamente (Ef 6.18; Cl 4.2; 1 Ts 5.17), não como obrigação, é um hábito com o desejo de manter a comunhão com Cristo (Gl 2.20). O próprio Senhor Jesus Cristo tinha o hábito de orar (Lc 3.21; 6.12).

O Senhor Jesus Cristo durante o tempo de seu ministério terreno nunca se apartou da oração: “E, tendo despedido as multidões, ele subiu ao monte, a fim de orar sozinho” (Mt 14.23); “Tendo-se levantado de madrugada, quando ainda estava escuro, Jesus saiu e foi para um lugar deserto, e ali orava” (Mc 1.35). Ele aparece orando por ocasião do seu batismo, no Jordão, por João Batista (Lc 3.21); para escolher os doze apóstolos ele passou a noite em oração (Lc 6.12, 13); estava orando quando transfigurou-se (Lc 9.29); estava orando quando os seus discípulos pediram que Ele os ensinassem a orar (Lc 11.1); Ele intercedeu ao Pai em favor de Pedro (Lc 22.32) e pelos demais discípulos e por todos nós (Jo 17.20). Se o próprio Filho de Deus procedia dessa forma, o que não diremos nós?

Precisamos orar e também dependemos das orações dos irmãos, o próprio apóstolo Paulo pedia oração em seu favor: “E orem também por mim, para que, no abrir da minha boca, me seja dada a palavra, para com ousadia tornar conhecido o mistério do evangelho” (Ef 6.19). Ele contava sempre com a oração dos crentes (Cl 4.3; 2 Ts 3.1). Quando um homem da estatura espiritual do apóstolo Paulo pede a oração da igreja em seu favor e pelo seu ministério, isso mostra que não existe super-homem na igreja. Todos

nós somos dependentes do Senhor Jesus e contamos com a oração uns dos outros.

Uma vida de dedicação a Deus, de oração e leitura e meditação na Palavra de Deus nos ajuda a viver sabiamente conforme o ensino do apóstolo Paulo: “Portanto, tenham cuidado com a maneira como vocês vivem, e vivam não como tolos, mas como sábios, aproveitando bem o tempo, porque os dias são maus. Por esta razão, não sejam insensatos, mas procurem compreender qual é a vontade do Senhor” (Ef 5.15-17).

O viver sabiamente são exercícios espirituais importantes que devem ser colocados em prática no dia a dia, diferentemente dos tolos. Existem pelo menos sete palavras gregas no Novo Testamento para “néscio”.[113] Os néscios, na linguagem paulina, referem-se sempre aos pagãos, e é nesse sentido que o apóstolo chama a atenção. Mas, a palavra que o apóstolo usa nessa passagem para “tolos”, ou, “néscios” (ARC), só aparece nessa passagem, é *ásophos*. O termo grego *sophós* quer dizer “sábio”, e o prefixo *a*indica ausência, privação, logo, *ásophos* indica “imprudente, insensato, tolo, sem juízo, sem sabedoria”. Paulo está contrastando a sabedoria cristã, que vem do Espírito, com a insensatez dos pagãos. Isso se torna claro no v. 17, onde o apóstolo usa o termo *aphro¯ n*, “néscio, insensato”, a mesma palavra que a Septuaginta emprega a alguém que não tem juízo, “sem entendimento” (Pv 17.18; 24.30). Paulo acrescenta ainda que esses não entendem “a vontade do Senhor”. Devemos priorizar a vontade

de Deus em nossas decisões atitudes e não focar as aparentes vantagens, como faz o mundo. O modo de vida do crente não pode ser o mesmo padrão do mundo (Rm 12.1). Todas essas características negativas e nocivas são incompatíveis com a vida cristã.

"Aproveitando bem o tempo" (Ef 5.16), ou "remindo o tempo" (ARC), é uma frase que diz muito mais do que parece à primeira vista. O verbo remir significa "comprar de novo, resgatar, aproveitar o melhor possível". A palavra "tempo" é bem conhecida entre nós, *kairós*, tempo no sentido de ocasião, oportunidade: "enquanto tivermos oportunidade, façamos o bem a todos" (Gl 6.10); "se lembrassem daquela de onde saíram, teriam oportunidade de voltar" (Hb 11.15); "humilhem-se debaixo da poderosa mão de Deus, para que ele, em tempo oportuno, os exalte" (1 Pe 5.6). Essas duas coisas, tempo e oportunidade, são especialidades dos crentes, que cheios do Espírito Santo resultam no viver sabiamente. O crente sabe aproveitar as oportunidades para fazer a obra de Deus, falar de Jesus às pessoas que ainda não conhecem o evangelho (Cl 4.5) até mesmo em circunstâncias difíceis. Na verdade, tanto hoje como nos dias apostólicos, "os dias são maus".

A IMPORTÂNCIA DE MANTER-SE "CHEIO DO ESPÍRITO"

Duas vezes a expressão “cheio do Espírito Santo” e fraseologia similar indica o batismo no Espírito Santo (At 2.4; 9.17). Mas, essa expressão deve ser entendida à luz do seu contexto bíblico, pois, nem sempre o enchimento do Espírito se refere ao referido batismo. O Novo Testamento registra essa experiência mesmo antes, durante e depois do Pentecostes, tanto de forma individual como coletiva. Antes do Pentecostes, o exemplo clássico é o de João Batista, Isabel e Zacarias (Lc 1.15, 41, 67). O enchimento como o batismo aconteceu no Pentecostes: “Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem” (At 2.4); e Saulo de Tarso, depois dos eu encontro com o Senhor Jesus no caminho de Damasco: “Então Ananias foi e, entrando na casa, impôs as mãos sobre Saulo, dizendo: — Saulo, irmão, o Senhor Jesus, que apareceu a você no caminho para cá, me enviou para que você volte a ver e fique cheio do Espírito Santo” (At 9.17).

A obra do Espírito Santo na vida do crente é dinâmica, o Espírito não fica estático a partir da conversão, a expressão “cheio do Espírito Santo” significa também reacender a chama do Espírito. De modo que a experiência do enchimento do Espírito se repete tanto de forma individual como coletiva. Isso acontece com as mesmas pessoas batizadas no Espírito Santo antes, como Pedro, que era um dos que estavam entre os discípulos em Pentecostes (2.14), no entanto, aparece novamente “cheio do Espírito Santo” (At 4.8); de igual modo Paulo, mesmo depois de ter sido cheio do Espírito (At

9.17), aparece outra vez “cheio do Espírito Santo” (At 13.9). Isso acontece com a comunidade: “Os discípulos, porém, estavam cheios de alegria e do Espírito Santo” (At 13.52). O contexto esclarece o significado da expressão. A ação do Espírito na vida cristã não é estática, nele somos renovados no nosso dia a dia. Essa experiência acontece reiteradamente em nossos dias e isso vem desde o Pentecostes.

“E não se embriaguem com vinho, pois isso leva à devassidão, mas deixem-se encher do Espírito” (Ef 5.18), ou: “enchei-vos do Espírito” (ARC). A frase usada pelo apóstolo é a mesma que aparece na Septuaginta: *m¯e methyskesthe oino¯* , “não se embriague com vinho” (Pv 23.31).[114] Em Provérbios, essa palavra é uma advertência contra a embriaguez que mostra as consequências destrutivas da bebedeira e a compara com a picada de uma cobra. A palavra usada para “devassidão” ou “contenda” (ARC) significa também “dissolução”. Esses termos são incompatíveis com a ética cristã (1 Co 6.10), mas é muito comum entre os pagãos que procuram buscar a felicidade nos prazeres mundanos que resultam sempre em desgraças.

VIGILANTES COM A FRIEZA ESPIRITUAL

Os resultados de ser cheio do Espírito envolvem todos os aspectos da nossa vida: “falando entre vocês com salmos, hinos e

cânticos espirituais, cantando e louvando com o coração ao Senhor, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Sujeitem-se uns aos outros no temor de Cristo" (Ef 5.19-21). Temos nessa passagem pelo menos três características das pessoas cheias do Espírito: o testemunho transbordante, a vida de gratidão e um estilo de vida submisso.

O testemunho transbordante é manifesto não somente nas reuniões cristãs, nos cultos, mas na vida diária. Estas são as três principais palavras para o louvor cristão: salmos, hinos e cânticos espirituais (Ef 5.19). O que elas significam?

Os salmos, como sabemos, são uma coleção de poemas didáticos, devocionais, históricos, proféticos, de louvor e adoração a Deus. O nome do livro, "Salmos", vem da Septuaginta *Psalmoi*, do verbo grego *psallo*¯ , "tocar instrumento de cordas". Essa palavra aparece sete vezes no Novo Testamento, quatro vezes, em Lucas-Atos, se refere ao livro dos Salmos (Lc 20.42; 24.44; At 1.20; 13.33) e três vezes, em Paulo, diz respeito a louvores (1 Co 14.26; Ef 5.19; Cl 3.16). As igrejas do período apostólico seguiam de perto as práticas litúrgicas judaicas. De modo que os salmos nesse contexto paulino se referem ao louvor.

A segunda palavra é "hinos". O verbo grego *hymnéo*¯ , "cantar hino", aparece quatro vezes no Novo Testamento: na passagem paralela da instituição da Ceia do Senhor, era o cântico de aleluia da Páscoa (Mt 26.30; Mc 14.26); na terceira, Paulo e Silas, que cantavam hinos a Deus na prisão de Filipos (At 16.25) e, finalmente,

em Hebreus 2.12, que é uma citação salmo 22.22 [21.23 LXX]. O substantivo *hymnos*, “hino”, aparece duas vezes (Ef 5.19; Cl 3.16).

E a última palavra é a expressão “cânticos espirituais”. O termo grego *ōdē*, “cântico”, “ode, hino”,[115] aparece sete vezes no Novo Testamento, duas já mencionadas (Ef 5.19; Cl 3.16) e as outras cinco em Apocalipse (5.9; 14.3 [duas vezes]; 15.3 [duas vezes]). Em Apocalipse se refere ao cântico de alegria e de louvor a Deus e ao Cordeiro. O acréscimo do adjetivo grego *pneumatikais*, “espirituais”, modifica as três palavras, salmos, hinos e cânticos. Os cânticos espirituais do Novo Testamento não devem ser confundidos com as músicas que cantam os grupos de louvores nos cultos, essas equipes se preparam, ensaiam os hinos e se apresentam na programação do culto, geralmente com repetições.

Não temos muitas informações sobre o que seriam os cânticos espirituais nessas passagens, mas temos certeza que não é isso que se faz hoje. Eles “podem ser manifestações espontâneas que expressam alegria e louvor no coração na ocasião do derramamento especial do Espírito nas pessoas”.[116] Segundo o *Comentário Bíblico Pentecostal – Novo Testamento*, os cânticos espirituais “eram expressões resultantes da presença do Espírito dentro do crente e da comunidade”, em seguida afirma que F. F. Bruce “sugere que cânticos espirituais eram provavelmente ‘palavras não premeditadas cantadas no Espírito exprimindo louvor e santas aspirações”.[117] Isso tem acontecido comigo, mesmo não sendo eu cantor. Os cânticos espirituais genuinamente pentecostais são palavras não

premeditadas cantadas no Espírito durante a adoração, muitas vezes em línguas, são um poderoso meio de edificação que contribui para a glória de Deus (Cl 3.16).

Os cânticos são expressões de alegria e de louvor a Deus, além da função de instruir a igreja. Os cristãos expressam por meio dos hinos seus anseios, suas esperanças, aquilo que acreditam estar inspirado na vida das personagens bíblicas e nas promessas divinas. Os salmos são o Saltério de Israel, o livro dos Salmos, aos quais o Espírito dava uma vida nova. Muitos deles são adaptados à música ainda hoje no judaísmo e no cristianismo. Encontramos na Bíblia a música desde os tempos antes dos séculos até aos séculos dos séculos, no céu (Jó 38.6, 7; Ap 14.3; 15.3).

Os hinos são uma referência às primeiras composições cristãs, lamentamos o fato de não terem sobrevivido, mas algumas de suas estrofes estão no Novo Testamento, Filipenses 2.5-11 é um bom exemplo. Gordon Fee afirma no seu estudo exegético sobre esta passagem o seguinte: “o único ponto em que há um consenso geral é que era originalmente um hino”.[118] Por volta do ano 110, Plínio, o Jovem, foi enviado pelo imperador Trajano à Ásia Menor, atual Turquia, para combater os cristãos. Ele escreveu ao imperador que os cristãos “costumavam reunir-se num dia estabelecido, antes de raiar o dia, e cantar, revezando-se, um hino a Cristo, como a um deus, e a obrigar-se por um juramento não à prática de qualquer iniquidade...” (Plínio, o Jovem *Epistolae* 10.96).[119] Esse relatório de

alguém de fora mostra a presença de hinos a Cristo na adoração cristã.

O quadro descrito em Efésios 5.19-21 revela o resultado de ser cheio do Espírito. Essa descrição das manifestações do Espírito não se restringe às reuniões da igreja, mas também na nossa vida pessoal e no nosso relacionamento com as pessoas. Você deve se lembrar de que um dos requisitos para compor o grupo dos sete diáconos era ser "cheios do Espírito" (At 6.3). Como identificar alguém cheio do Espírito? O apóstolo apresenta pelo menos três características já mencionadas acima: o testemunho transbordante, a vida de gratidão e de submissão.

---

[112] HARRISON, R. K. *Introduction to the Old Testament – Including a comprehensive review of Old Testament studies and special supplement on the Apocrypha.* Peabody, MA, USA: Hendrickson Publishers, 2004, p. 495.

[113] A palavra "néscio" tem significado muito amplo e nem sempre se usa no dia a dia, o sentido é de "desprovido de conhecimento, de discernimento, estúpido, ignorante, incapaz, insensato, inepto". São elas: *aphro¯n*, "louco" (Lc 11.40; 12.20); "insensato" (1 Co 15.36); "néscio" (Rm 2.20; 2 Co 12.6, 11); *anóe¯tos*, "que não entende, insensato, néscio" (Lc 24.25; Gl 3.1, 3); *ásophos*, "sem sabedoria" (Ef 5.15); *assynetos*, "sem entendimento" (Rm 1.31); *moro¯s*, "insensível, estúpido" (Mt 7.26; 23.17); *paradiatribe¯* /*diaparatribe¯* , "um atrito contínuo, disputa, contenda" (1 Tm 6.5); *raká*, "inútil, imprestável, tolo" (Mt 5.22), palavra de origem aramaica muito usada na literatura talmúdica.

[114] O verbo *methyskomai*, "embriagar-se", aparece mais duas vezes no Novo Testamento (Lc 12.45; 1 Ts 5.7).

[115] A Septuaginta usa palavra *¯od¯e* para traduzir algumas palavras hebraicas do Antigo Testamento: *shir*, *shirah*, "cântico, canção", mais 37 vezes; e 30 vezes nos títulos de salmos; *mizmo¯ r*, "salmo, cântico", aparece como título em algumas dezenas de

salmos, *mizmor leDavid*, “Salmo” ou “Cântico de Davi”, ou ainda “para Davi”; *shigaio¯ n* é de significado incerto e difícil, há divergências entre os lexicógrafos hebraístas. Segundo Gesenius, essa palavra significa “hino” (TREGELLES P. Samuel. *Gesenius’ Hebrew – Chaldee Lexicon to the Old Testament.* Grand Rapids, Michigan, USA: WM. B. *Eerdmans Publishing Company*, 1982, p. 805), aparece somente duas vezes no Antigo Testamento, uma no título do salmo 7, e a outra no plural, *shig’yono¯ th* (Hc 3.1); *neginah*, “música”, uma só vez (Hc 3.19).

[116] TAYLOR, Willard H. In: “Epístola aos Efésios” – *Comentário Bíblico Beacon*, vol. 9. Rio de Janeiro: CPAD, 2006, p. 179.

[117] FRENCH, Arrington L. e STRONSTAD, Roger. *Comentário Bíblico Pentecostal – Novo Testamento.* Rio de Janeiro: CPAD, 2003, pp. 1255, 1256.

[118] FEE, Gordon D. *Exegese? Para Quê? 21 Estudos Textuais, Exegéticos e Teológicos, do Novo Testamento.* Rio de Janeiro: CPAD, 2019, p. 201.

[119] Apud. HOEHNER, Harold W. *Ephesians – An Exegetical Commentary.* Grand Rapids, MI, USA: Baker Academic A Division Baker Book House Co, 2002, p. 710; HALLEY, Henry H. *Manual Bíblico.* São Paulo: Edições Vida Nova, 1987, p. 674.

capítulo 10

O SENHOR JESUS CURA HOJE

A cura divina de enfermidades em todas as áreas, como físicas e emocionais, é um fato inquestionável entre nós na atualidade. O nosso desafio não é com os não cristãos e ateus, pois não se espera deles essa mesma crença pentecostal. Há dois problemas maiores mesmo entre os evangélicos, os cessacionistas que não acreditam nesses dons de cura para os nossos dias. Eu estive no 11º. Congresso Vida Nova, realizado em março de 2018, em Águas de Lindoia, SP, cujo tema foi “Teologia no Poder do Espírito”. Teólogos e pastores pentecostais como Craig S. Keener e Paulo Romeiro enfatizaram o poder do Espírito nos dias atuais, à luz da

Bíblia, da história da igreja e da experiência pentecostal. Keener mostrava em sua palestra a incoerência da suposta ideia de Deus derramar o seu Espírito para depois “desderramar”, acrescentando ainda: “o cessacionismo é pós-bíblico”. Ele falava essas coisas para um plenário de maioria não pentecostal. Por outro lado, ouvimos um dos teólogos palestrantes dizer de forma natural e sem constrangimento algum, não acreditar em milagres nos dias atuais. O outro problema é que há ainda, os que negam até mesmo os milagres de Jesus registrados nos evangelhos. Rudolf Bultmann (1884-1976) é um deles, pois que “considerava os relatos de acontecimentos sobrenaturais no Novo Testamento apenas mitos edificantes”.[120] Segundo Jack Deere, professor do Seminário Teológico de Princeton, Benjamin Breckinridge Warfield foi quem popularizou a ideia de que “os dons do Espírito haviam sido dados somente aos apóstolos... Morrendo os apóstolos, os dons desapareceram juntamente com eles”.[121] Nós, pentecostais, enfrentamos esse tipo de ideia o tempo todo.

A CURA DIVINA NA BÍBLIA

A cura de enfermidades era essencialmente milagrosa, principalmente das doenças graves sem tratamento pelos recursos médicos da época. Em Israel, a saúde era uma promessa de Deus, mas o povo tinha que fazer a sua parte. Deus garantiu a saúde dos filhos de Israel desde que eles cumprissem os termos do Pacto do

Sinai: “Se vocês ouvirem com atenção a voz do SENHOR, seu Deus, fizerem o que é reto diante dos seus olhos, derem ouvidos aos seus mandamentos e guardarem todos os seus estatutos, nenhuma enfermidade virá sobre vocês, das que enviei sobre os egípcios; pois eu sou o SENHOR, aquele que cura vocês” (Êx 15.26). O povo dependia mais de Deus do que dos médicos, pois não há evidência de conhecimentos científicos no campo da matemática, da lógica, da medicina, da astronomia entre outros ramos do saber em Israel como em seus vizinhos egípcios, assírios, babilônios, gregos. A presença de médicos em Israel no período do Antigo Testamento parece ter sido escassa, eles são citados apenas seis vezes (Gn 50.2; 2 Cr 16.12; Jó 13.4; Is 3.7; Jr 8.22).

Os médicos que embalsamaram Jacó eram egípcios: “José ordenou a seus servos, aos que eram médicos, que embalsamassem o corpo de seu pai. E os médicos embalsamaram Israel” (Gn 50.2). O termo aparece duas vezes nessa passagem. Os médicos mencionados metaforicamente no livro de Jó são também estrangeiros (Jo 13.4). O relato da doença do rei Asa parece ser a única consulta que seria no padrão da ciência médica registrada em Israel no período do Antigo Testamento: “No trigésimo nono ano do seu reinado, Asa contraiu uma doença nos pés, e essa doença era muito grave. Porém, na sua enfermidade ele não recorreu ao SENHOR, mas confiou nos médicos” (2 Cr 16.12). O tom dessa linguagem parece ser de repreensão e não ficamos sabendo se o rei foi curado e tudo indica que esses “médicos” eram estrangeiros. Em

Jeremias: “Será que não há bálsamo em Gileade? Ou não há lá médico? Por que, então, não se realizou a cura da filha do meu povo?” (Jr 8.22). O *Dicionário Bíblico Unger* dá a entender que “médico”, nessa passagem, representa “mais que tratadores de feridas e aplicadores de bálsamo e unguentos”.[122] Parece ser esse também o sentido em Isaías 3.7. O *Diccionario Bíblico Conciso Holman* afirma que esse médicos são alusões não do “ponto de vista da medicina (Jr 8.22; Jó 13.4)”.[123] O remédio não estava nos médicos como nos povos vizinhos, mas em Deus (Jr 17.14; 30.17).

O cuidado com a saúde pública pertence à esfera da preservação de Deus para o bem-estar dos seres humanos, antes que isso se tornasse preocupação dos governantes do mundo, como agora ficou demonstrado mais uma vez com a chegada da pandemia da Covid-19. A prevenção de saúde é dever individual de cada pessoa e isso é bíblico. A alimentação saudável e a higienização adequada são bons hábitos que contribuem para a boa saúde. O *khasherut* é o nome que se dá aos preceitos dietéticos estabelecidos na lei de Moisés, são prescrições judaicas tradicionais acerca do ritual e dos preparativos de alimentos e refeições. O termo vem da palavra hebraica *khasher*, cuja ideia é: “apropriado para comer, limpo”, *khósher* é a forma em *yídiche*, muito usada entre os judeus. O texto básico da lei de Moisés que descreve o tipo de alimentação que se deve comer e o que não se deve comer está em Levítico 11. As instruções sobre o período pós-parto estão em Levítico 12, e os dois capítulos seguintes ensinam o povo e as

autoridades religiosas em Israel como deviam lidar com a lepra. O padrão de higiene íntima está em Levítico 15. Todos esses preceitos são alguns exemplos de prevenção de saúde. Essa parte da Lei de Moisés é classificada como preceitos cerimoniais.

É possível que os antigos hebreus considerassem todos esses preceitos cerimoniais e rituais de purificação com efeitos soteriológicos. O Novo Testamento mostra que a finalidade era uma questão de saúde pública e não purificação espiritual para a salvação ou santificação. Jesus deixou claro que não é a inobservância do *khasherut* que contamina a pessoa (Mt 15.17-20); o apóstolo Paulo segue nessa mesma linha (Rm 14.2; 1 Tm 4.3-5).

Deus mandou Moisés incluir esses assuntos como parte do sistema sanitário na lei como preceito religioso, pois do contrário à população não levaria tudo isso a sério. A pandemia da Covid-19 é uma evidência dessa realidade ainda hoje, pois são muitos, no mundo inteiro, que não gostam de seguir as orientações das autoridades sanitárias. A religião, nesse caso, se constitui num veículo eficaz para a conscientização coletiva. A obediência ao Pacto de Sinai era uma garantia contra as enfermidades. No período do Novo Testamento, Israel demonstrava maior conhecimento no campo da medicina por causa do contato com os egípcios, gregos e romanos. A atividade médica era profissional. Mas, a ciência médica era ainda muito rudimentar, e o número de enfermos era grande e não havia recursos na medicina para muitos tipos de doenças, a cura dependia somente do poder de Deus. Era a fé em ação, por

essa razão Jesus se compadecia dessas pessoas enfermas, pois o número delas era muito grande. Jesus faz menção aos médicos e nos ensina que os enfermos precisam deles (Mt 9.12; Mc 2.17; Lc 4.23; 5.31). Lucas era médico (Cl 4.14). Reconhecemos a importância da ciência médica, ela é uma bênção para a humanidade, mas ela tem as suas limitações. A pandemia da Covid-19 é uma amostra visível disso. Sabemos também que os resultados promissores no tratamento e na cura de enfermidades por meio de recursos científicos não deixa Deus de fora. O Espírito Santo guia os médicos nos tratamentos desde as consultas até as cirurgias, sem que muitos deles tenham consciência disso.

A cura de enfermidades é um milagre, direta ou indiretamente. A ciência médica é intermediária nesse processo que vem evoluindo ao longo dos séculos e os médicos, independentemente de sua confissão religiosa, consciente ou não, estão nas mãos de Deus. É que Deus trabalha no silêncio.

A CURA DIVINA COMO PARTE DA SALVAÇÃO

A ideia de salvação na Bíblia é ampla, “As diversas ações de Deus no Antigo Testamento em favor de Seu povo, como o livramento da escravidão, da fome, da espada e das enfermidades, são chamadas de salvação de Javé”.[124] Mas, no contexto soteriológico, define a nossa confissão de fé: “a salvação é o

livramento do poder da maldição do pecado, e a restituição do homem à plena comunhão com Deus, a todos os que confessam a Jesus Cristo como seu único Salvador pessoal, precedidos do perdão divino".[125] Os evangelhos tornam realidade as expectativas messiânicas do Antigo Testamento. Cura e salvação já estavam no radar do Espírito Santo desde os profetas: "Cura-me, SENHOR, e serei curado; salva-me, e serei salvo" (Jr 17.14); "Ele é quem perdoa todas as suas iniquidades; quem cura todas as suas enfermidades" (Sl 103.3). Geralmente o perdão dos pecados vem antes da cura física. Isso se evidencia também na cura do paralítico de Cafarnaum, Jesus primeiro perdoou seus pecados e só depois é que efetuou a cura física (Mt 9.1-8; Mc 2.1-12; Lc 5.18-26).

A combinação desses dois temas é visível no discurso profético de Isaías 53. Isso fica ainda mais evidente no Novo Testamento. A passagem do profeta: "Certamente ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si; e nós o considerávamos como aflito, ferido de Deus e oprimido" (Is 53.4) é aplicada à cura física por ocasião do ministério de cura do Senhor Jesus, "expulsou os espíritos e curou todos os que estavam doentes" (Mt 8.17). Temos nessa passagem cura e libertação como cumprimento da profecia de Isaías: "para se cumprir o que foi dito por meio do profeta Isaías: 'Ele mesmo tomou as nossas enfermidades e carregou as nossas doenças'" (Mt 8.17). Mas, essa cura é também espiritual, ou seja, diz respeito à salvação. O apóstolo Pedro cita a continuação da mensagem de Isaías, "o

castigo que nos traz a paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos sarados” (Is 53.5), que explica de maneira categórica essa cura como salvação, “carregando ele mesmo, em seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados, para que nós, mortos para os pecados, vivamos para a justiça. Pelas feridas dele vocês foram sarados” (1 Pe 2.24). De modo que a cura de enfermidades é um dos benefícios da obra redentora do Calvário. Dos 36 milagres específicos de Jesus registrados nos evangelhos, 27 deles envolvem cura e libertação, ou seja, salvação.[126]

A Bíblia nos ensina que o propósito principal da vinda de Jesus ao mundo foi a redenção humana (1 Tm 1.15). Apesar disso, o Senhor Jesus jamais deixou de socorrer os necessitados e aflitos, pois se compadecia deles: “Jesus viu uma grande multidão, compadeceu-se dela e curou os seus enfermos” (Mt 14.14). Ele tinha compaixão dos enfermos, dos oprimidos e de todos os de espírito abatido, porque andavam como ovelhas que não têm pastor (Mt 9.36; Mc 6.34). Ele veio para salvar os pecadores, no entanto, por causa da miséria humana, operou muitos milagres, prodígios e maravilhas.

Assim como Jesus fez no passado, Ele deseja nos dias atuais curar e libertar os enfermos e os oprimidos. Ele demonstrou misericórdia e compaixão ao tomar sobre si as nossas enfermidades e dores. O caráter e a compaixão de Jesus permanecem imutáveis na atualidade. Deus é fiel para curar as nossas enfermidades. A cura de enfermidades era essencialmente milagrosa, principalmente

das doenças graves sem tratamento pelos recursos médicos da época.

A CURA DIVINA E OS DESAFIOS ATUAIS

A cura divina é real e atual, mas é um milagre, isso significa que ela acontece quando Deus quer. Não se trata de um resultado de um programa ou um projeto. É importante o cristão entender que não temos todas as respostas, e às vezes, ficamos sem entender como que grandes homens de Deus não conseguiram se livrar das doenças. Esse é um desafio, às vezes, fora da compreensão humana. O apóstolo Paulo tinha um “espinho na carne” (2 Co 12.7-10), qualquer que seja a natureza desse problema, era sem dúvida uma enfermidade (Gl 4.13-15). Timóteo tinha problemas no estômago (1 Tm 5.23); Paulo relata: “Quanto a Trófimo, deixei-o doente em Mileto” (2 Tm 4.20).

Hoje, isso não é diferente, quantos servos e servas de Deus perderam a vida para a Covid-19? A verdade é, como já ouvi várias vezes o nosso pastor José Wellington Bezerra da Costa falar em cultos fúnebres, que não devemos colocar um ponto de interrogação onde Deus colocou um ponto final. Talvez um dia venhamos a compreender esses mistérios da vida, talvez nunca enquanto vivermos neste mundo. São coisas que pertencem a Deus (Dt 29.29). Assim como as grandes personagens da Bíblia

experimentaram todas essas vicissitudes, altos e baixos, da mesma forma as bênçãos são extensivas à igreja e os milagres para os dias atuais. A enfermidade é uma das causas de maior sofrimento ao ser humano.

As pessoas dariam tudo pela saúde. As doenças são consequências, direta ou indireta, do pecado, pois, se não existisse pecado, não existiriam enfermidades. Mas, isso não significa que todos os enfermos estejam em pecado. Há enfermidades que são consequências diretas do pecado (Jo 5.14), no entanto, não se pode generalizar.

Os milagres

A definição de milagre no meu livro *Cristologia* “é a intervenção do sobrenatural na lei da natureza que Deus opera para mostrar o seu poder e ajudar o ser humano. Em cada milagre acontece uma intervenção na ordem natural do universo”.[127] Mas, isso deve ser entendido de maneira correta, para não confundir o sentido do sobrenatural.

Qual o significado de sobrenatural? O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* define o termo como aquilo “que ultrapassa o natural, fora das leis naturais, fora do comum; extranatural”.[128] O *Dicionário de Filosofia* de Nicola Abbagnano atribui a origem do termo “sobrenatural” a Tomás de Aquino e define essa palavra como “o que acontece na natureza, mas não decorre das forças ou dos procedimentos da natureza e não pode ser explicado com base

neles. É um conceito próprio da teologia cristã, que atribui à fé a crença no Senhor assim entendido".[129] Essa definição de Abbagnano é filosófica e nos faz pensar sobre o uso que fazemos da palavra sobrenatural. Não parece que o apóstolo Paulo e Lucas tratassem da ação do Espírito Santo e dos dons como algo fora do funcionamento regular do mundo, porque para Deus nada é impossível (Lc 1.37; Ef 3.20). Na experiência pentecostal, o milagre não é algo inatingível, é algo esperado da ação divina que depende da vontade de Deus. O Deus trino é a fonte dos milagres, são obras poderosas em Cristo, mas não está fora da ordem do dia, do funcionamento do universo. Assim, é melhor usar a palavra "milagre" indicando ação especial proveniente de Deus.

Encontramos seis termos bíblicos traduzidos em nossas versões como "milagre", dois são hebraicos, no Antigo Testamento e quatro são gregos no Novo Testamento. A palavra *'ôth*, "sinal", é genérica que significa "sinal, marca, insígnia, indício, estandarte, sinal miraculoso, prova, advertência", geralmente traduzido por *se¯meion*, na Septuaginta. Quando o sentido é de sinais miraculosos, *'ôth* vem geralmente acompanhado do termo hebraico *môphe¯th*, "maravilha, milagre, sinal, feito" (Êx 7.3; Dt 4.34; 6.22). No Novo Testamento, as palavras são: *teras*, "milagre, maravilha, sinal milagroso, portento"; *se¯ meion*, "sinal"; *dynamis*, "poder", como aparece no discurso de Pedro no dia de Pentecostes: "Jesus, o Nazareno, homem aprovado por Deus diante de vocês com milagres, prodígios e sinais, os quais o próprio Deus realizou entre vocês por meio dele, como vocês

mesmos sabem". A outra palavra é *ergon*, "trabalho, obra, feito", como em Mateus 11:2: "ouviu falar das obras de Cristo", ou: "dos feitos de Cristo" (ARC). Quais são esses feitos ou essas obras? Jesus esclarece: "Voltem e anunciem a João o que estão ouvindo e vendo: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados e aos pobres está sendo pregado o evangelho" (Mt 11.4,5).

Tanto Israel na antiguidade como a igreja do período apostólico viam os milagres dentro da normalidade. É verdade que se trata de algo grandioso e que chama a atenção, mas nada disso nunca esteve fora do controle divino, esses sinais vêm de Deus, são obras de Deus, mas não estão fora do nosso mundo. Os pentecostais veem as obras de Deus dessa maneira, afinal, Deus não está "longe de cada um de nós" (At 17.27).

Eu pergunto a você como pentecostal. Você acha essas coisas fora no universo, fora da nossa realidade? Não. Tudo isso está dentro do raio de ação de Deus. Jesus disse: "Estes sinais acompanharão aqueles que creem: em meu nome, expulsarão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados" (Mc 16.17,18). Não cabe no presente contexto qualquer avaliação sobre a posição da Crítica Textual sobre essa passagem, a experiência histórica da igreja a partir dos 20 milagres registrados em Atos nos é suficiente. Mesmos antes da volta de Jesus ao céu, ele havia concedido poder

aos discípulos para realizarem milagres, pelo menos, por três vezes, como estágios (Mt 10.1-8; Lc 9.1-6; 10.1-12, 17-20).

Há no livro de Atos o registro de 20 milagres, sinais e prodígios, dentre os quais 13 deles são de cura e libertação.[130] A obra da salvação continuou sendo completa depois da volta de Jesus ao céu. O relato final de Marcos continua valendo: “E eles foram e pregaram por toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam” (Mc 16.20).

O poder de Deus é o mesmo, a igreja de Jesus é a mesma, a dispensação é a mesma. Não faz sentido algum alguém imaginar que os dons do Espírito Santo e os milagres tenham cessados. Como disse Craig S. Keener, como Deus derramaria o seu Espírito para depois “desderramar”? Nós vivemos na Era do Espírito.

---

120 KEENER, Craig S. *O Espírito na Igreja – O que a Bíblia ensina sobre os dons.* São Paulo: Vida Nova, 2018, p. 95.

121 DEERE, Jack. *Surpreendido pelo Poder do Espírito.* Rio de Janeiro: CPAD, 1995, p. 221. Deere apresenta nesse apêndice uma refutação à luz da Bíblia das ideias cessacionistas.

122 UNGER, Merril F. *Dicionário Bíblico Unger.* Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2017, p. 345.

123 *Diccionario Bíblico Conciso Holman – Um tesoro de conocimiento bíblico em cada página.* Nashville, TN, USA: Broadman & Holman Publishers, 2001, p. 218.

124 SOARES, Esequias & SOARES, Daniele. *Teologia Sistemática em Diálogo.* Recife, PE: Editora Bereia Acadêmica, 2019, p. 124.

[125] SOARES, Esequias (organizador). *Declaração de Fé das Assembleias de Deus no Brasil.* Rio de Janeiro: CPAD, 2017, p. 109.

[126] A cura do paralítico de Cafarnaum (Mt 9.1-8); o homem da mão aleijada (Mt 12.9-14); o endemoninhado cego e mudo (Mt 12.22-37); os dois cegos (Mt 9.27-31); o mudo endemoninhado (Mt 9.32-34); o leproso (Mc 1.40-45); o paralítico de Cafarnaum (Mc 2.1-12); os endemoninhados gadarenos (Mc 5.1-20); a filha de Jairo (Mc 5.21-43); a mulher que tinha hemorragia (Mc 5.25-34); a filha da mulher Siro-fenícia (Mc 7.24-30); o surdo-mudo (Mc 7.31-37); o cego de Betsaida (Mc 8.22-26); o menino epilético (Mc 9.14-29); o cego Bartimeu (Mc 10.46-52); a libertação do endemoninhado de Cafarnaum (Lc 4.31-37); a cura da sogra de Pedro (Lc 4.38, 39); o empregado do oficial romano (Lc 7.1-10); o filho da viúva de Naim (Lc 7.11-17); Maria Madalena (Lc 8.2); a mulher encurvada (Lc 13.10-17); o hidrópico (Lc 14.1-6); os dez leprosos (Lc 17.11-19); a orelha de Malco (Lc 22.50,51); a cura do filho de um oficial (Jo 4.46-54); o paralítico no tanque de Betesda (Jo 5.1-5); o cego de nascença (Jo 9.1-41); a ressurreição de Lázaro (Jo 11.1-44). Não apresentamos as passagens paralelas desses milagres nos demais evangelhos por julgarmos os exemplos citados como suficientes.

[127] SOARES, Esequias. *Cristologia A doutrina de Jesus Cristo.* São Paulo: Editora Hagnos, 2008, p. 145.

[128] *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.* Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p. 1758.

[129] ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia.* São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 912.

[130] A cura do coxo no pórtico do templo de Jerusalém (At 3.1-8); muitos enfermos são curados e atormentados são libertos em Jerusalém (5.16); Estêvão entre o povo (At 6.8); Filipe em Samaria (8.5-8); Saulo de Tarso é curado da vista (9.17, 18); a cura de Eneias (9.32-35); a ressurreição de Dorcas (9.36-41); a cura de um paralítico de nascença em Lista (14.8-10); a libertação de uma jovem possessa em Filipos (16.16-18); cura e libertação de muitos em Éfeso (19.11, 12); a ressurreição de Êutico (20.9-12); Paulo é picado por uma víbora venenosa e é curado (28.6); Públio, principal da ilha de Malta, é curado (28.7-9).

capítulo 11

COMPROMISSADOS COM A EVANGELIZAÇÃO

A evangelização mundial foi a última ordem de Jesus antes de retornar ao céu, e os seus discípulos levaram isso a sério. Não se trata de uma opção para a igreja, é responsabilidade de todos nós. Isso porque não existe salvação sem Jesus (Jo 14.6; At 4.12), e a mensagem do evangelho é para cada pessoa no mundo inteiro (Mt 28.19, 20; Mc 16.15, 16; Lc 24.47). Nós devemos assumir essa responsabilidade como um privilégio concedido por Deus, que não é pouca coisa fazer parte dos planos de Deus, saber que Ele conta com você, não se deve considerar tal incumbência como uma carga pesada.

A EVANGELIZAÇÃO COMO PRIORIDADE

A maioria da igreja sabe e reconhece que o termo “evangelho” é sinônimo de “boas novas”, e, muitas vezes, essas palavras são usadas alternadamente nos púlpitos. Realmente, trata-se de uma palavra composta de um advérbio e um substantivo gregos, *eu*, que quer dizer, “bem”, e *aggelia*, que significa “mensagem, notícia, novas”. De modo que *euaggelion* quer dizer “boas novas, boas notícias”. O Antigo Testamento emprega o termo hebraico *bessorah*, “mensagem, boas notícias” (2 Sm 18.20, 25, 27; 2 Rs 7.9), ou “recompensa de mensageiro” (2 Sm 4.10), que a Septuaginta traduz por *euaggelion*. Com o passar do tempo, o vocábulo passou a ganhar novo significado no mundo romano, de fala grega, em virtude do culto ao imperador, para anunciar o nascimento do imperador ou de sua subida ao trono. Esse vocábulo só aparece no singular em todo o Novo Testamento, 76 vezes; o verbo, *euaggelizo*¯, “evangelizar”, 54; e *euaggeliste*¯*s*, “evangelista”, três vezes (At 21.8; Ef 4.11; 2 Tm 4.5). O Senhor Jesus Cristo é o conteúdo do evangelho: sua vinda, seu ministério terreno, seu sofrimento, sua morte e sua ressurreição (Rm 1.1-7). É a mensagem de Cristo que salva o pecador (Jo 3.16; Rm 1.16). É o meio empregado por Deus para a salvação de todo aquele que crer (1 Co 15.2). Só através do evangelho é que o ser humano conhece a salvação na Pessoa de Jesus. O evangelho de Jesus Cristo é a

única resposta para este mundo que perece por causa do pecado. A evangelização é o ato de comunicar as boas novas de salvação a todas as pessoas por meio de palavras e ações. É o que Jesus fez (Mt 4.23) e nos mandou que fizéssemos também (Mc 16.16, 17).

"Quão formosos são sobre os montes os pés do que anuncia boas-novas, que faz ouvir a paz, que anuncia coisas boas, que faz ouvir a salvação, que diz a Sião: 'O seu Deus reina!'" (Is 52.7). O portador ou anunciador dessas boas novas (Is 40.9; 41.27) é o mensageiro que comunica a paz, coisas boas e a salvação, ou seja, "O seu Deus reina!". O apóstolo identifica essa mensagem com o evangelho de Jesus Cristo e o anunciador de boas novas, de pés formosos, com os pregadores do evangelho (Rm 10.15). No Novo Testamento, o evangelho são as boas novas que falam do reino de Deus, da salvação e do perdão dos pecados na Pessoa de nosso Senhor Jesus Cristo. É o evangelho da graça de Deus (At 20.24). O evangelho é a mensagem transformadora do Calvário e não é algo de improviso, pois Deus havia prometido desde "antes dos tempos dos eternos" (Tt 1.2). Essa promessa se tornou conhecida pelos profetas do Antigo Testamento (Rm 1.2) e concretizada nos evangelhos (Lc 2.11; Jo 1.14).

Jesus salva, cura, batiza no Espírito e breve voltará, esse slogan dos nossos pioneiros, Daniel Berg e Gunnar Vingren, é o resumo do evangelho de Jesus Cristo. Jesus é o único Salvador. A palavra grega para "salvador", *s¯ot¯er*, "salvador, libertador, preservador", diz respeito a alguém "que salva de perigo e

destruição e conduz a um estado de prosperidade e felicidade; assim em escritores gregos para o libertador e benfeitor de um estado".[131] A declaração de que não há salvação debaixo do céu, a não ser em Jesus (At 4.12), esmagava as religiões pagãs, pois elas atribuíam o título grego de *s¯ot¯er* a seus governantes e a suas divindades. Somente Jesus é o Salvador de todos os seres humanos, é Ele "que salva o povo da morte eterna, da punição e miséria em consequência do pecado, e lhes dá vida eterna e felicidade em seu reino".[132] Jesus já nasceu Salvador (Lc 2.11). Deus o exaltou a Príncipe e Salvador, "a fim de conceder a Israel o arrependimento e remissão de pecados" (At 5.31). O texto sagrado está dizendo que Deus, ao nomear o Senhor Jesus como Salvador, está dando aos pecadores oportunidade para o arrependimento. Se isso não acontecesse, não teríamos salvação. Esse exclusivismo cristão ainda hoje afronta o mundo pagão e deixa em desconforto até mesmo as religiões monoteístas, que não têm Cristo e nem o Espírito Santo, que esperam a salvação fora da pessoa de Jesus.

A salvação em Cristo é acompanhada da libertação: "Ele nos libertou do poder das trevas e nos transportou para o Reino do seu Filho amado" (Cl 1.13). A liberdade cristã oferecida por Jesus é diferente da liberdade apregoada hoje pela imprensa e pelos políticos. É o ato de libertar a nossa consciência da culpa do pecado e das amarras de Satanás. O Senhor Jesus fez essa promessa a todas as pessoas (Jo 8.31-36), ela continua valendo para os dias atuais: "Se, pois, o Filho os libertar, vocês serão verdadeiramente

livres” (Jo 8.36). Devemos permanecer nessa liberdade (Gl 5.1). O aparecimento de Jesus trouxe transformação a um número incontável de vidas, mudou a Galileia e alterou todo o curso da história da humanidade. Jesus tem e é a solução de todos os problemas (Mt 11.2830). Ele, e somente Ele, pode dar sentido à vida humana. O mundo está em desespero, mas infelizmente Satanás cegou esses sofredores de uma maneira tal que muitos não conseguem reconhecer Jesus como seu Salvador e Libertador, mas como um concorrente de seus deuses (2 Co 4.4). Hoje, temos de combater o materialismo, o paganismo, a imoralidade, a corrupção e destruir todas as fortalezas do diabo. As pessoas, vítimas dessas coisas, estão gemendo, elas clamam, estão no vale da sombra da morte. Mas, para que a luz do evangelho resplandeça sobre elas, você precisa falar de Jesus, mostrar que Ele é a solução, essa incumbência é nossa. O Senhor Jesus delegou essa tarefa aos seus discípulos, portanto, a cada um de nós (Mt 28.19, 20) e não aos anjos (1 Pe 1.12). Esse é o evangelho que pregamos.

JESUS MORREU PARA SALVAR TODOS OS SERES HUMANOS

As discussões teológicas sobre o tema se intensificaram a partir das disputas entre Jacó Armínio (1560-1609) e Francisco Gomaro (1563-1643), ambos teólogos e professores da recém fundada Universidade de Leiden, Holanda. Os remonstrantes (protestadores)

do latim medieval *remonstrare*, “protestar, expor, manifestar”, eram o grupo apoiador de Armínio que deu continuidade ao seu ensino e estruturou a ideia arminiana. São os cinco pontos da chamada Remonstrância ou “Opiniões dos Remonstrantes”: a) livre-arbítrio ou capacidade humana, b) eleição condicional, c) redenção universal ou expiação geral, d) resistência possível ao Espírito Santo, e) decaimento da graça. Esse documento era um protesto contra os cinco pontos supralapsarianistas[133], conhecida pela sigla inglesa “TULIP”, (*Total depravation, Unconditional election, Limited atonement, Irresistible grace, Perseverance of the saints*, “depravação total, eleição incondicional, expiação limitada, graça irresistível, perseverança dos santos”). O Sínodo de Dort foi convocado pelos Estados Gerais da Holanda, em 1618, quando já não existiam os fundadores dos respectivos polos de opinião, Jacó Armínio morrera em 1609, e João Calvino, bem antes, em 1564. Isso significa que o “calvinismo”, conforme o conhecemos, não foi produzido por João Calvino, nem foi um resumo das *Institutas*. Há muitas discussões ainda hoje sobre o assunto: “muitos calvinistas historicamente e hoje não afirmam a expiação limitada, mas sim confirmam uma forma de expiação ilimitada”.[134] O Sínodo se posicionou contra a Remonstrância. Segundo Richard Muller, “não há associação histórica entre o acrônimo TULIP e os Cânones de Dort... O uso do acrônimo TULIP resultou em uma restrita, se não errônea, leitura dos Cânones de Dort que levou a entendimentos

confusos da tradição reformada e da teologia de Calvino" (*Was Calvin a Calvinist?*, p. 8).[135]

Dada essa explicação introdutória, vamos ao tema, por quem Jesus morreu? Nosso enfoque é sobre a expiação ilimitada e a teologia assembleiana. Quando pregamos que Jesus morreu pelos pecados do mundo inteiro, que a expiação é ilimitada, isto é, todos os seres humanos são salváveis, isso precisa ficar claro para ninguém confundir a redenção universal ou expiação ilimitada com o universalismo.[136] Jesus morreu pelos pecados de toda a humanidade com o mesmo propósito de salvar a todas as pessoas, apesar de ser uma expiação ilimitada, mas a redenção e a aplicação são *limitadas*. Isso acontece justamente porque a graça pode ser resistida de modo que nem todos aceitam o evangelho de Jesus. Expiação ilimitada significa que a salvação está disponível para todas as pessoas e em todos os lugares, mas que elas precisam crer em Jesus: "Quem crer e for batizado será salvo; quem, porém, não crer será condenado" (Mc 16.16). Essa expiação é aplicada no momento em que o pecador exerce fé em Jesus.

O ensino bíblico é claro para qualquer leitor que o Senhor Jesus morreu por toda a humanidade. Esse ensino recebemos de nossos pais, os quais usaram a Bíblia como fundamento dessa doutrina. Jesus é o Salvador do mundo (Jo 4.42), "o Pai enviou o seu Filho como Salvador do mundo" (1 Jo 4.14) e não somente de algumas pessoas. A expiação foi realizada em favor do mundo inteiro: "Mas, se alguém pecar, temos Advogado junto ao Pai, Jesus Cristo, o

Justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados — e não somente pelos nossos próprios, mas também pelos do mundo inteiro" (1 Jo 2.1, 2). Por isso que Jesus mandou pregar no mundo inteiro e a toda criatura (Mc 16.16). É erro teológico afirmar que a expiação é limitada (Jo 3.16; Tt 2.11). Jesus morreu por todos os pecadores. A ideia de que Jesus morreu apenas por um grupo restrito de pessoas escolhidas de antemão por Deus desde antes da fundação do mundo não flui naturalmente das Escrituras. A teoria da expiação limitada é externa, ela vem de fora para dentro, não é possível um leigo da Bíblia, por si só, chegar a uma conclusão dessa.

EVANGELIZAÇÃO LOCAL E TRANSCULTURAL

Jesus morreu para salvar o mundo inteiro e, por essa razão, o evangelho precisa ser anunciado a todos os povos da terra. A Bíblia revela que todos os seres humanos são pecadores e precisam se reconciliar com Deus (Rm 3.23; 5.12). Não existe um meio de salvação sem Jesus (At 4.12). Ele mesmo disse: "ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6); e, "O campo é o mundo" (Mt 13.38). Isso nos mostra a grande responsabilidade da evangelização. No livro de Atos, encontramos o Espírito Santo impulsionando os cristãos daquela geração nesse trabalho da pregação do evangelho.

O alcance do evangelho, em tão pouco tempo, foi extraordinário. É o cumprimento da ordem de Jesus: “Até os confins da terra” (At 1.8).

O envio de Jonas a Nínive era o prenúncio das missões mundiais na dispensação da graça. O cristianismo é a primeira religião proselitista e missionária da história, pois o evangelho não é uma mensagem alternativa, é única. Jesus disse que é uma questão de vida ou morte (Jo 17.3). No Antigo Testamento, as missões eram um projeto ainda não colocado em prática. O profeta Jonas, como missionário, é uma figura de Cristo (Mt 12.39-41; Lc 11.29-32).

A obra missionária é uma ordem e não uma recomendação nem um parecer, mas um mandamento direto do Senhor Jesus. É algo que não depende mais de mandamento específico ou de receber uma visão especial da parte de Deus para iniciar a obra missionária. Essa ordem já está na Bíblia (Mt 28.19,20; Mc 16.16-20; Lc 24.47; At 1.8). O que é necessário é buscar a direção do Espírito para saber como, onde e quando realizar tal tarefa. Há uma variedade muito grande de atividades que um missionário pode realizar na missão: na evangelização, na educação cristã, na área social. Nas duas primeiras viagens de Paulo, ele plantou igrejas juntamente com a sua comitiva, isto está registrado em Atos 13 a 18, exceto o longo trecho de Atos 15, que registra o primeiro concílio de Jerusalém, mas o objetivo da terceira viagem foi para preparar e treinar obreiros para a seara do Senhor, isto está em Atos 19. Ser missionário não significa simplesmente apenas levar as boas novas,

fundar igrejas e ensinar nas instituições de ensino teológico, há outras atividades de caráter administrativo, logístico e social.

As missões estão em toda a Bíblia. Visto que o propósito fundamental da Bíblia é a redenção humana e missões se inserem nesse contexto, é correto afirmar que estão presentes desde o Gênesis ao Apocalipse. Essa presença pode ser direta ou indireta, nas ilustrações, figuras e profecias. O livro de Atos se sobressai em missões, registra as grandes missões. O livro do SENHOR é o manual de missões.

O encontro de Filipe com o eunuco da rainha da Etiópia era também o prenúncio da evangelização mundial. Antes, o evangelho havia sido pregado a um africano, o etíope, depois a um europeu, o italiano Cornélio. Com o passar do tempo, logo Deus escolheu Antioquia da Síria para ser o centro do cristianismo gentílico e a base missionária do apóstolo Paulo. Nessa cidade estava a primeira igreja gentia e a maior igreja missionária depois de Jerusalém. Também teve o privilégio de ter o apóstolo Paulo como seu pastor (At 11.26). Antioquia é mais uma etapa no plano divino da evangelização mundial para levar o evangelho às nações.

Saulo era de Tarso, grande centro cultural, e conhecia a cultura grega. Antioquia conquistou essa importância na história do cristianismo graças à estrutura bem organizada por Barnabé e Saulo. Barnabé foi o primeiro que entendeu essa nova realidade. Vendo que os costumes daqueles gentios eram muito diferentes das tradições judaicas e que aqueles irmãos estavam alegres e eram

fervorosos no espírito, mas que eram provenientes de outra cultura, lembrou-se de Saulo, pois sabia que o Senhor Jesus o havia chamado para pregar e ensinar aos gentios.

O Senhor Jesus constituiu a igreja como única agência do reino de Deus na terra encarregada de anunciar essas boas novas de salvação. É necessário, pois, a mobilização de toda a igreja para que o propósito divino seja alcançado. Cada crente dos dias apostólicos era um próspero ganhador de almas (At 8.4). Jesus foi enviado ao mundo para suprir as nossas necessidades (Mt 11.28-30). Isso é feito mediante o evangelho, devemos, portanto, agir como o apóstolo Paulo: “Pois não me envergonho do evangelho, porque é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crê” (Rm 1.16); “Se anuncio o evangelho, não tenho de que me gloriar, pois sobre mim pesa essa obrigação; porque ai de mim se não pregar o evangelho!” (1 Co 9.16).

Os missionários devem respeitar as culturas de cada povo. Paulo entendia que os costumes só devem ser mantidos quando necessários, pois ensinar costumes, culturas e tradições como condição para salvação é heresia e caracteriza seita. Barnabé sabia que a tradição judaica era mais uma forma de manter a identidade nacional e que isso em nada implicaria a salvação desses novos crentes, portanto, não seria necessário observar o ritual da lei de Moisés (At 15.19, 20). Convém lembrar que a importação de inovação para nossas igrejas pode desrespeitar a nossa herança espiritual deixada pelos nossos antepassados. Muitas coisas não

servem para nossa cultura, pois já temos a nossa identidade cultural, como também podem não servir para outras etnias.

Essa foi a visão dos pentecostais clássicos desde o avivamento da Rua Azusa. Eles tinham um projeto evangelístico e missionário. Até se pensava, a princípio, que o dom de línguas era para pregar aos pagãos ao redor do mundo. A *xenolalia* é isto, a habilidade de falar uma língua que o indivíduo não aprendeu. Mas, logo, esses pioneiros desistiram dessa ideia. Mas, eles continuaram a obra missionária mesmo sem *xenolalia*.

É dever de cada crente incentivar as missões, orar pelos missionários e pelos que estão sendo enviados e contribuir financeiramente para o sustento dos missionários. O evangelho é a mensagem mais atual. Já faz quase dois mil anos que os cristãos vêm pregando as boas novas e elas continuam sendo cada dia uma mensagem nova. Evangelização, discipulado e intercessão são a "máquina" responsável pelo crescimento da igreja. Cada igreja deve elaborar um projeto, com propósitos definidos para alcançar os pecadores. O apóstolo Paulo diz que o evangelho salva, mas é preciso permanecer nele (1 Co 15.1, 2). Esse trabalho é tarefa de todos os crentes.

[131] ROBINSON, Edward. *Léxico Grego do Novo Testamento.* Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 888.

[132] Ibidem.

[133] Supralapsarianismo, do latim, *supra*, “antes”, e *lapsus*, “queda”, que afirma ser o decreto da predestinação, anterior ao decreto sobre a queda, ideia aceita por uma parte calvinismo radical.

[134] ALLEN, David. *Por quem Cristo morreu? Uma análise crítica sobre a extensão da expiação.* Natal, RN: Editora Carisma, 2019, p. 29.

[135] Apud. Ibidem.

[136] Universalismo é a doutrina segundo a qual na consumação dos séculos todos serão salvos, não há condenação final. Nós discordamos dessa ideia e dela discorda também a maioria dos cristãos.

capítulo 12

A URGÊNCIA DO DISCIPULADO

A necessidade do discipulado é urgente e desde o princípio é uma atividade imprescindível da igreja. Eu me lembro de que no início da minha fé recebi um livreto de discipulado, publicação do Ministério Bernhard Johnson, com a seguinte pergunta na capa: *E agora?* Realmente, a salvação do pecador é concedida gratuitamente por Deus mediante a fé em Jesus (Rm 10.9, 10; Ef 2.8, 9). Mas, a vida continua e o relacionamento com a família, os colegas de trabalho, na sociedade e na igreja precisa ser revisto. Por falar em igreja, agora é preciso aprender mais de Cristo, se preparar para o batismo e conhecer a doutrina da igreja. O

discipulado já é o ponto de partida. O Senhor mandou que a igreja fizesse as duas coisas: “Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” (Mt 28.19).

O QUE É O DISCIPULADO

A figura do discípulo aparece duas vezes no Antigo Testamento: “Lançaram sortes para designar os deveres, tanto dos jovens como dos velhos, tanto do mestre como do discípulo” (1 Cr 25.8). A organização dos músicos e cantores ocorria em 24 grupos de 12 pessoas estabelecidos pelo rei Davi, estavam também entre eles um certo número de aprendizes no cântico e na música. Na segunda passagem lemos: “Guarde bem o testemunho e sele a lei entre os meus discípulos” (Is 8.16). Os discípulos de Isaías foram designados para preservar “o testemunho” e a “lei”, ou seja, as profecias escritas para evitar a sua destruição. Nenhuma delas revela algum relacionamento no sentido mestre/aprendiz. No judaísmo rabínico, o aluno aprendiz se submete ao rabino e o acompanha por toda parte aprendendo e servindo o seu mestre. O objetivo é o aprendizado da lei de Moisés para entender e colocar em prática.

Os principais mestres nas escolas filosóficas gregas são Sócrates, Platão e Aristóteles. Todos eles tiveram sua maneira de instruir os seus discípulos. Sócrates se tornou famoso porque fazia

perguntas que levavam as pessoas à reflexão. Ele partia do princípio: “só sei que nada sei”. Iniciava as discussões afirmando nada saber diante do oponente que julgava saber tudo. Com perguntas hábeis, desmontava a certeza do oponente, levando-o a reconhecer sua ignorância: “Não faz preleções, mas introduz o diálogo como forma da busca da verdade”.[137] Sócrates foi o mestre de Platão, que fundou também sua escola. Os seus discípulos eram cuidadosamente selecionados e eram instruídos em todas as questões vinculadas à filosofia, ensinava o aluno a pensar em lugar de transmitir doutrina.[138] Aristóteles, aprendiz de Platão, diferentemente de seu mestre, ensinava os seus discípulos enquanto caminhava em volta,[139] por isso tornaram-se conhecidos como peripatéticos.[140] Esses filósofos desenvolveram temas das mais diversas áreas do saber humano cada um segundo o seu método.

Novo Testamento emprega o substantivo grego *mathe¯te¯s*, “discípulo, aprendiz”. Essa palavra é derivada do verbo *manthano¯*, “aprender”, e só aparece nos evangelhos e em Atos. O termo “discípulo”, em nossa língua vem do latim, *discipulus*, do verbo disco, “aprender, estudar”. Não confundir discípulo com aluno, pois o discípulo é um que não somente aceita o ponto de vista de seu Mestre, mas que é seu partidário em crença e prática. O *Grande Dicionário Sacconi da língua portuguesa* define “discípulo” como aquele “que recebe lições de um mestre ou líder e adota a sua doutrina, procurando seguir-lhe os passos”.[141] Um discípulo é um

seguidor, aprende, e segue as suas instruções. Os evangelhos fazem menção dos discípulos de Moisés (Jo 9.28). João Batista teve discípulos e alguns deles se tornaram seguidores de Jesus (Mc 6.29; Jo 1.35, 36). Os fariseus tinham também os seus discípulos (Mt 22.16; Mc 2.18; Lc 5.33).

O verbo “ensinar” em “façam discípulos de todas as nações” (Mt 28.19a) é *mathe¯teuo¯*, “fazer discípulo, discipular”, de onde vem o substantivo *mathe¯ te¯ s*. Mas, há outro verbo usado com frequência para indicar os seguidores de Jesus, *akolouthéo¯* , “seguir, ir após, acompanhar”, que dependendo do contexto diz respeito ao discipulado (Mt 9.9; 19.21; Lc 5.11; Jo 1.43).

O Senhor Jesus Cristo se distingue de todos os mestres gregos e judeus, dos filósofos e dos rabinos no método e conteúdo. O número no discipulado de Jesus era muito maior e envolvia mulheres. Jesus não esperava por seguidores voluntários, mas com autoridade divina, Ele os chamava (Mt 8.22; Mc 1.16-18). Os discípulos de Jesus são chamados para o serviço do reino de Deus (Mt 4.18-20) e para realizar atos poderosos (Mt 10.8; Mc 3.13-15; Lc 10.19). Eles renunciam a si mesmos e sem precondição opressiva (Mt 9.9; Mc 8.34).

Os doze apóstolos foram escolhidos por Jesus dentre os demais discípulos (Lc 6.13) como representação simbólica das doze tribos de Israel (Mt 19.28). A lista dos doze aparece nos evangelhos sinóticos e em Atos (Mt 10.1-4; Mc 3.16-19; Lc 6.12-16; At 1.13, 26). Mas, o número dos discípulos de Jesus era grande, de uma só vez

Ele enviou setenta discípulos para a obra da evangelização em cada cidade e nas aldeias (Lc 10.1). O apóstolo Paulo fala de “mais de quinhentos irmãos”, que de uma só vez, viram o Senhor Jesus ressuscitado (1 Co 15.6). O efetivo desse discipulado era composto por homens e mulheres de todas as camadas da sociedade, ricos e pobres, autoridades e cidadãos comuns, intelectuais e leigos (Lc 8.1-3; 9.1; Jo 3.1-3; 12.42; 19.38,39). Um dos doze era zelote,[142] “Simão, chamado Zelote” (Lc 6.15; At 1.13). Hoje, os discípulos de Jesus são todos os seus seguidores em todos os lugares.

O discipulado acompanha a pregação do evangelho desde o princípio e é de fundamental importância como base inicial na formação cristã no novo convertido. A liderança da igreja, principalmente na área de evangelismo e discipulado, jamais deve se descuidar dessa nobre tarefa. O ministério de Jesus se baseava na trilogia: pregar, ensinar e curar: “Jesus percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do Reino e curando todo tipo de doenças e enfermidades entre o povo” (Mt 4.23). Já falamos sobre a cura divina, no capítulo 10, e sobre a evangelização no capítulo anterior. Neste capítulo, estamos falando do discipulado na igreja que é o ensino para ser seguidor de Cristo, ou seja, é o ensino bíblico básico para o novo convertido para o seu desenvolvimento espiritual. O ministério do ensino ocupa espaço relevante no cristianismo, aparece na lista dos dons da graça de Deus: “o que ensina dedique-se ao ensino” (Rm 12.7). Os primeiros discípulos se dedicaram a essa tarefa (At 2.42; 4.1,2; 5.21,28).

O TRIPÉ DO DISCIPULADO: PALAVRA, COMUNHÃO E SERVIÇO

A Grande Comissão na qual estamos incumbidos conforme ordem do Senhor Jesus é a tarefa de pregar e fazer discípulo. A Palavra, a comunhão e o serviço são a base para o discipulado, a oração é tanto coletiva como também individual faz parte do desenvolvimento e crescimento espiritual.

A “Palavra” é uma referência às Escrituras. Sabemos que a Bíblia chama a si mesma por diversos nomes como: Escritura de Deus: “também a escritura era a mesma escritura de Deus” (Êx 32.16 ARC); Livro da Verdade: “eu direi a você o que está expresso no Livro da Verdade” (Dn 10.21), ou Escritura da Verdade, “eu te declararei o que está escrito na escritura da verdade” (ARC); Palavras de Vida: “o qual recebeu as palavras de vida” (At 7.38 ARC); Sagradas Letras: “desde a infância, você conhece as sagradas letras” (2 Tm 3.15); Palavra de Deus: “Porque a palavra de Deus é viva e eficaz” (Hb 4.12). A expressão “Palavra de Deus”, para se referir a Bíblia, é mais frequente (Mc 7.13; Ef 6.17). Às vezes, nos referimos às Escrituras simplesmente como “a Palavra”.

O próprio Deus é a fonte de autoridade das Escrituras. A autoridade divina da Bíblia deriva de sua origem em Deus. A chancela de autoridade espiritual é vista de maneira cristalina nas Escrituras como: “assim diz o SENHOR Deus de Israel” (Êx 5.1); “Assim diz o SENHOR Deus” (Is 7.7); “a palavra do SENHOR veio a

ele” (Jr 1.2); “Como está escrito na profecia” (Mc 1.2). O Senhor Jesus Cristo chama as Escrituras Sagradas de “a Palavra de Deus” (Mc 7.13). Todas essas expressões revelam a fonte dessa autoridade (1 Pe 1.23-25).

Nenhum livro na história da humanidade influenciou tanto as nações como a Bíblia. Isso nos vários aspectos da vida humana, nos relacionamentos, no lar, no trabalho, na sociedade e na igreja, na forma de governo de praticamente todos os países do planeta. É o livro mais traduzido no mundo, está disponível em 3.988 línguas, segundo relatório de janeiro de 2019 das Sociedades Bíblicas Unidas, com sede em Londres, que congrega 148 sociedades bíblicas do mundo. A Bíblia completa está disponível em 692 idiomas, falados por 5,6 bilhões de pessoas. O Novo Testamento está traduzido em 1.547 línguas, faladas por 805 milhões de pessoas, além das porções ou seleções bíblicas traduzidas em 1.123 línguas, faladas por 411 milhões de pessoas (Sl 19.4-6).[143] Não é de estranhar o nosso grande amor, respeito e dedicação pela Bíblia.

Com os recursos da mídia virtual, o alcance da Palavra ultrapassa a faixa de 6,5 bilhões de pessoas: “Ele envia as suas ordens à terra, e a sua palavra corre velozmente” (Sl 147.15). E, dessa forma, o evangelho pode alcançar o mundo inteiro (Mt 24.14; Lc 24.47). A primeira coisa que uma igreja deve fazer quando alguém vem a Jesus é dar-lhe uma Bíblia de presente. É importante

o novo convertido ser inteirado do valor da Bíblia e da necessidade de sua leitura diária. Isso faz parte do discipulado.

Concernente à comunhão, isso é de vital importância. Quando alguém recebe a Jesus Cristo em um de nossos cultos, essa pessoa não é mais chamada de senhor José ou dona Maria, agora é “irmão” ou “irmã”, é assim que nós os costumamos tratar. Isso acontece porque essa pessoa agora pertence a família de Deus (Ef 2.19), somos irmãos. É aí que começa o nosso laço de amizade com essas pessoas, isso é comunhão. Lucas descreve numa linguagem pitoresca esse padrão de vida entre os primeiros cristãos que devemos imitar (At 2.42-47).

A palavra grega para “comunhão” é *koinonia*, “compartilhamento, comunhão, participação, solidariedade”. Era um termo favorito do apóstolo Paulo que entre nós é o “vínculo com um propósito e devoção comum que une os cristãos entre si e os une a Cristo”.[144] A comunhão no cristianismo envolve tanto o relacionamento entre os irmãos como também com o Pai, com o Filho (1 Jo 1.3) e com o Espírito Santo (2 Co 13.13).

Temos nessa passagem lucana de Atos uma demonstração de comunhão e serviço. Comunhão, portanto, significa compartilhar ou participar mutuamente de algum evento comum ou acordo: “Da multidão dos que creram era um o coração e a alma” (At 4.32). “Coração” diz respeito ao centro da vida, à mesma inclinação. “Alma” é a sede das emoções, fala dos mesmos afetos e sentimentos (Fp 2.3; Jo 3.16-18). Todos os crentes tinham o mesmo

propósito, a mesma esperança, servindo o mesmo Senhor. É isso que Deus espera de cada um de nós no cumprimento da Grande Comissão.

O DISCIPULADO E O CRESCIMENTO SADIO DA IGREJA

A vontade de Deus é que todos os seus filhos e as suas filhas “cresçam na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo” (2 Pe 3.18). A igreja precisa do processo do discipulado para cumprir o propósito da Grande Comissão. Esse processo tem por objetivo instruir o novo convertido sobre os vários aspectos da vida cristã. Não se trata de opção, é ordem de Jesus para a edificação e crescimento espiritual de cada cristão. Esse crescimento deve ser quantitativo e qualitativo, ou seja, em número e qualidade espiritual. O discipulado prepara o novo convertido para o aprendizado teológico mais aprofundado, isso acontece na escola bíblica dominical, pois os cursos teológicos são excelentes, mas tem duração e limitações curriculares. A vantagem da EBD é que ela não termina nunca, não tem prazos para matrículas, recebe alunos de qualquer idade e de qualquer credo religioso. Ela permite um crescimento salutar, progressivo e atualizado.

Uma pesquisa realizada nos Estados Unidos em março de 2020 pelos Institutos Ligonier Ministries and LifeWay Research, em que apresentavam algumas afirmações teológicas tanto para o público

geral como também para o público evangélico para que concordassem ou discordassem delas. Selecionamos duas dessas declarações. A primeira, “Jesus era um grande Mestre, mas não era Deus”, dos americanos evangélicos, 30% concordaram, 66% discordaram e 4% não tinham certeza. A segunda, “Jesus é o primeiro e o maior ser criado por Deus”. Os que discordaram foram 29% e 6% não tinham certeza.

Em dezembro de 2016, a *Folha de São Paulo* publicou uma pesquisa abrangendo vários aspectos político e social na sociedade brasileira. Com a declaração “Todas as religiões têm o mesmo valor porque todas levam ao mesmo Deus”, por incrível que pareça, 50% dos pentecostais responderam que concordam com ela. A pesquisa separou pentecostais e não pentecostais, mas não separou pentecostais dos neopentecostais. Mesmo assim, é um número assustador. As seitas se aproveitam dessa ignorância para causar divisão nas igrejas e destruir lares. O problema está na falta do discipulado e de incentivo pelo estudo da Palavra de Deus. Estamos vivendo numa geração de analfabetismo bíblico sem precedentes. São muitos os que procuram igrejas como encontro social, para passar tempo, mas que ainda não têm a mínima noção do significado de ser cristão. Trata-se de um número considerável que sequer conhece a verdadeira identidade de Jesus e nem a sua singularidade. É lamentável! Jesus disse: “quando o Filho do Homem vier, será que ainda encontrará fé sobre a terra?” (Lc 18.8).

Que é um discípulo? O discípulo é um aprendiz, seguidor, adepto dos ensinos de uma escola ou de uma pessoa em particular. Chamamos de discipulado na fé o aprendizado de um discípulo por meio de seu mestre, na igreja, para ajudar a desenvolver o seu crescimento espiritual. O termo “discipulado” vem de “discípulo”, que significa “aprendiz, aluno, seguidor”. Quem não sabe quem é Jesus, pode ser seu discípulo?

---

137 CHAUI, Marilena. *Introdução à História da Filosofia Dos Pré-Socráticos a Aristóteles*, 2ª. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 188.

138 CHAUI, Marilena. Ibidem, p. 226.

139 Ibidem, p. 336.

140 Do verbo grego *peripate¯o*, “caminhar em volta, andar em redor, circular, circunvagar”.

141 SACCONI, Luiz Antonio. *Grande Dicionário Sacconi da língua portuguesa.* São Paulo: Editora Nova Geração, 2010, p. 689.

142 Os zelotes eram patriotas radicais da Judeia que atribuíam as mazelas do seu país à presença romana em Israel. Eram chamados, em hebraico, *cananim*, “devotos, zelosos”. Segundo Flávio Josefo, eles surgiram durante o reinado de Herodes, o Grande (*Guerra dos Judeus contra os Romanos*, livro quarto, capítulo 12, edição CPAD). Eles eram favoráveis à guerra imediata contra os romanos e os provocavam continuamente. Os sicários (do latim, *sicca*, “punhal”) portavam sempre um punhal para usar contra os romanos em caso de necessidade, eram os mais fanáticos. O Senhor Jesus trouxe um dos zelotes para o seu colégio apostólico, Simão cananeu (Mt 10.4; Mc 3.18) também conhecido como “Simão, chamado Zelote” (Lc 6.15; At 1.13).

143 Esses números são flutuantes, pois há inúmeras comissões de traduções espalhadas pelo mundo sob coordenação e orientação das Sociedades Bíblicas Unidas. A essa altura, tal estatística deve estar defasada, pois se trata de uma obra dinâmica, que não para.

144 *Diccionario Bíblico Conciso Holman – Un tesoro de conocimiento bíblico em cada página.* Nashville, TN, USA: Broadman & Holman publishers, 2001, p.135.

capítulo 13

VOLTADOS OS OLHOS PARA A BENDITA ESPERANÇA

O *slogan* dos nossos pioneiros fala da promessa de salvação na sua plenitude que inclui a esperança da vinda de Cristo: “Jesus salva, cura, batiza no Espírito Santo e breve voltará”. A expressão “bendita esperança” se refere à essa volta de Cristo, que é a esperança da igreja desde o dia em que Jesus retornou ao céu. A visão dos primeiros pentecostais da Rua Azusa ia além dos dons espirituais com sua fundamentação bíblica, o propósito deles era a evangelização mundial, e nessa mensagem de que Cristo salva

estava a esperança da sua vinda. A vinda de Cristo não era uma doutrina nova, assim como a manifestação do Espírito e seus dons no pentecostalismo moderno não eram uma inovação, mas uma volta aos tempos apostólicos. Essa era a mesma esperança dos primeiros cristãos (2 Ts 2.1). Assim, a nossa esperança é algo vívido e real, não se baseia em utopia e nem em imaginação humana, mas em fatos revelados na Palavra de Deus e confirmados pela História.

BREVE O SENHOR VIRÁ

As profecias messiânicas do Antigo Testamento apontam para dois eventos: a aparição de Jesus como homem para realizar a grande obra da redenção[145] e a sua segunda vinda, no fim dos tempos, escatológica, que envolve o arrebatamento da igreja e a sua vinda em glória. Os profetas Isaías, Ezequiel, Zacarias, dentre os demais anunciaram essas promessas. O *slogan* de Daniel Berg terminava com o “breve voltará”, que diz respeito ao arrebatamento da igreja. Tanto os primeiros missionários como os líderes nacionais que Deus levantou em nossa terra deram continuidade à escatologia pentecostal com equilíbrio e prudência. Não se vê qualquer extravagância escatológica em nenhum deles, pois desde então muitos grupos já surgiram com crenças exóticas, alguns chegaram até a marcar a data da vinda de Cristo. Nossos pais se pautaram pela Bíblia e isso mostra a seriedade do fundamento da nossa denominação.

Nós aprendemos deles as advertências do Senhor Jesus: “Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai” (Mt 24.36) e na passagem paralela (Mc 13.32);[146] “Não cabe a vocês conhecer tempos ou épocas que o Pai fixou pela sua própria autoridade” (At 1.7). Parece que muitos líderes e grupos religiosos não prestaram atenção às palavras de Jesus, pois arriscaram marcar a data da segunda vinda de Cristo.

Somente Deus sabe o dia e a hora do arrebatamento da igreja. Mas, há muitos sinais que mostram que a vinda de Jesus se aproxima e muitos deles se encontram em Mateus 24.1-14 como o aparecimento de muitos falsos cristos (vv. 4,5), não é incomum alguém se apresentar como o Cristo. Guerras e calamidades (vv. 6,7) são uma referência aos distúrbios mundiais e uma crise na política internacional. A crescente onda de violência nas principais capitais do mundo, a expansão do terrorismo e do narcotráfico acontecem nos dias atuais porque a iniquidade está se multiplicando (v. 12). Estamos vivendo na época do “princípio de dores” (v. 8). Todos os acontecimentos da atualidade apontam para esta realidade. A fome generalizada em muitos países e a pandemia da Covid-19 têm ceifado muitas vidas e muitos estão em desespero. A crise religiosa (v. 12) e o crescimento da apostasia nos últimos tempos têm alcançado proporções estarrecedoras.

Os principais sinais são a efusão do Espírito Santo, uma promessa para os últimos dias (Jl 2.28-32; At 2.16-21), que, a partir do avivamento da Rua Azusa, tem se espalhado pelo mundo inteiro.

Os Pentecostais são o maior movimento protestante do mundo. O outro sinal evidente é a fundação do Estado de Israel. Jesus disse: “Olhem para a figueira e todas as árvores. Quando veem que começam a brotar, vocês mesmos sabem que o verão está próximo” (Lc 21.29-31). A figueira, na Bíblia, representa a nação de Israel (Os 9.10; Jl 1.6,7). A figueira perde suas folhas no inverno e só na primavera, que antecede o verão, os ramos começam a se encher de botões. Quando isso acontece todos ficam sabendo que o verão já está se aproximando. Essa metáfora é usa da como um dos sinais da vinda de Jesus. Quando as Nações Unidas aprovaram a fundação de um estado judeu em *Eretz Israel*, em 27 de novembro de 1947, era cumprimento de inúmeras profecias bíblicas (Is 66.8; Ez 36.24; 37.21; Am 9.14-15). É sobre isso que Jesus está falando nessa profecia da Figueira. A data de 14 de maio de 1948 foi o dia a publicação do primeiro Diário Oficial de Israel e o dia em que as tropas britânicas deixaram o país.

A restauração da nação de Israel, conforme as profecias bíblicas, deve acontecer em duas etapas, primeiro, a restauração nacional e depois a espiritual. Isto está claro na visão do profeta Ezequiel sobre o vale de ossos secos no capítulo 37. A figueira já começou a brotar (Mt 24.32-33). Isso mostra que estamos na primavera, estação em que a figueira começa a ficar com os ramos novos e as folhas começam a brotar, anunciando que o verão se aproxima. Essa é uma das razões pelas quais sabemos que a vinda de Jesus está próxima. Pregamos por toda a parte que Jesus breve

vem, essa mensagem está em nossos hinos congregacionais e nos diversos cânticos inspirados nas Escrituras. Ninguém sabe o dia e nem a hora, mas o Senhor Jesus deixou sinais claros e evidentes que mostram que esse dia está próximo. Os apóstolos que viveram no período da primeira hora já anunciavam que a vinda do Senhor se aproximava (1 Pe 4.7; Ap 1.3; 22.10), que não diremos nós que somos a igreja da última hora?

A NECESSIDADE DE VIGILÂNCIA

A advertência principal de Jesus no seu sermão escatológico é no tocante à vigilância. Isso não é difícil de entender. Somente Deus sabe o dia da vinda de Jesus. Entendemos como vigilância o ato ou efeito de vigiar, o estado de quem permanece alerta, de quem procede com precaução para não correr risco. Por essa razão, devemos permanecer acordados, atentos no cuidado de não nos afastarmos de Jesus, e aguardar a bendita esperança.

Desde muito cedo na história da igreja, nunca faltou quem anunciasse datas precisas da vinda de Jesus. Russell Norman Champlin apresenta um resumo de datas fracassadas dos que marcaram data para a vinda de Jesus ao longo desses 20 séculos desde a ascensão de Cristo ao céu. O seu breve relato se baseia numa matéria reimpressa num artigo da revista *Fate*, edição de novembro de 1962, da autoria do reverendo Alson J. Smith (1908-1965), que serviu como ministro metodista em Montana, cidade de

Nova Iorque.[147] No seu relato, ele conta que, quando se aproximava o ano 1000, tanto os clérigos como os leigos estavam confiantes em que o Senhor Jesus estabeleceria o Juízo Final antes do ano 1000, e, portanto, a data escolhida para a segunda vinda de Cristo foi a meia-noite de 31 de dezembro do ano 999. Era o assunto do cotidiano na Europa daqueles dias. Uma expressão própria era usada nos términos de diálogos ou de cartas – *appropinquante mundi termino*, que significa: "com o fim do mundo que se aproxima". Muitos doavam e vendiam os seus bens, passando a viver nas colinas. Milhares iniciaram a sua peregrinação para Jerusalém. O ano 1000, todavia, chegou, foi-se e nada dessas coisas aconteceu. Todos voltaram às suas atividades, reiniciando tudo. Foi um prejuízo incalculável para a sociedade.

No início do século XII, um astrólogo persa, chamado Anwari, escolheu a data de 16 de setembro de 1186 como o dia do fim do mundo. Conseguiu o apoio de muitos outros astrólogos, pois dizia que cinco dos maiores planetas se conjugariam sob o signo de Libra. Os promotores dessa profecia começaram a pregar para a nobreza e o clero, e novamente a Europa se alvoroçou. Muitos venderam suas propriedades e formaram caravanas rumo a Jerusalém, mas a data chegou, e nada aconteceu.

Johanes Stoeffler, membro do corpo docente da Universidade de Tübingen, na Alemanha, figura de grande envergadura e respeitadíssimo, chegou a ser até conselheiro de príncipes. Publicou em 1499 um livro intitulado *Efemérides*, em que anunciou o fim do

mundo, a se dar por um dilúvio previsto para 20 de fevereiro de 1524. Segundo ele, o evento ocorreria em virtude de uma conjunção de vinte planetas, no signo de Peixes, pois Stoeffler era astrólogo, e nos seus dias a astrologia tinha grande prestígio e credibilidade. À medida que a data se aproximava, a Europa entrava em histeria coletiva. Muito se escreveu sobre isso na época e muitos exploraram o assunto até nos seus mínimos detalhes. Como seria essa catástrofe?

O rio Reno, por exemplo, ficou repleto de arcas, pois milhares de homens as construíram na esperança de sobreviver ao dilúvio. Leis que regulamentavam o uso das arcas foram promulgadas: quem tinha direito de entrar nelas e como seria o comportamento no seu interior. Os que, todavia, não se prepararam para o “grande dia” assustaram-se com o súbito temporal, com trovoadas e relâmpagos, que por coincidência ocorreram no dia 20 de fevereiro, e com isso invadiram as arcas construídas.

O conde Von Igglehein, que havia construído uma gigantesca arca para sua própria salvação e a de sua família, matou à espada um invasor, sua arca foi despedaçada, e ele também acabou morto. As trovoadas e os relâmpagos acompanhados das chuvas seguiram-se por alguns dias, para desespero da população, mas depois tudo voltou ao normal. A tempestade não foi o início do dilúvio, nem mesmo o fim do mundo ocorreu.

William Whiston, amigo de Isaac Newton e seu sucessor na cadeira de Geografia Astronômica, na Universidade de Cambridge,

Inglaterra, era tido como um dos cientistas mais respeitados da Inglaterra, pelos menos “até à data de 13 de outubro de 1736”. Ele apresentou alguns modelos do santuário do templo de Jerusalém para um grupo de eruditos de Londres. Segundo o estudioso, dentro de três dias ocorreria o fim de tudo. Ele afirmou: “Portanto, amigo, agora já podemos esquecer-nos das especulações da ciência. O período final de todas as coisas está próximo. Dentro de três dias este mundo deixará de existir. Na quinta-feira, pela manhã, aproximadamente às cinco horas da madrugada, aparecerá o cometa sobre o qual eu vos tenho advertido. O Messias será devolvido à terra, a fim de subir a Jerusalém, e, na sexta-feira, o mundo terminará por meio do fogo, do terremoto e da matança”.[148]

Londres entrou em pânico, pois o considerava um cientista de nomeada, dono da cadeira de Geografia Astronômica da mais famosa universidade, e não só da Inglaterra, mas também uma das mais respeitadas do mundo. Além disso, ele apresentara recursos da própria Bíblia, pois a base dessa predição eram as dimensões do templo de Jerusalém e do tabernáculo bíblico e sobretudo a aproximação do cometa de Halley. A maioria creu nele. O povo em desespero forçou o arcebispo da Cantuária a abrir a catedral de Westminster para o grandioso e solene culto de oração, o que o arcebispo se recusou a fazer. Como nenhuma de suas predições se cumpriu, William Whiston foi expulso de sua cátedra na Universidade de Cambridge. Perdeu então seu prestígio na

Inglaterra e caiu em descrédito na sociedade, por mais que justificasse o seu fracasso e dissesse que havia errado nos cálculos.

Em 1818, William Miller começou a pregar que dentro de 20 anos Cristo voltaria à Terra, e em 1831 Miller anunciou que esse evento ocorreria em 23 de março de 1843. Tentou justificar a sua "profecia" com Daniel 8.13,14, quando dizia que as 2.300 tardes e manhãs correspondiam a 2.300 anos, e marcou como ponto de partida o retorno de Esdras a Jerusalém em 457 a. C.

Muitos venderam propriedades e foram para as colinas esperar o retorno de Cristo. Em Boston, muitos se vestiram de branco e permaneceram em constante oração. Enquanto isso muitos, em outras partes dos EUA, entregaram-se publicamente à imoralidade e à prostituição. Nenhuma dessas "profecias", porém, se cumpriu. Então, Miller se justificou dizendo que se enganou, errou nos cálculos, e marcou nova data — 22 de outubro de 1844, que também fracassou.

Diante disso, ele se arrependeu, procurou a igreja, pediu perdão e foi servir a Deus. Outros grupos adventistas marcaram diversas datas: 1847, 1852, 1854, 1855, 1866 e 1877, mas o Senhor Jesus Cristo não voltou: "depois de 1844 o movimento milerita do 'Segundo Advento' fragmentou-se gradualmente em vários grupos adventistas.[149] Uma multiplicidade de novas datas começaram (sic) a aparecer: 1845, 1846, 1847, 1850, 1851, 1852, 1853, 1854, 1866, 1867, 1868, 1870, 1873, 1875, e assim por diante, e estas datas, cada uma tendo seus promotores e seguidores, contribuíram para

uma fragmentação ainda maior".[150] O dissidente do movimento millerista, Nelson H. Barbour, profetizou o fim para 1873. Nada aconteceu, e ele se desculpou com a teoria da "presença invisível" de Cristo, ocasião em que se aliou, em 1877, a Charles Tazel Russell, fundador do movimento das testemunhas de Jeová. Barbour e os outros dissidentes milleristas como Jonas Wendell, George Storr e George Stetson foram os pais na fé de Russell; são eles os ancestrais espirituais das testemunhas de Jeová.

Depois dos adventistas com seus diversos grupos, vieram as testemunhas de Jeová, que marcaram diversas datas, uma após outra; e, à medida que a data chegava sem nada acontecer sobre o profetizado, seus líderes reinterpretavam as profecias e as protelavam para outras datas, como 1878, 1914, 1915, 1918, 1920, 1925, 1942, 1975.[151] Todos eles falharam, pois somente Deus sabe o dia e a hora (Mt 24.36; Mc 13.32).[152]

VIVENDO COM FIDELIDADE

Sabemos que Deus é fiel. A fidelidade de Deus é um dos atributos comunicáveis, conhecidos também nos diversos tratados de teologia sistemática como atributos morais, atributos relativos, atributos transitivos. Esses são tipos de atributos divinos (Sl 36.5; 89.2; Lm 3.23; 1 Co 1.9; 2 Ts 3.3; 2 Tm 2.13) "que encontram alguma ressonância nos seres humanos"[153] como a verdade e a fidelidade dentre outros atributos: amor, bondade, justiça, sabedoria.

Fidelidade é a qualidade de ser cheio de fé, característica do que é fiel, lealdade, trata-se de uma demonstração de fé, lealdade, respeito, constância nos compromissos assumidos. A fidelidade é uma das virtudes cristãs proveniente do Espírito na vida do crente (Gl 5.22). Essa verdade é ensinada em toda a Bíblia, de maneira direta nos relatos históricos e proféticos, nas parábolas e ilustrações como importante virtude na vida cristã (Mt 25.21; 1 Co 4.2; 2 Tm 2.19). Viver com fidelidade é adotar um estilo de vida cristão na esperança da vinda de Jesus. Assim como Deus é santo e exige santidade do seu povo, da mesma maneira um Deus fiel exige fidelidade do seu povo.

Na resposta à pergunta dos discípulos: “Será este o tempo em que o Senhor irá restaurar o reino a Israel?” (At 1.6) está o grande tema do livro de Atos, não só para os apóstolos, mas também para a igreja em todas as eras: “Mas vocês receberão poder, ao descer sobre vocês o Espírito Santo, e serão minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra” (At 1.8). Com isso Jesus mostrou aos seus discípulos que a prioridade era a evangelização do mundo e que não era hora de analisar o momento crítico da história em que estavam vivendo. A ênfase é a evangelização. Os discípulos foram fiéis ao chamado do Senhor, se entregaram à obra com fidelidade e dedicação. Da mesma forma os nossos pais procederam nesse trabalho com muito empenho, e dessa forma devemos proceder até o dia do cumprimento da bendita esperança.

Jesus responde à pergunta dos discípulos ampliando o horizonte desse reino. “Não vos pertence saber os tempos e as estações” (At 1.7). Essa resposta foi dupla: “Tempos”, no grego nessa passagem, é *chronos* e significa um longo período. Haveria um espaço de tempo entre a descida do Espírito Santo e a vinda de Cristo para a pregação do evangelho. “Estações”, nesse versículo, é *kairós*, que significa “ocasião” e se refere aos eventos críticos que devem acompanhar o estabelecimento do reino. “Tempos e estações” são prerrogativas de Deus.

---

145 Seria semente da mulher (Gn 3.15; Gl 4.4); seria descendente de Abraão, Isaque e Jacó (Gn 12.3; 17.19; 24.14; Lc 3.33, 34); seria descendente de Judá (Gn 49.10; Mt 1.2,3); nasceria de uma virgem (Is 7.14; Mt 1.18; Lc 1.34); em Belém de Judá (Mq 5.2; Mt 2.1-5; Lc 2.9-11); da linhagem de Davi (Jr 23.5,6; Mt 2.1); fugiria para o Egito (Os 11.1; Mt 1.15); as crianças de Belém seriam assassinadas (Jr 31.15; Mt 2.17); habitaria em Naftali, nos confins de Zebulon (Is 9.1-4; Mt 4.14,15); entraria triunfalmente em Jerusalém, montado num jumento (Zc 9.9; Mt 21.1-11); seria traído por um amigo (Sl 41.9; Mt 26.14-16); seria condenado pelos nossos pecados (Is 53.8-11; 1 Co 15.3); seria crucificado (Sl 22.1; Mt 27.33-35; Jo 19.17-19); ressuscitaria dentre os mortos (Sl 16.10; Mt 28.1-5); retornaria ao céu (Sl 24.7-10; At 2.9-11); seria sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque (Sl 110.4; Hb 5.5,6; 6.20; 7.15-17).

146 Toda a vez que faço menção dessas duas passagens (Mt 24.36; Mc 13.32), sinto-me na responsabilidade de apresentar uma breve explicação para evitar mal-entendido. Estamos diante de uma passagem muito disputada desde as controvérsias arianistas (século 4), pois eram usadas para negar a divindade absoluta de Jesus; como as testemunhas de Jeová o fazem ainda hoje. O argumento de ambos grupos, o antigo e o de hoje, é o seguinte: “Se há coisas que somente o Pai sabe”, como o Filho pode ser Deus? No entanto, a Bíblia afirma sobre Jesus: “na cabeça dele há muitos diademas; tem um nome escrito que ninguém conhece, a não ser ele mesmo” (Ap 19.12). Respondemos a eles com outra pergunta, usando o método usado por Jesus (Mc 11.28-33; 12.14-16) e passagens paralelas). Então, há coisas que também somente o Filho

sabe? Jesus é onisciente (Jo 16.30; Cl 2.2, 3), portanto, hoje Ele sabe o dia e a hora de sua vinda.

147 CHAMPLIN, Ph. D. Norman Russell. *Estamos entrando agora nos quarenta anos finais da terra?* São Paulo: Nova Época Editorial, s/d, p. 15.

148 Ibidem, p. 19.

149 Os termos “adventista, adventismo” vêm de “advento”, uma referência ao advento de Cristo, era de uso comum na segunda metade do século 19 para identificar os diversos movimentos dissidentes do grupo de William Miller.

150 JONSSON, Carl O. *The Gentile Times Reconsidered.* Atlanta, GA, USA: Commentary Press, 2004. p. 42. Edição em português tradução de Miguel Servet Jr., 2008, p. 49. “Carl Olof Jonsson foi ancião das Testemunhas de Jeová, na Suécia, fez uma investigação criteriosa e rigorosa sobre a visão escatológica da Sociedade Torre de Vigia. Preparou uma monografia e enviou ao Corpo Governante, em 1977, refutando cada ponto. A orientação recebida foi para o esquecimento da pesquisa e o sigilo, pois o Corpo Governante não precisava de ajuda, mas não refutou os argumentos de Jonsson. Sua obra causou profundo impacto em Raymond Franz, na época, membro do Corpo Governante. Jonsson desligou-se do movimento e sua pesquisa foi transformada em livro, *The Gentile Times Reconsidered* (*Os Tempos dos Gentios Reconsiderados*), publicado primeiro na Suécia e depois no Canadá, por M. James Penton, que prefaciou a obra, em 1983; em seguida, nos Estados Unidos, em 1986, pela Commentary Press, Atlanta. A última edição, 2004, contém 390 páginas” (SOARES, Esequias. *Testemunhas de Jeová – A inserção de suas crenças e práticas no texto da Tradução do Novo Mundo.* São Paulo: Editora Hagnos, 2008, p. 27.

151 SOARES, Esequias. *Testemunhas de Jeová – A inserção de suas crenças e práticas no texto da tradução do novo mundo.* São Paulo: Editora Hagnos, 2008, pp. 87-96.

152 Todas as “profecias” e suas respectivas datas das testemunhas de Jeová estão documentadas em forma de *fac-similes*, ou seja, cópias de suas próprias publicações (SOARES, Esequias. *Provas Documentais – Uma coleção de fac-símiles da literatura da Torre de Vigia apontando falsas profecias e mudanças doutrinárias*. Recife PE: Editora Bereia Acadêmica, 2014, pp. 81-127).

153 CAMPOS. Heber Carlos de. *O Ser de Deus e os Seus Atributos*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2002, p. 167.


CPAD
Batalha Espiritual
O Povo de Deus e a Guerra Contra as Potestades do Mal
Esequias Soares
&
Daniele Soares

Batalha espiritual

Soares, Daniele

9788526318649

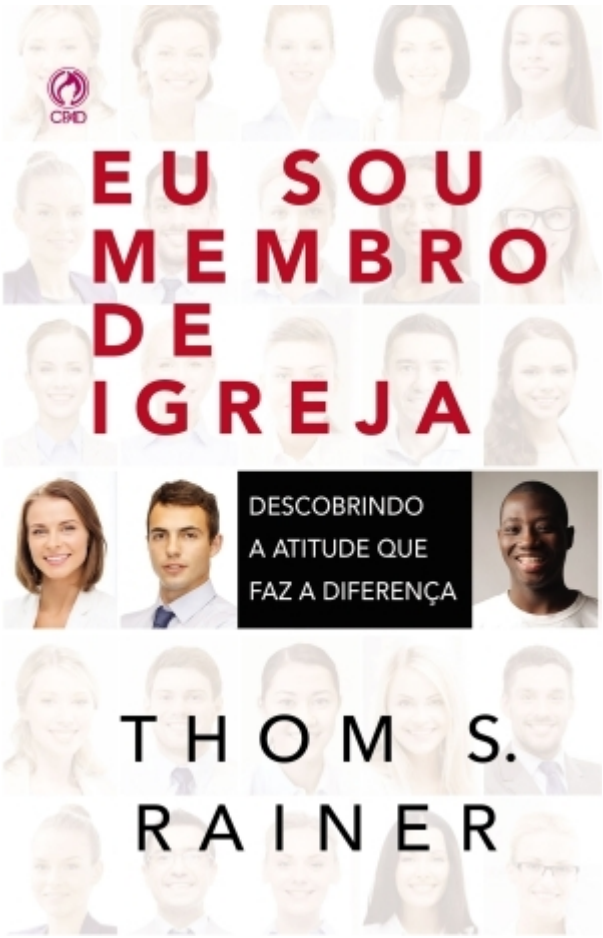
160 páginas

Compre agora e leia

Esta necessária obra mostra e explica com base bíblica e histórica a realidade da batalha espiritual nos seus vários aspectos a fim de que o cristão possa, de fato, se preparar adequadamente para enfrentar esta importante realidade espiritual.O conceito de batalha espiritual na Bíblia afirma "que todo o mundo está no maligno" (1 Jo 5.19). Existem seres malignos e espirituais que desde o princípio conspiram contra Deus e contra os seres humanos para a destruição e o caos no mundo. Os cristãos se opõem a essas forças malignas pela pregação do evangelho, pela oração e pelo poder da Palavra de Deus. Os demônios existem; eles são reais e

manifestam-se de várias maneiras, principalmente nas pessoas possessas, e tais espíritos precisam ser expulsos. A essa oposição dos crentes chamamos "batalha espiritual", assunto que todos devemos tratar com seriedade e muita responsabilidade.

Compre agora e leia


CBMD
EU SOU MEMBRO DE IGREJA
DESCOBRINDO A ATITUDE QUE FAZ A DIFERENÇA
THOM S. RAINER

Eu sou Membro de Igreja

RAINER, THOM S.

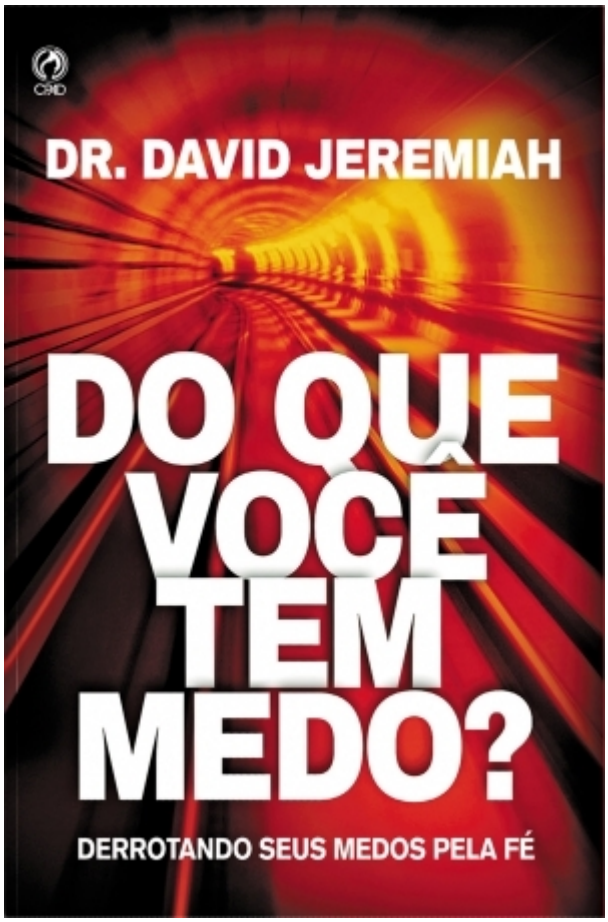
9788526318588

112 páginas

Compre agora e leia

Ao dizer que os membros da igreja precisam parar de agir como "consumidores" e começar a agir como "discípulos", Thom coloca o alvo no lugar correto: em nossa disposição (ou na ausência dela) de seguir a Jesus. Este livro traz uma mensagem oportuna, profunda e desafiadora para os cristãos em geral: igrejas não são clubes de campo. Deus nos colocou nelas para servir, cuidar dos outros, orar, aprender, ensinar, e, até mesmo, morrer pelo Evangelho.

Compre agora e leia


DR. DAVID JEREMIAH
DO QUE VOCÊ TEM MEDO?
DERROTANDO SEUS MEDOS PELA FÉ

Do que você tem medo?

Jeremiah, Dr. David

9788526314184

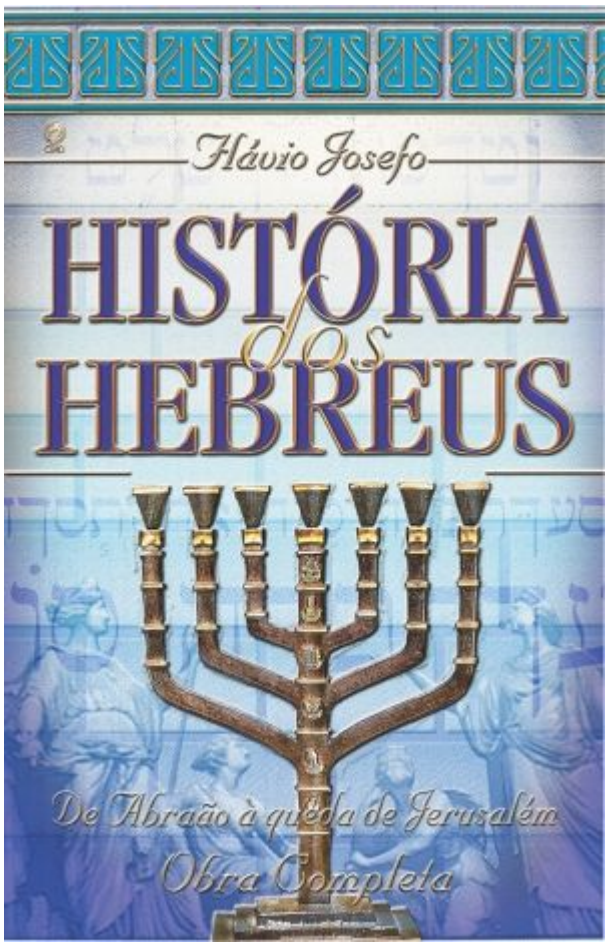
264 páginas

Compre agora e leia

VOCÊ PODE VENCER O MEDO! Todos temos medo de algo, seja do fracasso, sucesso, solidão, multidão, morte, vida. A lista é interminável. Ninguém está imune ao medo. O medo assombra os fracos e os fortes, os jovens e os velhos, os pobres e os ricos. É o elemento que nos coloca a todos no mesmo nível. Alguns medos assaltam-nos apenas momentaneamente, passando quase tão rapidamente quanto surgem. Mas outros nos atacam por toda a vida. Instalam-se na mente aniquilando todo senso de segurança e, por vezes, chegam a assumir o controle da vida. Mas não tenha medo! Há esperança. Em Do que Você tem Medo? David

Jeremiah Identifica e explica o que está no cerne de nove de nossos maiores medos e estabelece um plano bíblico para vencer cada um deles. Examina também um determinado medo que deve fazer parte de nossa vida diária: o temor de Deus. Um Produto CPAD.

Compre agora e leia


Flávio Josefo
HISTÓRIA DOS HEBREUS
De Abraão à queda de Jerusalém
Obra Completa

História dos Hebreus

Josefo, Flávio

9788526313491

1568 páginas

Compre agora e leia

Em História dos Hebreus o autor escreve com detalhes os grandes movimentos históricos judaicos e romanos. Qualquer estudante da Bíblia terá em Flávio Josefo descrições minuciosas de personagens do Novo Testamento (Evangelhos e Atos), tais como: Pilatos, os Agripas, os Herodes e inúmeros outros pormenores do mundo greco-romano, tornando esta obra, depois da Bíblia, a maior fonte de informação sobre o povo Judeu. Um produto CPAD.

Compre agora e leia


Mais de um milhão de cópias vendidas
Como ter o Coração de Maria no Mundo de Marta
Fortalecendo a Comunhão com Deus em uma Vida Atarefada
JOANNA WEAVER
Autora do Best-Seller Tendo um Espírito como o de Maria

Como ter o Coração de Maria no Mundo de Marta

Weaver, Joanna

9788526312302

256 páginas

Compre agora e leia

Um convite para toda mulher que sente que não é piedosa o suficiente ... não está amando o suficiente ... não está fazendo o suficiente. A vida de uma mulher hoje não é realmente tão diferente da de Maria e Marta no Novo Testamento. Como Maria, você deseja se sentar aos pés do Senhor ... mas as demandas diárias de um mundo ocupado simplesmente não o deixam em paz. Como Marta, você ama Jesus e realmente quer servi-lo ... mas luta com cansaço, ressentimento e sentimentos de inadequação. Então vem Jesus, bem no meio de sua movimentada vida Maria / Marta - e ele estende o

mesmo convite que fez há muito tempo às duas irmãs de Betânia. Com ternura, ele convida você a escolher "a melhor parte" - uma vida alegre de intimidade na "sala de estar" com ele, que flui naturalmente para o "serviço de cozinha" para ele. Como você pode fazer essa escolha? Com sua nova abordagem à história familiar da Bíblia e suas estratégias criativas e práticas, Joanna mostra como todos nós - Maria e Marta - podemos nos aproximar de nosso Senhor, aprofundando nossa devoção, fortalecendo nosso serviço e fazendo as duas coisas com menos estresse e maior alegria.

Compre agora e leia